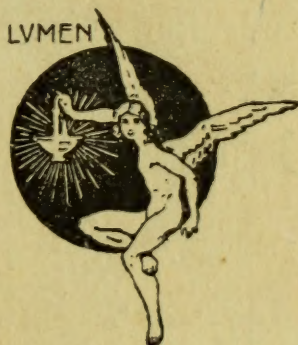
3 1761 06680345 3

MENDES DOS REMEDIOS

INTRODUCÇÃO Á HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA

TERCEIRA EDIÇÃO

BRIEF
PQD
0021959

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO, EDITOR
1911

INTRODUCÇÃO

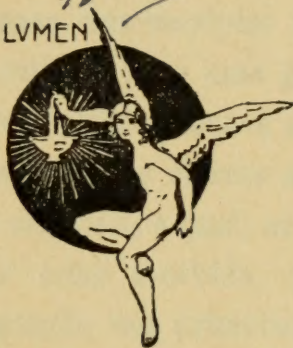
Á

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA

MENDES DOS REMEDIOS

INTRODUCÇÃO
Á
HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA

TERCEIRA EDIÇÃO

LVMEN

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1911

DUAS PALAVRAS

Esgotado ha bastante tempo este livro varias vezes pensei se valeria a pena de reimprimi-lo e não foi, resignadamente o confesso, sem um certo desalento misturado de esbatidas tintas de melancolia, que fui revendo, transformando, corrigindo, esclarecendo e ampliando este pequeno e modestissimo trabalho, na consciencia de que alguns serviços, por ventura, superficiaes, talvez illusorios, uma ou outra vez elle venha a prestar aos que do ensino vivem e á missão do ensino se consagram.

Ha alguns meses apenas um escriptor francês distinctissimo, cuja primasia critica é para uma grande maioria indiscutivel, o sr. Emilio Faguet, lançava na velha *Révue des Deux-Mondes* (1) um grito de alarme a proposito da decadencia da lingua do seu país, a qual, no seu entender, atravessa uma profunda crise morbida, que pode ser funesta á clareza, á elegancia, aos primores de arte e de eurithmia que tanto realce lhe deram sempre e que constituem fundadamente um dos motivos de orgulho do nobre povo francês.

---

(1) Vid. o n.º de 15 de setembro de 1910 sob o titulo: *La crise du français et l'enseignement littéraire à la Sorbonne.*

Semelhante affirmação não foi contestada e até o conhecido hellenista, actual decano da Faculdade de Letras e director da Sorbonna, sr. Croiset, julgou ser necessario no discurso de abertura dos cursos referir-se ao facto, não para o contestar ou illidir-lhe a importancia, mas para eximir da responsabilidade a illustrada corporação scientifica que dirige (1).

E pensava eu, com magua, olhando para dentro do ninho paterno, quanto desalinho, quanto desconforto nos cerca, a nós a quem faltam as qualidades primaciaes que tornam os povos orgulhosos do seu destino e altivos da sua funcção na harmonia das sociedades.

Quem hoje na nossa casa liga importancia de maior ao estudo das linguas e das letras aformosentadas pelos povos mais cultos da antiguidade! Ha muito que em Portugal se fulminou o anathema do *non legitur* a tudo quanto da Grecia proveio, e o systema chamado da bifurcação, ultimamente posto em vigor no ensino secundario, arredou do interesse escolar para um quasi absoluto des-

---

(1) Cfr. *Revue internationale de l'Enseignement*, n.º de 15 de novembro de 1910.

credito e abandono o que nos prendia ainda a uns vagos vestigios da velha educação classica.

Bom Deus! Em França com um regimen de ensino vigorosamente desenvolvido, para o que não concorreu pouco a liberdade em que até ha bem pouco vivia, com escolas de habilitação do professorado, com numerosas Faculdades de Letras, com uma classe escolhida de pensadores e letrados que, quer em livros, quer em revistas, semeia abundancias de idéas, em França queixam-se, lamentam-se apavoram-se mesmo com o definhar da lingua que tem sido o instrumento mais poderoso das revoluções operadas na historia contemporanea!

E entre nós...

Mas eu pensei, afinal, que o trabalho que posesse na remodelação deste livro não seria de pura perda. Aqui e acolá um ou outro exforço isolado existia, que convinha auxiliar e, bem ponderadas as cousas, nessa atmosphera de melancolia e desalento tenho eu vivido a vida inteira sem por isso, atrevo-me a dizê-lo, ter deminuido o exforço das funcções que contrahi intellectual e socialmente com a sociedade que não escolhi, mas em que me foi dado viver.

A satisfação dum tal ou qual egoismo tem tambem o seu imperio e a efficacia das nossas acções não é só pela sua origem como principalmente pela sua resultante que se aquilata e aprecia.

Os que conheciam este livro da precedente edição depressa avaliarão dos melhoramentos que agora procurei introduzir — sem fugir ao plano primitivo. Como já fiz na *Historia da Literatura Portuguesa,* tambem aqui dei conhecimento das obras traduzidas para a nossa lingua. Quando isso não sirva para confrontos no genero daquelles de que nos dá uma bella, embora rapida, amostra, o academico brasileiro sr. dr. João Ribeiro no seu ultimo livro (1), pode, todavia, de momento, por-nos em contacto com alguns dos mais bellos, dos mais interessantes e curiosos intellectuaes da antiguidade.

Mas d'isto e do mais o livro que diga.

MENDES DOS REMEDIOS.

---

(1) *O Fabordão,* 1 vol., 1910. Veja-se a pag. 315 « *Gonzaga e Anacreonte* ».

I

ELEMENTOS DE PHILOLOGIA PORTUGUÊSA

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A portuguêsa lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva,
Se atéqui estava baixa e sem louvor,
Culpa he dos que a mal exercitarão
Esquecimento nosso e desamor.

FERREIRA, *Poemas Lusit.*, l. I, cart. 3.

PHILOLOGIA PORTUGUÊSA

I

Elementos primordiaes das linguas

1. — O apparelho phonador. Os elementos primordiaes constituitivos da voz humana são os sons. A producção dos sons é um phenomeno physiologico realizado num apparelho phonador, que no homem se compõe das seguintes partes:

a) *larynge,* que continua com a trachéa, a qual por seu turno communica com os pulmões por meio dos bronchios;

b) *pharynge,* que se relaciona com a parte superior da larynge;

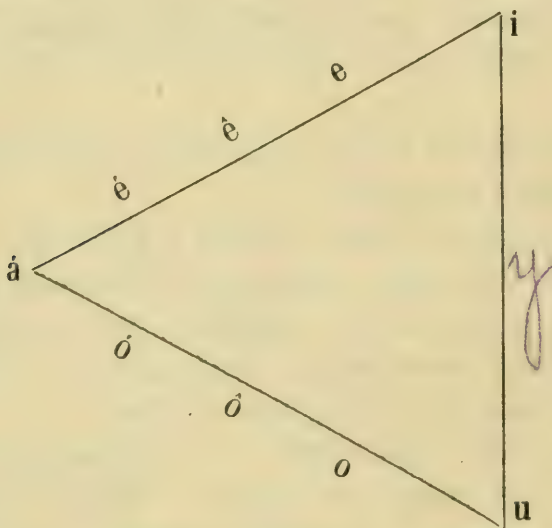
c) *fossas nasaes e boca,* que estão em correspondencia directa com a pharynge.

Destes orgãos o mais essencial é a larynge, que, constituida por differentes cartilagens e revestida de diversos musculos apresenta uma cavidade, que se costuma dividir em duas secundarias: *supra-glotica* e *infra-glotica,* tomando como ponto de partida a *glote.*

A parte mais importante do apparelho phonador é a glote, que se alonga no repouso e durante a producção dos sons graves, e se estreita durante a producção dos sons agudos e em geral na phonação. E' atravez da pequena abertura que ella apresenta, que se effectua a expiração e a inspiração do ar. Este é expellido pelos pulmões e modificado especialmente na parte superior do tubo bocal — fossas nasaes e boca — adquirindo aqui a sua articulação propria. E' com o auxilio da larynge primeiramente e com o dos orgãos articuladores — pharinge, fossas nasaes e boca, que se produzem os *phonemas,* isto é, — os sons articulados constituitivos das

palavras. Tal é, a largos traços, o mecanismo da voz humana (1).

2. — **Divisão dos sons.** Todos os sons se subordinam a um de dois systemas: 1.° **vogais** ou melhor — **vozes livres**; e 2.° **consoantes** ou melhor — **vozes constrictas** (2).

1.° As *vozes livres* são produzidas pela vibração das cordas vocaes, mas sem contacto ou constricção de qualquer outra parte do apparelho phonador. As vozes livres fundamentaes e communs a todas as linguas são: **a, e, i, o, u.** As outras vozes são intermediarias e todas se ligam entre si por transições pouco sensiveis. O som **a** é o mais cheio, **u** o mais surdo, **i** o mais agudo. Eis o eschema natural:

(1) Para mais largos desenvolvimentos póde consultar-se a dissertação do sr. Leite de Vasconcellos, *A Evolução da Linguagem*, Porto, 1886; cfr. especialmente os numeros 1 e 2 da parte primeira aos quaes recorremos no esboço que apresentamos.

(2) Umas e outras não serão egualmente sons laryngeos apesar de modificados de modo diverso? As vogaes não se transformam em consoantes (consonantização) e as consoantes em vogaes (vocalização)? Não é rigorosa a affirmação de que as consoantes se não possam pronunciar sem o concurso das vogaes. Cfr. sr. Leite de Vasconcellos, ob. cit., pg. 24-25.

Se a prolação do som se faz no angulo da garganta obtem-se o som **a**; se no palato o **i**; se nos labios o **u**. Como intermediarios têem-se **e**, **o**.

Se se obriga o ar a passar em parte pelo tubo bocal e em parte pelas fossas nasaes, resultam as vozes *nasaes* **ã**, **ẽ**, **õ**, etc.; se a prolação do som se faz livremente pelo tubo bocal, têem-se então as vozes *oraes* ou puras.

2.º As *vozes constrictas* são os phonemas modificados pelas diversas posições do tubo bocal. Se ha fricção do ar por uma approximação imperfeita dos orgãos, de modo a permittir a prolongação dos sons, têem-se as chamadas vozes *continuas-fricativas*: **v**, **f**, **s**, **z**, **x**, **j**. Ao contrário se ha contacto completo dos orgãos, cessando subitamente após a expulsão do ar têem-se as vozes *momentaneas* ou *explosivas*: **k**, **t**, **p**, **g**, **d**, **b**. As continuas sub-dividem-se em *fricativas* (**k**, **j**, etc.) e *liquidas* (**l**, **r**).

O logar de articulação destas vozes é differente como o é tambem o exforço em pronunciá-las. D'ahi a designação de *guturaes, palataes, reversas, apicaes, labio-dentaes* e *bi-labiaes*, quando se consideram sob o primeiro aspecto, e o de *surdas* (**k**, **t**, **p**) e *sonoras* (**g**, **d**, **b**) quando se consideram sob o segundo.

Ha ainda a distinguir as *nasaes* (**m**, **n**).

Os grammaticos confundiram tanto as vozes livres como as constrictas com as letras, que as representam, e tanto a umas como a outras chamaram — ás primeiras vogaes, e ás segundas consoantes.

3. — Dos phenomenos consoantes portugueses póde formar-se o seguinte diagramma (1):

(1) Cfr. sr. Gonçalves Vianna, *Exposição da pronúncia normal Portuguêsa*, Lisboa 1892, pg. 50.

Classificação das consoantes portuguêsas

Classes	Oraes					Nasais
	Explosivas		Contínuas			
			Fricativas			
	Asperas ou surdas	Doces ou sonoras	Asperas ou surdas	Doces ou sonoras	Liquidas	
Guturaes (a)	c = k	g				n (1)
Palataes (b)			x = ch	j	lh	nh
Reversas (c)			ṣ (2)	ẓ (2)	r	
Apicaes (d)	t	d	s	z	l	n
Labio-dentaes (e)			f	v		
Bi-labiaes (f)	p	b				m

(a) Com a raiz da lingua no extremo do palato duro.
(b) Com o dorso da lingua na abobada palatina.
(c) Com o bordo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores.
(d) Com o apice da lingua nas gengivas dos incisivos superiores.
(e) Com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores.
(f) Com o labio inferior no superior.

4. — Formação das linguas. Os sons articulados expressos numa só emissão de voz constituem as *syllabas*, estas agrupadas as *palavras*, estas combinadas logica-

(1) Como soa em *ancora, angustia*, etc.

(2) Os signaes ṣ e ẓ representam o actual *s* beirão, inicial e intervocalico. Era assim a pronúncia geral do *s* em todo o país, e ainda hoje o ouvimos nos finaes de syllaba ou palavra.

mente as *phrases,* e estas, succedendo-se e relacionando-se, formam o *discurso.*

As linguas não são mais do que fórmas particulares da linguagem, que, differenciando-se pouco a pouco no tempo e no espaço, acabaram por constituir um complexo mais ou menos numeroso de palavras. As linguas não estacionam; como phenomenos dynamicos estão sujeitas a alterações de varias ordens, que estudaremos nos logares competentes. E' portanto evidente, que se podem considerar as linguas debaixo de dois aspectos diversos: como factos ou productos naturaes e como documentos historicos. D'ahi as duas sciencias — *Glotologia* e *Philologia.*

II

Glotologia e Philologia

5. — **Sciencia das linguas.** A sciencia da linguagem é muito recente. Na Allemanha, em França e em Inglaterra, paises onde nasceu e se constituiu, foi por muito tempo designada pelos nomes de *Philologia comparada, Glotologia, Linguistica, Grammatica comparada, Etymologia scintifica,* e outros, o que trouxe idéas indecisas, e por vezes erroneas, sobre o fim e o merito real da nova sciencia. Uma nomenclatura rigorosa está estabelecida hoje depois dos trabalhos de Max Müller, em especial, depois da publicação d'*A Sciencia da Linguagem* (1), preferindo-se dentre aquelles nomes os de *Philologia* e *Glotologia.*

O primeiro cuidado que importa ter é de não confundir os dois termos, que correspondem a sciencias differentes,

(1) *La Science du langage,* tr. de G. Harris e G. Perrot, Paris, 1876, 3.ª ed., pg. 24.

embora auxiliando-se mutuamente. Ambas ellas estudam a linguagem, mas em condições differentes, com criterios differentes e portanto empregando methodos differentes.

6. — Differença entre a Philologia e a Glotologia. A Philologia pertence ás sciencias historicas; a Glotologia é um ramo das sciencias naturaes; esta estuda principalmente os elementos da linguagem, aquella a linguagem já formada. Por isso disse com razão o notavel philologo allemão Schleicher: o linguista é um naturalista; estuda as linguas á maneira por que o botanico estuda as plantas. O botanico estuda as leis de estructura e desenvolvimento dos organismos vegetaes, não se preoccupando com o maior ou menor valor das plantas, nem com o seu uso, belleza, etc. Uma herva póde ter para elle tanto valor como as rosas mais bellas, os mais raros lirios. O papel de philologo é differente; assim como o jardineiro escolhe taes ou taes plantas segundo o colorido das petalas, o perfume que exhalam, etc., o philologo estuda as linguas já formadas e fixadas nos documentos historicos (1). A philologia classica ou oriental, escreve outro grande philologo, M. Müller, quer se occupe das linguas antigas ou modernas, das linguas cultas ou incultas, é uma sciencia historica, e não trata da linguagem senão como instrumento. Littré definiu com precisão os dois termos:

Glotologia — o estudo das linguas consideradas nos seus principios, relações e como producto involuntario do espirito humano.

Philologia — o estudo e conhecimento duma lingua, enquanto ella é o instrumento ou o meio duma literatura (2).

---

(1) *Die deutsche Sprache,* intr., c. VI.

(2) *Dict. de la lang. franç.,* verb. *Philologie.* Veja-se o assumpto d'este numero lucidamente exposto no cap. I, pg. 29 e seg. do *Manual da Sciencia da Linguagem* por G. de Gregorio, tr. do sr. Candido de Figueiredo, Lisboa, 1903.

7. — **Philologia das Literaturas.** Tem cada povo a sua literatura, como tem a sua philologia.

Ha uma philologia *classica*, que tem por objecto o estudo das linguas grega e latina, como ha uma philologia *espanhola, italiana, inglêsa*, etc.

A *philologia portuguêsa* estuda a lingua de que se serviram os escriptores do nosso país, as suas origens, elementos de formação e desenvolvimento, phases por que passou, etc. A análise philologica do idioma português não deve limitar-se, pois, á lingua materna; é preciso levá-la mais longe — estudando a sua genealogia, ou o tronco que lhe deu origem, e confrontando-a com as demais linguas co-irmãs. Estas investigações que formam o conteúdo da *philologia comparada*, são, por vezes, indispensaveis.

III

Classificação das linguas

8. — **Classificação das linguas.** Um dos primeiros cuidados da Glotologia foi estabelecer uma classificação das numerosas linguas falladas á superficie do globo. Tantas tentativas até hoje feitas não conduziram por emquanto a um resultado definitivo, nem tam depressa conduzirão, porque para se chegar a tal seria necessario conhecer a estructura e os caracteres essenciaes das diversas linguas espalhadas sobre o globo. Parece, porém, depois dos estudos dos irmãos Schlegel, de Humboldt, e de Müller, de Schleicher, Pott, Grasserie e outros, que são a classificação genealogica de Withney e a morphologica de Max Müller aquellas, que embora não exemptas de defeitos, são todavía as mais acceitaveis.

9. — Classificação genealogica. A classificação genealogica consiste em devidir as linguas por familias, isto é, pelas relações de parentesco que umas têem com as outras, ou seja, segundo a sua *origem*. Esta base é fallivel. Ha linguas com origem commum, que differem na estructura grammatical, e que ficam portanto fóra do quadro genealogico. Por outro lado a impossibilidade de agrupar certas linguas na mesma familia genealogica não prova, que essas linguas não tenham tido origem commum (1).

10. — Classificação morphologica. A classificação morphologica funda-se sobre a fórma das palavras, isto é, sobre o modo como se combinam as raizes, sobre o processo por que se agrupam e reunem para exprimir e coordenar as idéas, que representam, ou seja, segundo a sua construção grammatical (2). Tambem se poderia objectar, que, com semelhante base, podem agrupar-se linguas de origem diversa ou separar-se linguas da mesma origem (3).

Apesar de Max Müller declarar a sua classificação completamente estranha á de Withney (4) é preferivel reuni-las como faz J. Vinson, e como nós passamos a expôr (5).

11. — Grupos de linguas. Morphologicamente consideradas as linguas devidem-se em tres grupos: monosyllabicas, aglutinantes e flexivas.

12. — Linguas monosyllabicas ou isolantes.

Nestas linguas cada palavra é formada d'uma raiz simples. Esta raiz não se altera, não soffre nenhuma

(1) M. Müller, *ob. cit.*, pg. 208.
(2) M. Müller, *ob. cit.*, pg. 334.
(3) Sr. Adolpho Coelho, *A lingua portuguêsa*, 2.ª ed. pg. 45-46.
(4) *Obr. cit.*, pg. 334.
(5) *Grand Encycl.*, verb. *Linguistique*.

especie de flexão, nem recebe prefixos, nem suffixos. Para exprimir os differentes conceitos, juntam-se as palavras umas ás outras, que permanecem independentes e invariaveis. A grammatica dellas é muito complexa.

As palavras têem muitas vezes significações diversas, entre as quaes é preciso escolher, guiando-nos, quer pelo sentido geral da phrase, quer pelo emprego simultaneo de duas palavras, que tenham entre as suas significações diversas um sentido commum.

Por exemplo: em chinês a raiz « *tao* » tem o sentido de « arrebatar, attingir, cobrir, estandarte, pão, levar, caminho »; a raiz « *lu* » significa « voltar, vehiculo, pedra preciosa, orvalho, forjar, caminho »; a reunião dos dois termos *tao lu* designa a significação commum — caminho (1).

São monosyllabicas as seguintes linguas ainda vivas: o *chinês*, o *annamita*, o *siamês*, o *birmano* e o *tibetano*, cujos nomes indicam a situação geographica, e o *chassia*, na fronteira nordeste da India.

13. — Linguas aglutinantes.

Pertencem a este grupo todas as linguas que constam de palavras em cuja formação entram elementos que se juxtapõem, aglomeram ou aglutinam. Nas linguas monosyllabicas, como deixamos dito, as palavras constam d'uma só syllaba e representam uma só idéa, carecendo, por isso, de prefixos, suffixos ou de qualquer elemento que designe a idéa de relação. Nas aglutinantes as palavras constam de varios elementos — uma, que exprime a idéa principal, e as outras, que representam idéas de relação; mas entrando na composição das palavras estes differentes elementos nem perdem a significação que lhes é propria, nem soffrem mudanças morphologicas importantes. Podem, por isso, separar-se com a mesma facilidade com que se

(1) Vid. H. Hovelacque, *La Linguistique*, e J. Vinson no art. cit. da *Grand Encycl.*

unem ou aglutinam. Nas linguas flexivas a palavra tambem consta d'um elemento principal — a raiz, e d'outros accessorios, que traduzem as idéas de genero, numero, tempo, etc., mas estes elementos, ao entrarem na composição, ou perdem totalmente a sua significação, ou a modificam, e todos soffrem taes mudanças morphologicas, que uma vez unidos não podem facilmente separar-se.

E' assim evidente a differença entre a aglutinação e o monosyllabismo.

No monosyllabismo a palavra consta d'uma só syllaba e representa uma só idéa; na aglutinação as palavras constam de varias syllabas e representam, além da idéa principal, tantas idéas accessorias quantos os elementos que se aglutinam.

Tambem a differença entre a aglutinação e a flexão não é menos clara. Naquella os elementos formativos da palavra não perdem o seu valor, nem a sua fórma; tanto podem empregar-se sós, como unidos; nesta os elementos que se acrescentam á raiz de tal modo se modificam na significação e maneira de ser, e a tal ponto adherem á raiz, que constituem um só organismo, não podendo viver separados d'ella, não sendo mais que membros mutilados ou fragmentos de palavras sem valor, nem significação propria.

Eis as linguas deste grupo que formam a maior parte das linguas conhecidas:

a) As *Dravidicas,* falladas na parte meridional da India, cujas principaes são: o *tamul,* o *canarim,* o *telinga,* o *malaiala,* e o *tulu.* Não tẽem artigo, e só recentemente admittem a distincção dos generos; não empregam prefixos; os tres tempos dos verbos tẽem suffixos especiaes; o seu vocabulario é muito restricto.

b) As *Uralo-altaicas* que formam cinco grupos principaes: 1.º) *Tungusco* que comprehende tres ramos dis-

tinctos — o *mandchú*, o *lamuta* e o *tungusco* propriamente dito, fallados na Siberia central e a noroeste da China; 2.º) o *Mongol* com tres dialectos — o *mongol oriental*, o *calmuco ou mongol occidental*, e o *buriato*, fallados ao noroeste da China e da Siberia; 3.º) o *Tártaro ou Turco* que comprehende as linguas que se fallam desde as margens do Mediterraneo oriental até ao Lena na Siberia, e que podem distinguir-se no — *turco* propriamente dito, com os seus varios dialectos, dos quaes o de Constantinopla é a lingua official do imperio ottomano e que é o mais importante, não só por este facto, mas ainda por ser o mais correcto dentro todos os da mesma familia; o *jacutico, uigurico, nogaico,* e *cirgisico;* 4.º) o *Samoiedo* que na Europa se entende do mar Branco até ás margens do Lena, e na Asia pela parte occidental da costa da Siberia. Comprehende cinco dialectos principaes — *juraco, jenisseu, tangui, ostiaco* e *camassino*; 5.º) o *Finlandês* que comprehende varias linguas — o *finlandês occidental,* o *permio,* o finlandês do *volga,* o *laponio,* o *magiar,* etc. A lingua dos Magiares ou hungaros é de todas a menos pura, pois se deixou influenciar fortemente, em virtude da sua situação geographica, pelas linguas germanicas e eslavas.

c) O *Vasconço* ou *Biscainho,* fallado por uns 450:000 individuos, na extremidade occidental dos Pyrineus, entre a França e a Espanha, tambem conhecido pelo nome de *Euscára*. É a unica lingua aglutinante no meio das linguas flexivas da Europa, offerecendo verdadeira difficuldade o seu estudo não só pela sua complicada estructura, como tambem pela falta de monumentos literarios, através dos quaes se podesse seguir a sua evolução, e como ainda pelos muitos dialectos em que se sub-devide.

d) *Linguas autochtonas da America,* de que se contam, segundo Frederico Muller, desde o Cabo Horn até á Terra

do Fogo, vinte e seis familias mais importantes. Destas as principaes são: o *algonquino, iroquês, dacota* e *apalache* fallados no Canadá e Estados-Unidos; o *azteco* e *otomi* fallados no Mexico; o *maya* no Yucatan; o *caraiba* e *arevaco* na Guyana inglêsa e holandêsa; o *guarani, araucanio* ou *chileno,* e o *quichua* em diversos logares da America do sul.

e) *Coreano,* muito pouco conhecido, largamente influenciado pelo chinês.

f) *Japonês,* tambem muito influenciado pelo chinês e que, longe do que em 1877 affirmava A. Hovelacque, é actualmente bastante conhecido na Europa.

g) *Malaio-polynesio,* que comprehende os dialectos fallados desde a ilha Formosa até Madagascar, agrupados em tres classes; a) *malaio,* b) *polynesio* e c) *melanesio.* O primeiro subdevide-se no *tagála,* a que pertencem os idiomas originaes da Formosa, Felippinas, Marianas e Madagascar; no *malgacho,* o mais puro de todos; e no *malaio-javanês,* o *malaio* influenciado pelas linguas *dravidicas,* sobretudo pelo *tamul,* e o *javanês,* de bastante importancia scientifica e literaria.

h) Linguas do grupo *Bantu,* falladas pelos Cafres e raças congeneres, desde o sul da Africa até ao equador, e que comprehendem os dialectos do *Zambeze:* o *cafir-zulo,* o *sechuana,* o *congolês,* e os idiomas das regiões dos grandes lagos de que o *suahili* é o typo principal.

i) Linguas *Africanas,* falladas na costa occidental média, e no centro do continente negro, cujas principaes são: *volof* no Senegal, *mandingo* no Senegal e na Guiné, o *felupo* na mesma região, *songai* no Niger médio; o *hausa,* lingua commercial duma grande parte do Sudan, etc.

j) *Pul* ou *Fula* ao norte das regiões onde se empregam as linguas acima apontadas.

k) Linguas *Nubias,* falladas na Nubia.

l) As linguas falladas pelos *Boschimães* e *Hottentotes,* ao sul da Africa; pelos *Negritos* de Malaca, ilhas Andaman, Nicobar e Felippinas; pelos *Papuas,* da Nova-Guiné; pelos *Australianos* são, tanto quanto o estado dos nossos conhecimentos póde avançar, linguas aglutinantes, como o são tambem os idiomas *hyperboreos* fallados ao norte da Siberia, no Kamtchatka, Kuriles e extremo norte da America.

m) Enfim pertencem ainda a este grupo certas linguas, hoje desapparecidas, mas que deixaram monumentos epigraphicos cuneiformes: o *méda,* o *sumeriano,* o *vanico* e o *etrusco,* de que appareceu recentemente uma inscripção (em Agram), a mais longa de todas as que possuimos escripta no velho dialecto da Italia.

14. — **Linguas flexivas.**

Denominam-se assim aquellas linguas em que se dão *phenomenos de flexão,* que podem ser de duas ordens differentes: *a*) ou modificações *vocalicas,* que apresenta uma mesma parte radical (por vezes até um suffixo) nos differentes derivados em que se encontra, ou *b*) o complexo das fórmas, que revestem as desinencias casuaes das palavras declinaveis e as desinencias pessoaes dos verbos na declinação e na conjugação. As linguas indo-europeas têem, pois, *flexão vocalica* e *flexão desinencial,* que se dá quer na *declinação* quer na *conjugação* (Paul Regnaud).

Estas linguas comprehendem duas familias inteiramente distinctas: as *Semitas,* subdevididas em *Semitas* e *Chamitas* e as *Arianas* ou *Indo-europeas.*

15. — Linguas Semitas.

As caracteristicas principaes das linguas deste grupo (1) são:

a) Todas as raizes susceptiveis de flexão tẽem tres consoantes radicaes. Mas este triliteralismo, hoje quasi absoluto, nem sempre existiu.

b) Na formação da raiz deve attender-se apenas ás consoantes. As vogaes não tẽem influencia na raiz, ao contrário do que succede nas nossas linguas. Ao passo que em português, por exemplo, as consoantes **p r t** poderão formar differentes palavras *porto, preto, prato, perto,* etc., em qualquer lingua do grupo semita os grupos de consoantes exprimem sempre uma só idéa. Em hebreu as consoantes **q t l** indicam sempre a idéa de *matar.*

c) A designação dos casos desappareceu nalgumas linguas d'este grupo, como por exemplo: em hebreu, mas em arabe já ha desinencias para o nominativo **(u)**, genitivo **(i)**, e accusativo **(a)**.

d) Para exprimir os tempos, o verbo semita considera a acção apenas debaixo de dois aspectos: ou como já realizada *(perfeito)*, ou como ainda não realizada *(imperfeito)*.

e) Quando duas palavras se ligam entre si por uma relação de construcção, nas nossas linguas indo-europeas é a segunda palavra que soffre as modificações. No grupo semita essas modificações dão-se na primeira palavra.

(1) A designação de *linguas Semitas* é incorrecta, porque suppõe que todos os descendentes de Sem as fallavam. Ora é certo que houve povos Semitas (Elamitas, Lydios) que as não fallavam, e povos não-Semitas (Phenicios e Arabes do Sul) que as fallavam. Renan propôs a designação de *Syro-arabes,* Stade a de *triliteras,* mas entre os sabios tem vingado a que damos e que remonta aos fins do seculo XVIII. Cfr. J. Baumgartner, *Introduccion à l'étude de la langue hebraique,* Paris; pag. 7-47.

f) Se exceptuarmos o *ethiopio* e o *assyrio-babylonio,* todas estas linguas se escrevem da direita para a esquerda.

Pertencem a este grupo: o *arameu,* que comprehende duas linguas vivas: o *chaldeu* e o *syriaco,* e uma lingua morta — o *assyrio;* o *chananeu,* subdevidido em *hebreu* e *phenicio;* e o *arabe* comprehendendo o *arabe* propriamente dicto e diversos idiomas da Arabia meridional e da Abyssinia.

16. — **Linguas Chamitas.**

Pertencem, como dissemos, ao grupo das linguas semitas sendo todavia a sua grammatica mais simples que a daquellas, e abrangem tres grupos: o *egypcio,* que não comprehende senão linguas mortas; o *lybio* ou *berbere* (da Berberia), com varios dialectos ainda hoje fallados, e o *ethiopio* usado no sul do Egypto e na Abyssinia.

17. — **Linguas Indo-europeas ou Arianas.**

Estas linguas que se fallam desde a India até ás margens orientaes do Atlantico são de todas as mais bem estudadas. São egualmente as mais importantes e as que são representadas pelo melhor e pelo maior numero de monumentos literarios. O parentesco entre as diversas linguas d'esta familia está absolutamente demonstrado, chegando-se mesmo a reconstituir quasi por completo a lingua commum, hoje perdida, que lhes deu origem, e que se fallava, segundo as mais recentes opiniões, no baixo Danubio ou na Russia Meridional, isto é, no sueste da Europa (1). Eis algumas das caracteristicas desse idioma primitivo dos indo-europeus:

a) tinha oito casos: nominativo, genitivo, dativo, accusativo, ablativo, locativo, primeiro e segundo instrumental;

---

(1) É um problema, por enquanto insoluvel, o da região precisa da Europa em que os Arias primitivamente viveram e donde começaram a diffundir-se, mas aquillo em que todos concordam é em afastar a origem asiatica destes povos.

b) tinha tres numeros (singular, dual, plural); e tres generos (masculino, feminino, neutro);

c) o verbo não tinha senão duas vozes: transitiva e intransitiva; tres modos: indicativo, conjunctivo, optativo; quatro tempos simples: presente, imperfeito, aoristo e perfeito.

18. — Classificação das linguas Indo-europeas. As linguas indo-europeas podem classificar-se em oito grupos — *indico, iranico, hellenico, celtico, germanico, eslavo, lettico* e *italico.*

1.º — O *Indico* abrange o *antigo indiano* ou *sanscrito védico,* que é a mais antiga de todas as linguas da familia arica, o *sanscrito classico* em que estão escritos os principaes monumentos literarios e religiosos da India; e o *pracrito* donde provieram, além das dravidicas, as linguas modernas — *sindi, panjabi, bengali* e outras.

2.º — O *Iranico* que comprehende quatro linguas mortas — *zenda, persa antigo, pelevi* ou *huzuareche* e *parse,* e muitas vivas — o *persa,* o *curdo* fallado no Curdistão; o *osseta* fallado em parte do Caucaso, e ainda o *armenio* e o *afgane,* que alguns linguistas consideram independentes.

3.º — O *Hellenico* que se compõe do *grego antigo* com os seus dialectos *attico, jonico, dorico, eolico,* e do *romaico* ou *grego moderno,* que se formou posteriormente á queda do imperio bizantino.

4.º — O *Celtico,* que se estendeu pelas Gallias e Espanha, norte de Italia e parte das ilhas Britanicas, subdevide-se em dous ramos: *a*) *bretão* que comprehende o *gallês,* ainda hoje escripto no país de Galles; o *córnico* das Cornualhas (Gran-Bretanha), que se extinguiu ha pouco mais d'um seculo; e o *armorico* ou *baixo-bretão,* fallado na Bretanha

francêsa. *b*) O outro ramo celtico é o *gaelico* que comprehende — o *irlandês* ainda fallado por uns 500.000 individuos, mas cuja acção vai sendo cada vez mais restricta pelo uso do inglês; o *erso* em uso no norte da Escossia; e o *manquês* que é um dialecto de ilha de Man.

5.º — O *Germanico,* que se subdevide em quatro ramos: o *gothico,* hoje extincto, mas que podemos estudar pela traducção da Biblia, feita no IV seculo da nossa era, por Vulfila, bispo de Mesia; o *escandinavo,* que comprehende o *sueco, dinamarquês, norueguês, islandês;* o *baixo-allemão* comprehendendo o *frisão* e o *saxonio,* que se ramificou, perdendo-se, no *anglo-saxonio,* que deu origem ao inglês moderno e ao *baixo-allemão* contemporaneo e neerlandês (hollandês e flamengo); e o *alto-allemão,* donde deriva o allemão classico moderno, e que atravessa tres periodos distinctos — antigo, médio e moderno.

6.º — O *Eslavo* composto do *esclavão* ou *eslavo liturgico* tambem chamado *velho-bulgaro;* de muitas linguas mortas como o *polabio* da região do Elba, e de nove linguas vivas: *russo, rutheno, polaco,* o *cheque* e *eslovaquia* da Bohemia, o *serabia* da Lusacia, o *servo-croata,* o *esloveno* e o *bulgaro.*

7.º — O *Lettico* que comprehende tres divisões: o velho *prussiano,* desapparecido ha duzentos annos, o *lettico* e o *lituanio.*

8.º — E enfim o que nos importa mais conhecer — o *Italico* que comprehende o *osco,* o *umbrico,* o *latim,* e o *etrusco* (linguas mortas). Foi o latim que deu origem ás linguas chamadas romanicas ou novi-latinas, de que passamos a occupar-nos.

IV

Linguas Romanicas

19. — Linguas Romanicas; principaes dialectos. Estas linguas, tambem denominadas *novi-latinas* (1), são caminhando de éste para oeste: *romeno, rético, italiano, provençal, francês, franco-provençal, espanhol* e *português* (2).

a) O *Romeno* é fallado na Moldavia e Valachia, em grande parte da Hungria e da Bessarabia por mais de nove milhões de indeviduos, metade dos quaes da Roménia propriamente dicta. Conta tres dialectos: *daci-romeno, macedi-romeno* e *istri-romeno*.

b) O *Rético,* chamado tambem *ladino* ou *reto-romano,* é fallado ao norte de Italia numa curva que costeia os Alpes desde o Rheno até ao mar Adriatico. A zona ladina é devidida em tres grupos: *occidental, central* e *oriental,* dos quaes o primeiro é o mais importante.

c) O *Italiano* fallado na Italia, Sicilia, Sardenha e Corsega, costas da Dalmacia, etc. Foi devidido por Ascoli em differentes dialectos. O mais importante é o empregado na linguagem literaria, o — *toscano*.

---

(1) E não *neo-latinas*, que é um hybridismo, nem *novo-latinas*, que é contrário á euphonia e ao genio da lingua latina embora auctorizadas pelo uso e outras expressões similares. A designação *novi-latinas* é regular: comparem-se: *homi-cidio, pleni-lunio, novi-lunio, alti-sono,* etc. Cfr. Luigi Valmaggi, *Grammatica Latina,* Hoepli, 1892, pag. 124-125.

(2) Esta enumeração tem designações só apparentemente divergentes. Vid. A. Hovelacque, *La linguistique*, 2.ª ed., 1877, pag. 314 e seg.; F. Diez, *Gr. des lang. Rom.*, Paris, 1874; Meyer-Lübke, *Gr.*, t. 1.º, pg. 7; Egidio Gorra, *Lingue Neolatine,* Hoepli, etc.

d) O *Provençal* ou lingua de *oc*, é um dos dialectos fallados ao sul da França; a linha norte, que o termina, estabelecida pelos philologos estende-se desde a foz do Gironda até á cadeia dos Alpes passando por Lussac, Jourdain, Montluçon e sul do departamento de Isère. Comprehende o *gascão* a sud-oeste, o *provençal* propriamente dicto na margem esquerda do Rhodano, e a oeste o *limosino.*

e) O *Francês* ou lingua de *oil* é fallado na França desde os limites que o separam do provençal; distinguem-se algumas variedades: o *loreno, picardo, normando,* etc.

f) O *Franco-provençal,* considerado por Ascoli como grupo dialectal independente, é fallado tambem na França na região limitada pelo Delphinado, Auvergne, Burgonha e Lorena; comprehende o Franco-Condado e na Suissa os cantões de Vaud, Neufchâtel, etc.

g) O *Espanhol,* fallado em Espanha e nas Canarias, comprehende muitas variedades dialectaes ainda hoje não classificadas. O *catalão,* usado na Catalunha, Valença, ilhas Baleares, etc., é por alguns philologos considerado como dialecto á parte. O *gallego,* a noroeste da peninsula iberica, e o *vasconço* ou *biscainho* estão nas mesmas condições (1).

---

(1) O sr. dr. Leite de Vasconcellos referindo-se a esta questão a propósito duma critica á *Grammaire des langues romanes* de Meyer-Lübke (I vol. *Phonetique,* 1860; II vol. *Morphologie,* 1895; e III vol. *Syntaxe,* 1900;) fórma o seguinte quadro de dialectologia hespanhola:

I. Co-dialecto asturiano;
II. Co-dialecto leonês;
III. Co-dialecto navarro-aragonês;
IV. Castelhano, lingua nacional, com os seguintes dialectos:
a) estremenho-andaluz;
b) dialectos da America (Montevideu, Bogotá, etc.);

h) Finalmente temos o *Português*, que tambem apresenta as suas variedades dialectaes, como noutro logar veremos, e que, além de ser usado em Portugal, ilhas adjacentes e colonias, o é tambem nos Estados-Unidos da America do Sul, a saber (1):

Norte.. { Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco.
Leste.. { Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo.
Centro. { Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso.
Sul ... { Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

V

A lingua Portuguêsa

20. — **Romanização da Peninsula iberica.** E' do dominio da história o indagar como e por que os Romanos conquistaram a peninsula hispanica. E' certo que esta não podia constituir uma excepção á cobiça insaciavel de semelhantes conquistadores. A situação geographica indicava-a naturalmente como devendo ser um dos limites do colossal imperio. A conquista porém, e mais que tudo a submissão dos povos que a habitaram, não foi obra nem rapida nem sempre gloriosa para os invasores. As legiões romanas encontraram nos povos da peninsula uma bravura

---

c) falla dos judeus de descendencia espanhola;

d) crioulos (Curaçao, Felippinas, etc.).

Cfr. *Rev. Lusit.*, t. 2.º, pg. 365-367. E' preciosa a bibliographia indicada.

(1) Julio Ribeiro, *Grammatica Portuguêsa*, S. Paulo, 1891, pg. 138. O cálculo feito pelo illustre grammatico sobre a extensão do português (10:277:000 kil. quadrados e 18:055:000 habitantes) é decerto muito fallivel.

e amor de independencia extraordinarios. Mas a persistencia e a traição inutilizaram os maiores esforços, e Públio Cornelio Scipião (211 a. C.) pôde enfim submetter a rebeldia daquelles, que por vezes rojaram no pó das batalhas as altivas águias romanas. Terminado o periodo das conquistas veiu o periodo da assimilação. Os vencidos adoptaram pouco a pouco a civilização dos vencedores. A lingua dos indigenas cedeu o passo á dos dominadores. Magistrados, colonos, soldados realizaram essa obra sem violencia. Os imperadores favoreceram a transformação, que insensivelmente se ia operando. Augusto concedeu aos habitantes de muitas cidades o direito de cidadãos, direito que Vespasiano estendeu depois a toda a Espanha (74 d. J. C.). No seculo II da era christã a romanização da peninsula estava operada; nomes illustres como os de Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Quintilliano, Columella e outros foram engrandecer a lista dos escriptores latinos.

21. — Latim classico, latim popular, « baixo » latim e latim « barbaro ». São quatro expressões que é preciso não confundir. O latim fallado na peninsula não era o mesmo de que se haviam servido os escriptores romanos. A differença, que se notava até em Roma, entre a lingua latina *escripta*, fixada nas suas fórmas durante seculos, e a lingua *fallada* pelo povo, era consideravel. Na peninsula succedeu pois o que se dava na propria Italia e nas restantes partes do imperio: havia um latim popular, a que os auctores chamam indistinctamente *sermo vulgaris, plebeius, rusticus, cottidianus*, etc. (1), e que era empregado

(1) Sobre o latim vulgar o melhor trabalho é o de: H. Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlatein*, 3 voll., Leipzig, 1866-69; G. Gröber, *Sprachquellen und Wörterbucher* e *Wulgärlateinische Substrate romanischer Wörter*, ambos no *Archiv für lateinische Lexicographie*, de E. Wölfflin, Leipzig, 1884 e seg.; vid. bibl. geral em E. Gorra, *ob. cit.*, pg. 53-55.

pelos legionarios, colonos, funccionarios, soldados e demais conquistadores que se estabeleciam nas provincias conquistadas, o qual se espalhou pela necessidade dos vencidos se entenderem com os vencedores, e um latim literario, *classico*, usado pelas pessoas cultas e empregado pelos escriptores, — *sermo eruditus, perpolitus, urbanus.*

« As differenças locaes, talvez minimas na origem, augmentaram, quando o imperio romano caiu, (476) quando as relações deixaram de ser reciprocas e em logar dum imperio homogeneo houve estados isolados e independentes uns dos outros » (1).

Com o tempo as differenças accentuam-se. Nos monumentos epigraphicos, em manuscriptos e até em obras de diversos escriptores é que se póde estudar o latim popular, e vêr o quanto elle se afastava do latim erudito.

Estas alterações, que modificavam profundamente a natureza da lingua, accentuam-se ainda no *baixo latim*, de que nos restam especimens escriptos, e no *latim barbaro* que, como aquelle, nunca foi lingua viva, mas de que ha egualmente documentos, como doações, testamentos, etc. Ahi nos apparecem formulas e modos de dizer typicos que os tabelliães ou notarios invariavelmente empregavam sem se importarem, ou antes, sem conhecerem as incorrecções que commettiam. Mas o elemento essencial da nossa lingua é o latim popular.

22. — **O vocabulario do latim popular da Lusitania.** Um estudo comparado do latim popular e do classico mostra as qualidades que caracterizam aquelle e que summariamente podemos resumir nas seguintes:

1.ª — O lexico do latim popular era muito mais restricto que o do classico, por isso que não tinha as exigen-

(1) W. Meyer-Lübke, *Gram. des lang. Romanes,* t. 1.º, pg. 6.

cias e mais condições de vitalidade e desenvolvimento que este tinha.

2.ª — Se muitos termos classicos se conservaram no latim popular, como — *aquila, frenum, gracilis, gubernator, lacrima, latrocinium, mare, pater, ordo, legere, tractare, probare,* etc., muitos outros desappareceram substituidos por palavras de origem popular, cujo sentido se alargou ou especificou: *battalia* — batalha, *caminum* — caminho, *spatha* — espada, *cattum* — gato, *masticare* — mastigar, etc.

3.ª — Grande numero de deminuitivos veio substituir as respectivas palavras conservando a mesma significação que estas, mas perdendo o seu caracter de deminuitivos: *acucula* em vez de *acus* (agulha); *foliculum* em vez de *folium* (folhelho); *auricula* em vez de *auris* (orelha); *ovicula* em vez de *ovis* (ovelha); *apicula* em vez de *apis* (abelha); *genuculum* em vez de *genu* (geolho e joelho); etc.

4.ª — Muitos derivados foram substituidos por outros derivados: *duplare* em vez de *duplicare* (dobrar); *aeternalis* em vez de *aeternus* (eternal); *cupiditia* em vez de *cupiditas* (cobiça), etc.

5.ª — Este vocabulario divergente alarga-se cada vez mais, mercê das circunstancias que estudamos no numero immediato, resultando de tudo uma linguagem differente, como a analyse de qualquer trecho, por mais simples que o seja, o revela immediatamente:

Latim classico (CICERO)	**Latim popular** (SECULO XI)
Non eram nescius, Brute, quum, quae summis ingeniis exquisitaque doctrina philosophi	Arias Sisvaldiz, Gunsalbo Alvitiz et Gunsalbo Frojaz, placum facimus inter nos, unus ad

Graeco sermone tractavissent, ea latinis litteris mandaremus, fore, ut hic noster labor in varias reprehensiones incurreret. Nam quibusdam, et iis quidem non admodum indoctis, totum hoc displicet philosophari. Quidam autem non id tam reprehendunt, si remissius agatur: sed tantum studium tamque multam operam ponendam in eo non arbitrantur. Erunt etiam, et hi quidem eruditi graecis litteris, contemnentes latinas, qui se dicant in graecis legendis operam malle cousume ....

CICERO, *De finibus bonorum et malorum*, l. 1.º, cap. I.

allios, die erit v. kal. Julius. Era CII, post Millesima, pro parte de ipsa Eglesia, vogabulo Sancti Martini Episcopi, que est fundado in villa Verdumi, et ad nobis deu nostra Domna Pala, et Menendo Abas, qui est electo in Acisterio de Valeiran, sujubsio Sisnando Episcopo, qui abidemus in illa Eglesia sudunus, et que quanto ad nobis Dominus mandar dare, in decimas, et in sal espaso, in vestire, in cobrire, et in calçare, et in de iumenta, et noferto qui est aprestano de Monacos........
....

J. P. RIBEIRO, *Dissert. chronol. e crit.*, vol. 1.º, pg. 220-221.

23. — **Causas de transformação do latim.** Entre as muitas causas da degenerescencia da lingua latina podem apontar-se as seguintes:

a) **Causas naturaes.** Registremos em primeiro logar a tendencia da propria lingua para a dissolução, e que é independente da vontade ou deliberação dos povos que a fallam. Com effeito, a implantação da lingua latina entre os povos da peninsula não foi intencional. A desmembração do latim nas linguas delle derivadas foi sobretudo devida a causas naturaes. As linguas são como as especies organicas: na lucta pela vida succumbem ou vencem, transmutam-se, alteram-se, differenciam-se.

b) **Invasões dos Barbaros.** Mas é preciso não esquecer factores doutra ordem, e que se filiam numa serie de acontecimentos, que muito contribuiram para o desapparecimento do latim classico. Assim as invasões barbaras do V ao VIII seculo, semeando a destruição por toda

a parte, fôram um estorvo poderoso ao desenvolvimento da cultura literaria. O estudo das sciencias passou a ser feito por um número restricto de individuos, quasi todos da classe ecclesiastica, e estes ainda sequestrados do mundo e envolvidos no silencio dos seus claustros, e portanto sem influencia directa sobre a sociedade.

Nos fins do seculo v já Mamertino Claudio se queixava do desprezo em que se tinham as regras grammaticaes (1).

c) **Desapparecimento da nobreza.** A ruina do latim precipitou-se á medida que avançamos. A nobreza romana, a classe patricia, onde certamente os primores da linguagem não deviam de estar totalmente esquecidos, havia desapparecido. S. Isidoro, bispo de Sevilha, condemnava a leitura dos classicos pagãos, o que equivalia a cortar um dos maiores obstaculos á corrupção do latim. A restricta acção das classes cultas, a dar-se, não podia pois ter efficacia sobre uma lingua havia muito liberta já de prisões grammaticaes.

d) **Civilização romana.** Além de tudo isto a civilização romana impunha-se á dos povos da peninsula pela sua superioridade. Povos ignorantes e subjugados ao dominio dos invasores pouca resistencia podiam offerecer a quem tinha, para fazer acceitar as suas leis, costumes e lingua, tantos meios como eram as — colonias, os municipios, os theatros, os presidios, e sobretudo a milicia numerosa e sempre oppressora.

A dissolução era por esta fórma inevitavel e fatal. Ficaram-nos documentos curiosos da ignorancia em que laboravam os que se diziam illustrados.

---

(1) « *Grammaticam video... pugno et calce propelli* » cit. por Aubertin, *Hist. de la langue et litt. fr.*, Paris, 1883, I, pg. 54.

Santo Ouen (VII sec.), diz Restori, considera como scelerados Vergilio, Homero e Menandro; faz de Tullio Cicero duas personalidades distinctas; um biographo confunde Titiro e Vergilio, e faz florescer a lingua latina em Athenas no reinado de Pisistrato (1)!

24. — Formação do lexicon portuguès.

No lexicon português encontram-se elementos provenientes de fontes diversas do latim; uns das linguas indigenas e outros das linguas dos povos invasores. Enumeremo-los rapidamente:

A) *Elemento celtico.*

Em Portugal, como succedeu em França para a respectiva lingua, a *celtomania*, isto é, o prurido de fazer derivar o português do celta, teve tambem a sua epoca (2), que passou com estudos mais aprofundados, que depois se fizeram. Algumas palavras ha em português de proveniencia celta, mas são em número restricto, embora caracteristico: *Douro* tem a sua raiz em *dur* (rio); *duna* em *dun* (montanha); *Minho* em *Minius; Vouga* em *Vacua,* etc.

B) *Elemento germanico.*

As palavras de origem germanica foram introduzidas pelos barbaros que desde os principios do seculo V invadiram a peninsula hispanica — alanos, suevos, vandalos e depois os wisigodos. São estes os que mais estenderam o seu dominio, estabelecendo o chamado reino wisigothico, que perdurou até á conquista arabe no seculo VIII. Os suevos apenas ficaram a noroeste da Peninsula, na região da Galliza e parte da Lusitania. Os vandalos foram obriga-

(1) Vid. *Lett. Provenzale,* Milão, 1891, pg. 27.

(2) A. Ribeiro dos Santos, J. Pedro Ribeiro, Cardeal Saraiva, etc. Veja-se a lista dos auctores de cada uma das opiniões, e a summula dos argumentos capitaes, nos *Primeiros Traços duma Resenha da Litt. Portuguêsa* (Lisboa, 1853), por José Silvestre Ribeiro, pg. 199 e seg.

dos a passar a Africa; os alanos desappareceram. Mas este dominio fôra sufficientemente persistente e longo para não deixar vestigios. Encontram-se, com effeito, muitos termos que se latinizaram ou accomodaram ás leis da phonetica e morphologia latinas. Sam, sobretudo, termos da arte da guerra, titulos nobiliarchicos, do direito feudal, ou relativos a instituições politicas e judiciarias: — *alabarda, arauto, baluarte, brandir, tregua, sabre, elmo, escaramuça, marechal, vassalo, franco, feudo.* Ha alguns termos relativos á arte da navegação: *arpão, barco, bote, batel, chalupa, dique, frota, mastro, quilha, vaga;* os vocabulos *norte, sul, éste, oeste;* alguns nomes proprios como *Ricardo, Rodrigo, Henrique, Bernardo,* etc.

F) *Elemento arabe.*

Depois dos Godos vieram os Arabes, que durante seculos dominaram na peninsula (711-1492) exercendo na literatura, no vocabulario, na arte e nos costumes uma influência accentuada.

« O predominio deste povo tornou-se tão directo e geral entre nós, que a lingua portuguêsa fallada para o sul do Mondego, depois da conquista do Algarve, era um misto de arabico, como bem nota Ribeiro dos Santos (1), misto que com o tempo formou a linguagem usada na prosa e documentos » (2). O vocabulario arabico fez-se principalmente sentir na medicina, na astronomia, na musica, na mathematica, em alguns nomes de pesos e medidas, e nos da arte da guerra. O arabe estudou-se na peninsula durante certa época mais e melhor que o latim. Foi em arabe que João de Sevilha escreveu uma exposição da Biblia; em arabe se traduziram as collecções dos cánones para uso da igreja de Espanha. O dominio do arabe exerceu-se

(1) *Origens e progressos da poesia portuguêsa* nas *Memorias de Litt. da Acad.*

(2) J. Maria d'Andrade Ferreira, *Curso de Litt. Port.*, t. 1.º, pg. 67.

de tal fórma, que escriptores como Alvaro de Cordova se queixavam de que se ignorasse o latim, em que se achavam exaradas as crenças christãs: *Heu, proh dolor! legem suam nesciunt christiani et linguam propriam non advertunt* (1).

Que admira, pois, que tenhamos no nosso vocabulario muitos termos arabes? Bastantes são bem conhecidos pelo artigo arabe *al* que os precede: — *Algarve, Almedina, almofariz, alcatifa, almondega, algebra, alcova, alfarroba, alviçaras, alfandega, almocreve,* etc. São tambem de proveniencia arabe: *açougue, açude, alazão, bazar, café, camelo, caravana, cifra, cabala, falua, fulano, marfim, zenith, nadir, zéro, xadrez, azougue, xarope;* a interjeição *oxalá* é tambem arabe.

Alguns destes termos não nos chegaram directamente, pois que uns foram tomados do persa, outros do grego, etc. Calcula-se em perto de 600, sem contar os archaismos, os vocabulos desta fonte, em sua maior parte substantivos (2).

G) *Elemento grego e hebraico.*

Ha tambem no nosso vocabulario palavras destas duas linguas que recebemos por intermedio do latim ecclesiastico. São de fonte grega: *bispo* (episcopus) *diacono* (diaconus), *conego* (canonicus), *igreja* (Ecclesia); de origem hebraica sam: *cherubim, paschoa, rabino, amen, alleluia, gehenna, jubileu, jehovah, sabado, maná,* etc.

25. — Estudo comparado do latim e do português. Estes emprestimos constituem particularidades lexicologicas, que não infirmam o principio geral da derivação latina da lingua portuguêsa, pois que, como escreve Schleicher, a conveniencia lexica entre duas linguas, sem a conveniencia

---

(1) A. Ribeiro dos Santos, *Mem. de Litt. Port.*, t. VII, pg. 312, not. 271; Andrade Ferreira, *Curso de Litt. Port.*, t. 1.º, pg. 77.

(2) Dr. João Ribeiro, *Gr. Port.*, Rio de Janeiro 1908, pg. XIV.

grammatical, não prova cousa nenhuma (1). « A affinidade e filiação dos idiomas, escreve um erudito portuguès, não se deduz da semelhança dos vocabulos, mas da sua syntaxe e mechanismo » (2). E esta derivação ninguem hoje seriamente a contesta; está ella provada pelo vocabulário, pela syntaxe, pela morphologia. Demais, nós estabelecemos as leis d'essa derivação, e conhecemos como se operou a transformação da antiga na nova lingua. Vejamo-lo a largos traços primeiro pela analyse da *Phonologia* da lingua, depois pela *Morphologia*, e enfim pela sua *Syntaxe*.

PHONOLOGIA

26. — Lei da presistencia do accento tonico.

As linguas novi-latinas observaram quasi sempre a regra essencial da accentuação latina.

Em latim todas as palavras, salvo as encliticas e as procliticas, tinham sempre uma syllaba dominante, que é a alma da palavra ou o seu centro de gravidade, como lhe chamou Diez, e que se denomina *tónica* em relação ás outras que se denominam *átonas*. Esta syllaba tónica pode ser a ultima, a penultima ou a ante-penultima da palavra, e esta toma então as designações respectivamente da *aguda* ou *oxitona*, *grave* ou *paroxitona* e *exdruxula* ou *pro-paroxitona*. Esta accentuação dominou no latim popular, e é observada no português, podendo formular-se a seguinte lei geral: **a vogal accentuada em latim persistiu, em regra, na sua passagem para o português.** A importancia deste facto é consideravel, pois assegurando a consistencia das syllabas accentuadas trouxe por esse mesmo facto o ensurdecimento ou a queda das syllabas átonas. No latim clássico já ha exemplos 'deste facto; dizia-se *sec'lum* em vez de *saeculum*, *vinc'la* em vez de

(1) *Les langues de l'Europe moderne*, pg. 38.

(2) J. Pedro Ribeiro, *Diss. chronolog.*, t. I, pg. 177.

vincula. No latim popular: *tab'la* em vez de *tabula, vinc'(e)re* em vez de *vincere.* No português a lei conservou-se: *cavallus* deu *cavallo, angelus* deu *anjo, coelum* deu *ceo, pietatem* deu *piedade, capitulum* deu *cabido, quindecim* quinze, etc.

27. — **Excepções.** A lei da persistencia do accento soffreu algumas excepções, embora pouco numerosas. Citemos:

1.ª — A *Analogia,* cujo effeito se fez sentir no infinito da 4.ª conjugação, que terminava em *ere* átono mas que deslocou o accento por analogia com *are, ere, ire,* das tres outras conjugações. E assim temos *fazer* de *facére, dizer* de *dicére,* em vez de *fácere, dícere,* etc. Foi ainda pela mesma causa que na 1.ª e 2.ª pessoas do imperfeito do indicativo o accento persiste. Como dizemos *amava, amavas, amava,* continuamos — amávamos (latim — amabá-mus), etc.

2.ª — A tendencia para evitar difficuldade ou maior exforço na pronuncia e portanto para evitar o hiato, como em *parede* que derivou de *pariétem* (por pariete); *lençol* de *linteólum* (por lintéolum), *molher* de *muliére* (por muliere) etc., e os exdruxulos, como *inteiro* que veio de *intégru* (por integrum), *cadeira* de *cathédra* (por cáthedra) *trevas* de *tenébras* (por ténebras) etc.

28. — **Leis phoneticas geraes.** Todas as transformações que se deram na passagem do latim popular para o português, fossem de *abrandamento* ou de *queda,* de *assimilação* ou *dissimilação,* de *vocalização, consonantização, contracção* ou outras, estudadas na Grammatica Historica, longe de serem arbitrarias e casuaes, foram antes devidas a certo numero de principios independentes da vontade dos homens e até realisadas sem sua consciencia. O que ha no fundo de todas essas trans-

formações é a lei da *economia* ou do *menor exforço,* em virtude da qual os phonemas preferidos sam sempre os mais faceis ou que menor trabalho e fadiga physiologica exigem. E foi assim que a evolução phonetica inconsciente e gradualmente se foi produzindo e estendendo a sua acção. No meio de todos os embates que a integridade das palavras soffre veremos salvar-se a *syllaba accentuada* succedendo ás outras cairem ou desapparecerem, trocarem-se, substituirem-se, etc.

Não podemos aqui senão summariar ou resumir essas transformações (1), que para melhor methodo veremos como se deram: 1.º nas *vogaes;* 2.º nas *consoantes simples;* 3.º nas *consoantes agrupadas.*

29. — **Mudanças nas vogais.** — Distinguiremos:

I — *Vogais tonicas:*

A (lat. cl. — ā, ă) — em regra conservou-se: *aquila* — aguia; *pratum* — prado; *radium* — raio; *arbore* — arvore; *bonitate* — bondade; *laudare* — louvar.

Se se lhe segue *i* ou *u* pode formar os ditongos *ai, ei, au, ou.* Assim: *rabia* — raiva; *apium* — aipo; *radium* — raio; *ama(v)i* — amei; *factum* — feito; *basium* — beijo; *aqua* — augoa; *baptizare* — bautizar; *falce* — fauce; *habui* — houve.

*

E (lat. cl. — ĕ, ae, ĭ, ē, oe) conserva-se em português. Assim: *dĕcem* — dez; *pĕtra* — pedra; *lĕp(o)re* — lebre; *coelum* — ceo; *aera* — era; *praedium* — predio; *cĭto* — cêdo; *sĭtem* — sêde; *picem* — pêz; *coena* — cêa; *poena* — pêna; *foenum* — fêno. Do ē longo temos: — *mercēdem* — mercê; *secrētum* — segredo; *teg(u)la* — telha.

---

(1) Ver para mais desenvolvimentos Sr. Dr. A. de Vasconcélloz, *Grammatica historica* e Sr. José Joaquim Nunes, *Chrest. Archaica.*

As formas pronominaes migo, tigo, sigo explicam-se pelas formas intermediarias do latim popular *micum*, etc., ao lado de *mecum*, etc. (1).

*

I (lat. cl. — ī) permanece na passagem para o português: *amicum* — amigo; *filium* — filho; *formica* — formiga.

*

O (lat. cl. — ŏ, au, ō, ŭ) tambem, em regra, se mantem: *rŏta* — roda; *pŏrta* — porta; *sŏrte* — sorte. Muitas vezes o som é fechado: *jŏcum* — jogo; *nŏvum* — novo; *ŏc(u)lum* — olho. O ditongo *au* degenerou no lat. pop. em ó aberto, que deu em português indifferentemente *ou*, *oi*. Exs.: *aurum* — ouro, oiro; *taurum* — touro, toiro; Exs. do ultimo caso: *flōrem* — flôr; *dolōrem* — dôr; *amōre* — amor; *lŭcru* — logro; *sŭmma* — somma; *lŭpu* — lobo.

*

U (lat. cl. — ū) conservou-se geralmente: *acūtūm* — agudo; *futūrum* — futuro; *virtūtem* — virtude.

II — *Vogaes atonas:*

«*A*» conserva-se em geral pronunciando-se brandamente: *lacartu* — lagarto; *aqua* — agua; *mirabilia* — maravilha.

*

«*E*» tambem se conserva na passagem para o português: *sanctitate* — santidade; *nome(n)* — nome; *turre* — torre. Mas quando final, se antes ha uma consoante que

(1) Sr. Dr. A. de Vasconcélloz, *Gr. Hist.*, pg. 44.

forme syllaba com a vogal anterior, então cai: *pensare* — pesar; *perdere* — perder; *vigore* — vigor.

*

« *I* » mantem-se como em *filare* — fiar; *villanu* — villão; *quindeci* — quinze; e muda-se em *e* se for final, como em *vesti(t)* — veste; *peti(t)* — pede, ou medial e seguido de syllaba em que entre outro *i*, como em *vicinu* — vezinho.

*

« *O* » átono, quer aberto, quer fechado, conserva-se com som fraco, como: *dormire* — dormir; *dolore* — dor; *jocare* — jogar. Seguindo-se-lhe nasal tem o som *on*, como: *honorare* — honrar; *contentu* — contento (arch.); *comp'tare* — contar, etc.

*

« *U* » átono mantem-se egualmente ou muda-se para o som quasi similar em *o* como, para o primeiro caso, *mutare* — mudar; *sudore* — suor; e para um e outro caso, *fructu* — fructo; *sabucu* — sabugo.

*

Em qualquer caso e para qualquer vogal atona, quer prè-tonica, quer postonica, a observação mostra a sua fraca consistencia, tendendo todas para se abrandarem e enfraquecerem dominadas pela syllaba principal, sobretudo quando não sam protegidas por alguma consoante.

30. Mudanças das consoantes. Só estudaremos os phenomenos principaes e typicos em harmonia com a classificação já atrás feita. E assim temos em primeiro logar as

Gutturaes: —

C inicial seguido de *a, o, u,* conserva-se inalteravel: *caballu* — cavallo; *captare* — catar; *corpu* — corpo; *cognatu* — cunhado.

C medial abranda-se em *g*: *amicu* — amigo; *vacare* — vagar; *hoc anno* — ogano (arch.); *hac hora* — agora.

C inicial seguido de *e, i,* era no lat. cl. guttural explosiva dura (= k), mas no lat. pop. degenerou em continua: *centu* — cento; *circa* — cerca; *civitate* — cidade.

C medial seguido das mesmas vogaes deu em português *z*: *acetu* — azedo; *december* — dezembro; *facere* — fazer; *dicere* — dizer.

C final cai: *sic* — si; *nec* — ne (arch.) = nem.

*

G soava no lat. cl. sempre como guttural, qualquer que fosse a vogal que se lhe seguisse.

No latim popular e portanto na nossa lingua é preciso attender ás vogaes posteriores. Assim: *g* inicial mais *a, o, u,* ficou inalterado: *cattu* — gato; *camella* — gamella; *gutta* — gota; mas seguido de *e, i,* mudou-se na palatal *j*. Exs.: *gigantu* — gigante; *gemere* — gemer.

G medial intervocalico antes de *a, o, u,* caiu em muitos casos: *regale* — real; *ligare* — ligar; *plaga* — chaga; mas tambem em muitos outros se conserva: *rogare* — rogar; — *negare* — negar; *paganu* — pagão. Seguido de *e, i,* mudou-se em *j*, que geralmente caiu: *legere* — leer, ler; *rege* — rei; *regina* — rainha; *magis* — mais; *legitimu* — lidimo.

*

Palataes: —

J é uma letra moderna. Os latinos tinham o *i* que ora desempenhava o papel de vogal, ora o de consoante. Na passagem para o português deu-se o seguinte: *i* inicial mudou-se em *j*: *iacere* — jazer; *iudiciu* — juizo;

iocu — jogo. Quando medial ou se conserva, como: *maiu* — maio; *maiore* — maior; ou se muda em *j* como: *ieiunare* — jejuar; *fugio* — fujo. Sam muito numerosas as transformações a que esta letra obrigou as consoantes a que na pronuncia andava ligada (1).

X latino = *cs*. Umas vezes vocalizou-se o *c*: *saxu* — seixo; *laxare* leixar; *sex* — seis; outras vezes degenerou no grupo *ch* (escrevendo-se, porém, como em latim, *x*) ou o *c* se assimilou ao *s*. Assim temos: *luxu* — luxo; *coxu* — côxo; *dixi* — disse; *texere* = tesser.

*

Reversa: —

R manteve-se em português qualquer que fosse a sua posição na palavra: *rota* — roda; *radice* — raiz; *rete* — rede; *farina* — farinha; *vipera* — vibora; *aranea* — aranha; *dolore* — dor; *mare* — mar; *dicere* — dizer.

*

Apicaes: —

T inicial conserva-se: *tauru* — touro; *totu* — todo; *tegula* — telha. Medial abranda em *d*: *vita* — vida; *lupu* — lobo; *apicula* — abelha. Final abranda e depois cae: *vestit* — veste; *debet* — deve.

*

D inicial mantem-se: *dicere* — dizer; *diaconu* — diagoo (arch.); *december* — dezembro. Medial cae: *fedu* — feo, *pede* — pée, pé; *videre* — veer, ver.

*

S inicial persiste: *sapere* — saber; *sanctu* — santo; *solu* — soo, só. Medial passou em regra ao som brando que se pronuncia como *z*: *thesauru* — tesouro; *spo(n)su*

(1) Cfr. sr. J. J. Nunes, *Chrest.* ob. cit., pag. LXIV.

— esposo, *me(n)sa* — mesa. Final em alguns casos mantem-se como nos nomes derivados do nominativo; *Deus Matheus, primás*, etc., nas flexões nominaes, como *debes* — deves, *laudatis* — louvaes, etc.

*

Z só se encontra em poucas palavras no meio d'ellas — como em *baptizare* — bautizar, baptizar; no principio abrandou-se em *c*, como em *zelare* — cear.

*

L, letra liquida como o *r* teve destino contrario á sua congenere quando em posição medial, pois caiu: *angelu* — anjo; *voluntate* — vontade; *coelu* — ceu. Mas quando inicial ou final manteve-se: *lacte* — leite, *luce* — luz, *libru* — livro, *aprile* — abril, *fidele* — fiel.

*

N inicial mantem-se: *nocte* — noite, *nudu* — nu, *nigru* — negro. Quando intervocalico dissolveu-se na vogal anterior nasalizando-a. Este mesmo som nasal já hoje não existe: *moneta* — mõéda, moeda; *bona* — bõa, boa; *luna* — lũa, lua.

*

Labio-dentaes: —

F inicial mantem-se: *fidele* — fiel; *feroce* — feroz; *familia* — familia. Medial transformou-se na sonora *v*: *aurifice* — ourives; *profectu* — proveito; o pop. *trifulu* — trevo.

*

V. Esta nossa labio-dental proveio da semi-vogal latina *u*, que tinha porém a forma de *v*. Na passagem para o

português quando estava entre vogais transformou-se em *v*. Assim *auena* — avena, aveia; *pluuia* — chuva; *lauare* — lavar. Mas seguindo-se-lhe *i* caiu: *lingua* — lingoa: *amaui* — amei; *ciuitate* — cidade.

*

Bi-labiaes: —

P inicial conserva-se: *proferire* — proferir; *perdice* — perdiz; *prece* — prece; mas quando medial abranda: *cepula* — cebola; *sapore* — sabor; *capilu* — cabelo.

*

B inicial mantem-se: *bursa* — bolsa; *bibere* — beber; *bove* — boi; medial muda-se em *v*: *caballu* — cavallo; *faba* — fava; *probare* — provar.

*

M na posição inicial e medial persistiu na passagem para português: *me(n)se* — mes; *matre* — madre, māi; *melone* — melão; *lacrima* — lagrima; *amicu* — amigo; *similante* — semelhante. No fim caiu.

31. — Consoantes dobradas. Sam numerosos os grupos consonanticos, uns que nos vieram do latim e outros que se formaram durante a evolução da lingua. Como fizemos anteriormente só nos occupamos aqui dos casos perfeitamente typicos e que sam mais frequentes e geraes na lingua.

a) Os grupos *pl, fl, cl* mudaram-se em *ch*. Assim *pluvia* — chuva; *plorare* — chorar; *platu* — chato; *plenu* — cheio. *Flamma* — chamma; *inflare* — inchar; *flagare* — cheirar. *Clave* — chave; *clamare* — chamar.

*

b) Os grupos *cl, gl, pl, sl, tl,* depois da syllaba tonica transformaram-se geralmente em *lh.* Exs.: *spec(u)lu* — espelho; *ovic(u)la* — ovelha; *mac(u)la* — malha; *coag(u)lare* — coalhar; *teg(u)la* — telha; *scopulo* — escolho; *ins(u)la* — ilha; *rot(u)la* — rolha; *vet(u)lo* — velho.

*

c) *Gn* deu em português *nh: ligna* — lenha; *cognatu* — cunhado; *magnu* — manho.

*

d) O grupo *ct* vocaliza o *c* quando precedido de vogal: *factu* — feito; *doctore* — doutor; *nocte* — noite; *fructu* — fruito. Quando precedido de consoante o *c* assimila-se ao *t,* unica letra que se escreve: *sanctu* — santo; *tinctu* — tinto; *punctu* — ponto.

*

e) Os grupos *bi, di, si, vi,* em que o *i* é uma semi-vogal, transformaram-se *j.* Assim *habeas* (= habias) — hajas; *hodie* — hoje; *basiu* — beijo; *ecclesia* — igreja; *foviu* — fôjo.

*

f) Os grupos *li, ni,* em que o *i* tambem é semi-vogal deram respectivamente *lh, nh.* Exs.: *muliere* — molher; *filiu* — filho; *meliore* — melhor; *vinea* — vinha; *pinea* — pinha; *montania* — montanha.

*

g) *C, n, p, r,* seguidos de *s* modificaram-se diversamente. *Cs* (= x latino) ou deu *x: lacsare* — leixar, ou assimilou o primeiro ao segundo elemento: *dixit* — disse;

sexaginta — sessenta; ou o *c* se vocalizou: *exemplu* — eisemplo, isemplo, esemplo; *saxu* — seixo. *Ns* simplificou-se pela queda do primeiro elemento: *mense* — mês; *defensa* — defesa; *pensare* — pesar. *Ps, Rs* redundaram por assimilação em *ss*. Assim: *ipse* — esse; *persicu* — pessego; *persona* — pessoa.

Obs. geral. — Estas regras soffrem numerosas excepções, havendo muitas formas divergentes, ás vezes difficies de explicar. Grande numero dessas excepções filiam-se em influencias literarias, ou na de linguas estranhas. Por vezes tambem desconhecemos os termos populares que poderiam servir de etimos.

MORPHOLOGIA

32. — Vestigios de casos latinos. Deixamos summariamente apontados os phenomenos mais geraes da transformação do latim no português. Mas as transformações não param na phonologia; estendem-se tambem á morphologia. Assim as actuaes flexões do nome originaram-se da perda dos casos. A lingua latina tinha desinencias especiaes segundo a funcção, que as palavras desempenhavam no discurso. Estas desinencias obliteraram-se resultando d'ahi a confusão dos casos e o emprego arbitrario duns pelos outros. O accusativo latino quer do singular, quer do plural, com perda das desinencias, é claro, foi, por ser o de uso mais frequente, o caso que dominou na formação das palavras portuguêsas (1). Dos outros casos hoje possuimos apenas vestigios. Assim:

a) *Nominativo*. Deste caso temos alguns nomes proprios: *Deus* — Deos; *Jesus* — Jesus; *Carolus* — Carlos; *Mattheus*

(1) E' o accusativo sem o *m* final que se representa na generalidade dos exs. que demos de transformações phoneticas.

— Matheus; *Cicero, Thomás, Lucas,* etc., e alguns nomes communs: *gurgulio* — gorgulho; *primas* — primás; *calx* — cal; *serpens* — serpe; do acc. *serpente(m)* — serpente, etc.

b) *Genitivo.* Temos a numerosa classe dos nomes patronymicos formados, como se sabe, do nome do pae a que se dava a desinencia caracteristica — *ci. Rodrigueci* — Rodriguez; *Fernandeci* — Fernandez; *Martinici* — Martinz; *Gondisálvici* — Gonçálvez; e alguns communs, como *cujus* — cujo; *filiu-gregis* — freguês.

c) *Dativo. Mihi* — mim, mi, *(il)li* — lhe.

d) *Ablativo.* Todos os adverbios terminados em *mente; hac hora* — agora; *hoc anno* — ogano (arch.), e as formas dos pronomes pessoaes: *me-cum* — migo; *te-cum* — tigo; *se-cum* — sigo.

e) *Locativo.* Os nomes de muitos logares portuguêses derivam deste caso: *Myrteti* ou *Myrtetae* — Murtede; *Flaviis* (de *Aquae Flaviae)* — Chaves, etc.

Mas o que acabamos de apontar sam tam sómente vestigios dos casos latinos. Na generalidade estes desappareceram, confundindo-se, e foram substituidos pelas preposições (1).

Se agora procedessemos á analyse morphologica dos elementos que compõem o vocabulario da nossa lingua — nomes, pronomes, verbos, etc. — saltaria immediatamente á vista a sua descendencia do latim. Esse estudo de grammatica comparada não o podemos aqui fazer, limi-

(1) Cfr. Menéndez Pidal, *Manual elemental de gramática historica española,* Madrid, 1904, pag. 104 e seg.

tando-nos, por isso, a algumas referencias aos elementos mais geraes.

33. — **Origem do artigo português.** Fallemos em primeiro logar do artigo, cuja origem se explicou diversamente, havendo até quem o fizesse derivado do grego, opinião absolutamente insustentavel. Com effeito, a lingua grega não deixou senão fracos vestigios na lingua popular e esses ainda vieram-nos através do latim. Ora o latim não adoptou o artigo grego. Demais ainda restava em tal hypothese explicar o plural, que em grego é differente do nosso.

Houve tambem escriptores que derivaram o artigo das formas latinas *hoc, hac,* levados por uma razão mais apparente que real, e pela frequencia com que os nossos escriptores antigos usaram escrever o artigo quasi uniformemente com *h.* Mas em tal hypothese não só se não poderia explicar sufficientemente a queda da consoante forte *c,* como a formação do plural *os, as,* que deveria vir de *his.* Mas o que é mais: o *h* latino já tinha desapparecido da lingua vulgar nos fins da Republica Romana.

Resta a hypothese da derivação de demonstrativo *(il)le, (il)la,* através das formas archaicas *(el)lo), (el)la,* que mais tarde deram *lo, la* (1).

34. — **Nomes proprios e communs. Nomes numeraes.** A maioria dos nomes *proprios* tem origem ecclesiastica. Ao receber o baptismo cada individuo tomava o nome de qualquer santo ou martyr consagrado pela Igreja. Por esta via entraram no uso e se espalharam nomes *hebraicos*: — *Manoel, João, José, Bartholomeu, Jacob, David, Rachel, Esther, Maria, Sara,* etc.; *Gregos*: — *Eugenio,*

(1) O sr. dr. Leite de Vasconcellos faz desenvolvidamente a demonstração deste ponto incontroverso no seu opusculo *As Lições de linguagem do sr. Candido de Figueiredo,* 2.ª ed., Porto, 1893, pg. 50 e seg.

Chrisostomo, Theodoro, Pedro, Jeronymo, etc. *Latinos:* — *Marcos, Antonio, Deodato;* nomes proprios de origem germanica, mas latinizados: — *Luis, Frederico, Roberto, Henrique, Adolpho,* etc.

Os nomes *communs* sam na sua maioria latinos. Ha, é claro, como em todas as linguas romanicas elementos estranhos ao latim — sobretudo, termos de artes, sciencias, etc., como teremos occasião de ver adiante — mas esse facto não invalida, antes confirma, o principio da filiação do latim.

Os nomes *numeraes* qualquer que seja a sua especie, — cardinaes, ordinaes ou multiplicativos — todos tēem uma formação latina.

35. — **Pronomes.** Toda a categoria dos pronomes é de origem latina. Alguns como os pessoaes *me, tu, te, se, nós, vós, nos,* etc., são formas latinas inalteradas. Houve pequenas modificações na passagem para o português de certas formas como *mi(hi), ti(bi), si(bi).* Nos possessivos as formas *teu, seu* explicam-se pela analogia de *meu.* Em *nostrum* e *vostrum* houve assimilação. A analyse aos outros pronomes dá o mesmo resultado. Pode discutir-se acerca d'uma ou doutra forma, como *cada* que auctores distinctos, como o sr. João Ribeiro (1), derivam do grego *kata,* termo que se encontra no latim das biblias medievaes, mas que outros seguindo a Diez (2), fundamentam em *quemquam;* sobre a maioria, ou melhor sobre a quasi totalidade dos pronomes não ha a minima divergencia.

36. — **O verbo.** Relativamente ao verbo, a sua origem latina torna-se bem patente, desde que se confrontem as desinencias em uma e outra lingua. Como em latim o verbo português tem tres pessoas, dois numeros, tempos

(1) *Grammatica Portugueza, Curso superior,* 1908, pg. 321.
(2) Sr. Dr. Antonio de Vasconcellos, *Gr. hist.,* já cit., pg. 109.

e modos equivalentes e desinencias quasi homogeneas. Assim:

		Desinencias latinas	Desinencias portuguêsas
Singular	1.ª ps.	— m	— o
	2.ª ps.	— s, — sti	— s, — ste
	3.ª ps.	— t	— (caiu, depois de abrandado em d.)
Plural	1.ª ps.	— mus	— mos
	2.ª ps.	— tis, — stis	— is, — des, — stes
	3.ª ps.	— nt	— m

Considerando os themas temporaes, ou sejam as fórmas donde todas as outras derivam vê-se, que os themas do presente em *a-, e-, i-,* louvar, dever, ouvir, correspondem aos latinos: *laudare, debere, audire.*

A derivação dos tempos no thema do presente como nos do *perfeito* e *aoristo* resalta dum simples confronto.

O futuro primeiro e o condicional são de formação romanica, embora se constituissem de maneira egual ao que já se praticava no latim, que empregava *audiam* ao lado de *audire habeo, amabam* ao lado de *amare habeo.* No condicional usava tambem o infinito dos verbos passivos ou verbos com o imperfeito de *habere;* por ex.: *exire habebat.*

Em portuguès dizemos: amarei = amar + hei; amarás = amar + has; amará = amar + ha; etc. E no condicional: amaria = amar + hia; amarias = amar + hias (contracção de *havia)* etc.

Existia em latim uma fórma synthetica para a voz passiva: *laudari,* ser louvado, *laudabar,* eu era louvado, etc., de que se exceptuavam todavia o perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, que se exprimiam por fórmas compostas do participio passado e do auxiliar: — *laudatus fui,* etc. Estas fórmas analyticas supplantaram as synthe-

ticas e na lingua portuguêsa, como nas demais novi-latinas, da voz passiva só restam as fórmas compostas: *eu sou louvado, eu seria louvado,* etc.

De modo que a flexão verbal portuguêsa, se perdeu alguns tempos latinos como o futuro 1.º (*amabo, debebo, laudam, vestiem*) e as terceiras pessoas do imperativo (*amato, amatote, amanto,* etc.), em compensação ganhou muitas formas analyticas ou compostas (*tenho louvado, tinha louvado,* etc.), o futuro (*amar — (h)ei,* etc.), e o condicional (*amar — (h)ia*).

Das formas nominaes o adjectivo verbal em — *to* sobreviveu com a terminação em — *do*. Temos *amatu(m)* — amado, *debitu(m)* — devido, *punitu(m)* — punido. Notemos a desinencia archaica — *udo* destes adjectivos verbaes nos verbos de thema em — *e: perdudo, conoçudo, estabeleçudo,* etc., e com vestigios actuaes nas formas: *teúdo, manteúdo, conteúdo* e *temudo.*

O participio conservou-se como simples adjectivo: *ama-nte*, *enche-nte*, *ouvi-nte*, etc. Do participio do futuro ficaram vestigios em poucos nomes: *vindouro*, *morredouro*, etc. Desapareceu o supino.

37. — Particulas. Á parte um ou outro termo de origem ainda obscura pode dizer-se que a serie de palavras invariaveis em uso na nossa lingua encontra a sua explicação, como todas as outras, no latim.

a) Assim os *adverbios: i(b)i* — ai(i + prep. *a*), *(il)li(c)* — ali (a + li), *qui* — aqui (a + qui), *quomodo* — cómoo (arch.), como; *ecce* — eis, *solum* — sóo (arch.), só; *hac-hora* — agora; *hodie* — hoje; *ad* + *noctem (?)* — ontem; (*res*) *nata* — nada. Alguns cairam em desuso: *hoc-anno* — hogano; *aginha* (pop.) — azinha; *in simul* — ensembra; *ad* + *duro* — adur; *inde* — ende, en; *de* + *ex* + *ibi* — desi, des i; *plus* — chus, etc. *Quiça* parece ser o italiano *chi sa,* e *debalde* julga-se ser de origem arabe.

b) *Preposições: ad* — a, *post* — após (a + pós), *de + ex + de* — desde; *per + ad* — pera (arch.), para; *ad + tenus* — atém, atées, ata (archs.) até; *ab + ante* — avante; *(in) casa* — cas(a, en); *sub* — so, etc.

c) *Conjuncções:* Algumas formaram-se já no português *porque, afim de que, por conseguinte, pois que,* etc., mas o maior numero é de origem latina: *magis* — mais (arch.), mas; *qua* ou *quare* — ca (arch.), que; *loco* — logo.

d) *Interjeições:* sam rigorosamente gritos expontaneos e não formas grammaticaes susceptiveis de analyse. Notemos sómente: *oxalá* de origem arabe, equivalente a *Queira Deus!* Em *ak-del-rei!* o Sr. João Ribeiro vê no primeiro elemento a imprecativa celtica *ak* e não *aqui-del-rei!* (1).

SYNTAXE

38. — **A construcção syntactica.** E' em português diversa da do latim, o que resultou das differenças anteriores. Em latim as flexões determinavam a funcção, que cada palavra desempenhava no discurso, qualquer que fôsse o logar por ella occupado. Póde dizer-se por ex.:

a) *Scipio delevit Carthaginem,*
b) *Carthaginem delevit Scipio,*
c) *Delevit Scipio Carthaginem, etc.*

Em qualquer dos casos a syntaxe é a mesma: a ordem das palavras não affectou a ordem do pensamento. Mas nas linguas romanicas a pêrda das desinencias originou a pêrdà desta liberdade de construcção, fazendo com que haja uma maior fixidez nas palavras — que em regra é em primeiro logar o sujeito, depois o verbo e em seguida

(1) *Gr. Port.,* já cit., 336.

os complementos. Os adjectivos, adverbios, etc., conservam ainda certa liberdade, que permitte variar o andamento e rythmo dos periodos, mas em nenhum caso essa liberdade pode ser tam grande que attinja a clareza do discurso. Confronte-se a ordem observada nas duas orações seguintes:

Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que o seu nome, maior que as suas virtudes.

FREIRE D'ANDRADE.

Facturusne opere pretium sim, si a primordio urbis res populi Romani perscripserim, nec satis scio; nec, si sciam, dicere ausim.

TITO LIVIO.

39. — O português lingua independente e propria. As modificações que acabamos de assignalar (1) accentuam-se progressiva mas desegualmente segundo os periodos da historia da lingua portuguêsa. Nos fins do seculo XII o português começa a surgir dentre as fórmas do latim barbaro. No reinado de D. Affonso III, e melhor ainda no de D. Denis, a ignorancia do latim é já consideravel. « Grande parte das palavras, diz J. Pedro Ribeiro, que se usavam nas escripturas e a sua syntaxe eram portuguêsas » (2). Os trovadores da côrte do Rei Lavrador usam duma lingua independente e propria. Enfim no seculo XV D. Duarte já sente a necessidade de consagrar um dos capitulos do seu interessante *Leal Conselheiro* á « maneyra para bem tornar algũa leitura em nossa linguagem » (3).

---

(1) A análise podia ser levada mais longe. Vid. sobretudo o bello estudo do sr. Jules Cornu no *Grundriss der Romanischen Philologie* de G. Gröber — *Die Portugiesische Sprache*. E' indispensavel lêr a critica deste trabalho feita pelo sr. Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, t. 2.º, pg. 359-364. O indice que se encontra neste logar (pg. 362) ajuda poderosamente a manusear o estudo do sr. Cornu.

(2) *Observ. hist. e crit.*, Lisboa, 1798, Parte I, pg. 90.

(3) Vid. o cap. 98 na ed. de Roquete.

Para bem se avaliar desta marcha de differenciação, que cada vez afastou mais o português do latim, apresentamos os pequenos trechos seguintes (1):

SECULO XII

In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus, e dus Coutos, e das Onrras, e dos Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira : que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga en todolos herdamentus do Couto; Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dolveira, e no Padroadigo dessa Eygreyga, en todolos herdamentos Dolveira, e en nu casal de Carapezus de Vluar...

(J. P. RIBEIRO, *Dissert. chronol.*, I, pg. 275-276).

SECULO XIII

Todo ome a que demandarem casa com peños nomme III veziños que o leven sobre si, e si entretanto ho outro o levar sobre si lexe o. E si destos III ninguno non o quiser levar sobre si tome o sin caloña. E si depoys que preso fore ome dere que o leve sobre si lexen o, e si o non quiser lexar quantas noytes alá transnoytar tantos XX morabitinos peyte. Todo ome que fiador dere tal fiador dê que aya valia da peticion dublada. E si tal fiador non dere so fiador nol preste E si por esta sobrecabadura si non prindare ó non parare fiel ante de um mes non le responda fasta un anno e non mays.

(*Foros de Castello Rodrigo*, XXV, cop. das *Leges et Consuet.*, I, pg. 825-858).

SECULO XIV

Pera se non perder per tẽpo de memoria dos homẽẽs a uida que em este mundo fez a muy nobre senhor dona Isabel per graça de deos Raynha de purtugall & do algarue. E o acabamento que ouue. E as cousas que nosso senhor ihũ xpõ (*Jesu Christo*) em ssa vida & depoys saymento deste mũdo por ella fez. Porem em tanto o ffeito de ssa uida esta rrezente, & ha muytos homẽes & molheres dignos de creer que

(1) Vão a mero titulo de exemplo. A demonstração cabal melhor se fará em presença de numerosos trechos devidamente graduados e rigorosamente orthographados em harmonia com os respectivos periodos da lingua, como se encontram por ex. na nossa *Historia da Litteratura Portuguesa*, 3.ª ed., Coimbra, 1908.

viram & passarõ as cousas que se adiante seguem. E assy como notorio a todos os de purtugall screpuerõse os seus ffeitos obras & uida nõ adendo nem errando de uerdade todo que se diz.

Introducção do « *liuro que fala da boa uida que fez e Raynha de purtugall dona Isabel & dos seus boos feitos & milagres e sa vida & depoys da morte* », transcripta do proprio manuscripto reputado original.

SECULO XV

Falando algũs da morte do Conde Iohão Fernandez, onde se começão os feitos do Mestre, allegaõ hum dito, de que nos naõ praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tẽpo escusa amor a alguns homens por lhe depois azar mais deshonrado fim, assi como fez a este Conde Iohão Fernandez, que muitas vezes lhe desviou a morte, que alguns tiueraõ cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas maõs do Mestre para o matar mais deshõradamẽte. E nos deste dito naõ somos cõtente...

(FERNAM LOPEZ, *Chronica delrey D. Ioam I*, 1644, cap. II).

SECULO XVI

A este tempo erão ja passados sete meses q̃ Antão Gõçalvez viera do rio do Ouro onde leixara Ioão Fernandez : qua (como dissemos) per sua propria võtade quis ficar entre os Mouros pera saber as cousas do sertão. E parecendo ao Infante que já teria sabido muitas, porque o espirito o não leixaua assossegar nestas que desejaua saber daquellas partes : tornou a mandar o mesmo Antão Gõçalves em busca delle, & em sua companhia foraõ Garcia Mendez, & Diogo Affonso quada hũ ẽ sua carauela.

(JOÃO DE BARROS, *Decada Primeira da Asia*. Lisboa, 1626, cap. X).

SECULO XVII

Estando um Monge em Matinas com os outros Religiosos do seu Mosteiro, quando chegarão àquillo do Psalmo, onde se diz que : Mil annos á vista de Deos são como o dia de hontem, que já passou, admirou-se grandemente, & comçou a imaginar, como aquillo podia ser. Acabadas as Matinas ficou em Oração, como tinha de costume : & pedio affectuosamente a nosso Senhor, se servisse de lhe dar intelligencia daquelle verso. Appareceu-lhe alli no coro um passarinho, que cantando suavissimamente, andava diante delle dando voltas de hũa para a outra parte, & deste modo o foy levando pouco a pouco até hũ bosque, que estava junto do Mosteiro, & alli fez o seu assento sobre hũa arvore : & o servo de Deos se poz debaixo della a ouvir. Dalli a hũ breve intervallo (cõforme o Monge julgava) tomou o voo,

& desapareceo com grande magoa do servo de Deos, o qual dizia muy sentido: Ó passarinho da minha alma, para onde te fostes tão depresa? Esperou, como vio que não tornava, recolheo-se para o Mosteiro parecendolhe que aquella mesma madrugada depois de Matinas, tinha saido delle...

(Padre M. BERNARDES, *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deos*. Lisboa, 1696).

SECULO XVIII

Um homem fraco de compleição, de melindrosa saúde, de indole não só branda, mas acanhada, ardente no estudar, sem desejo algum de que o pregôe a Fama, com despêgo das riquezas, e maior despêgo ainda de enredos, e de negocios; encéta uma carreira, cujas fadigas, cujos perigos lhe eram occultos; corre os gelados climas do Nórte, presencêa as mais sanguineas guerras, e com destincto préstimo acóde nas mais desastrosas epidemias: bem succedido assoma ás mais brilhantes Córtes da Europa, onde o cumulão de honras: até que compromettido em queréla de Reis, tudo perde nas vagas da tormenta, e o que é mais — até chega a desconfiar na vida...

Tal é o resumo historico, que hei-de traçar.

(FILINTO ELYSIO, *Obras Completas*, t. IX, Paris, 1819, pag. 6).

SECULO XIX

Houve um tempo em que a sé de Coimbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos annos, eram ainda pallidas, como as margens areentas do Mondego. Então o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade que os proprios raios daquelle planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nelle, e só nelle, uma intelligencia que as perceba.

(A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, t. II, Lisboa, MDCCCLI).

VI

Alterações da lingua Portuguêsa

40. — Classificação das alterações. Explicada a origem duma lingua é preciso tambem explicar porque e como ella não permanece sempre a mesma, antes soffre altera-

ções e mudanças conforme as circunstancias do povo que a falla. Com effeito, uma lingua é um organismo; por isso o linguista é, como disse Schleicher, um naturalista. Como os organismos as linguas tẽem a sua vida propria, nascem, alteram-se, desapparecem. Este principio, que é hoje um axioma philologico, foi assim expresso por um nosso escriptor: « assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança e alteração, assim he tambem nas lingoagẽs » (1).

Ora de quatro ordens são as modificações que se podem dar numa lingua: *phoneticas*, *morphologicas*, *syntacticas* e *semanticas*, segundo se dão nos *sons*, nas *fórmas*, na *construcção das phrases* ou no *sentido* das palavras. Vamos explicar rapidamente em que consiste cada uma destas alterações applicando os factos á nossa lingua.

1. Alterações phoneticas.

São numerosas as alterações desta ordem originadas quer na lei do **menor exforço**, quer no **hábito**, quer na **analogia**, quer ainda mesmo no **effeito acustico**. Todavia, por mais geraes que sejam, por maior extensão que tenham, nunca são arbitrarias, nem dependentes do capricho individual. Em differentes provincias do nosso país ha modos peculiares de dizer que, por mais extraordinarios que á primeira vista pareçam, repousam na sua maioria em motivos de ordem physiologica. No minho a pronúncia de *voda* (boda), *voato* (beato), *binho* (vinho), *vase* (base), *gavar* (gabar), etc., e *sordado* (soldado), *marga* (malga), *artura* (altura), etc., obedecem á transformação phónica de letras da mesma natureza. Por vezes estas alterações se limitam a um ou outro termo e a uma região restricta. Mas ha casos em que tomam maior extensão, tornando-se communs a todas as palavras da lingua, sobordinadas á mesma lei, e sendo empregadas por todos os individuos,

(1) D. N. de Leão, *Origem da lingua portuguêsa*, Lisboa, 1784, pg. 11.

letrados ou não. Neste caso estão a queda do **d** na maior parte das fórmas verbaes em **ades, edes, ides,** operada na primeira parte do seculo XV e generalizada no fim delle. Anteriormente a esta épocha, o uso do **d** nas fórmas da segunda pessoa dos verbos era geral, como o era a terminação **om, on,** que mais tarde deu **ão.** Leia-se este documento do reinado de D. Denis.

« ....
« sabe*de* que mj diser*om* que quando el Rey dom Sancho meu tio fazia
« frota que os judeos lhy davam de foro a cada huma Galee senhos
« boos calavres novos e ora mi disser*om* que este foro mho teem elles
« ascondudo em guisa que nom ey ende eu nada. Unde vos mando que
« vos o mais em poridade que souberdes e poderdes sabha*des* bem e
« fielmente se esto se o soyam a dar a meu tio ... unde al non faça*des*.
« E faze*de*..., etc. » (1).

São alterações desta ordem e affectando a parte importante duma lingua, que originam os dialectos.

2. **Alterações morphologicas.**

O estudo das flexões vem naturalmente em seguida ao da phonetica. A morphologia considera as palavras não como *sons,* mas como constituindo os grupos de idéas de que se compõe o pensamento. Nas palavras derivadas distinguem-se duas partes: o *thema primitivo,* que contém a idéa principal representada pela palavra, e o *suffixo derivativo,* que restringe o sentido.

Gritaria decompõe-se em *grit+aria,* isto é no thema *grit* e no suffixo *aria,* que significa agglomeração, congerie, etc. Nas palavras ha ainda a *raiz* ou *raizes* que é preciso não confundir com o thema: este é já um desenvolvimento daquella. As raizes são elementos primordiaes,

(1) *Livro 1 do Senhor D. Diniz,* fl. 141, col. 2.ª. Vid. o meu livro *Os Judeus em Portugal,* addit., pg. 424.

inflexiveis e invariaveis através de todas as migrações etymologicas. Em *respeitavel*, por exemplo encontramos o verbo *respeitar* com o suffixo *vel*; tirando o prefixo ao verbo, obtemos *speitar* de *spectare*, que remonta a *specere* ou *spicere*, onde ha a terminação *ere* e a raiz *spec*, que se encontra em sanscrito e em todas as outras linguas indo-européas (1), no grego *skeptomai*, latim *episcopus*, português *espião*, inglês *spug*, francês *espion*, etc.

As alterações morphologicas são originadas:

a) das **alterações phonicas** que, substituindo, mudando, alterando os sons, necessariamente obrigam a mudar a fórma grammatical. Assim sabe-se, que no latim vulgar se não accentuavam bem as desinencias, o que trouxe a confusão dos casos e esta arrastou, como era de esperar, a suppressão das fórmas semelhantes.

b) outra causa das alterações morphologicas encontra-se na analogia, isto é, na tendencia para generalizar certas fórmas, eliminando outras irregulares. *Jazer* que no português antigo, na fórma do perfeito, se conjugava *jouve*, faz hoje *jazi*, quer dizer, segue o typo geral dos verbos da segunda conjugação. As creanças dizem, por vezes, *dizi*, *fazi*, etc. O participio dos verbos em *udo*, como *teúdo*, *manteúdo*, *perdudo*, etc., frequente no português antigo, desappareceu, uniformizando-se, por analogia, com o typo dos verbos da terceira conjugação em *ido*.

3. Alterações syntacticas.

A formação das palavras conduz directamente á syntaxe; a flexão expõe o facto da relação, a syntaxe explica o como (2), e por isso depois de tractar das alterações

---

(1) Max Müller, *ob. cit.*, pg. 312.

(2) Meyer-Lübke, *ob. cit.*, vol. I, pg. 3.

morphologicas segue-se tractar das syntacticas cujas causas são as seguintes:

a) Em primeiro logar e como causa principal podemos apontar as alterações morphologicas. Effectivamente a perda das desinencias em latim trouxe a perda dos casos, como dissemos. D'ahi a necessidade de inventar novos processos syntacticos para os substituir.

b) A existencia de differentes modos para exprimir a mesma idéa sacrifica por vezes uns em proveito de outros. Assim em português apparece o verbo *começar,* no seculo XVI, empregado de maneiras diversas: 1) *começavam dar testemunho*... (Moraes, *Palmeirim,* c. 11); 2) *começou de bradar*... (Gil Vicente, *Barca do Purgatorio)*; 3) *começou a dizer hum marinheiro*... (Barros, *Clarim.,* II, 3) (1).

No emprêgo actual do gerundio sem a preposição *em,* encontramos um processo syntactico, que veiu substituir o do português antigo, onde aquelle tempo se empregava com a preposição. Dizia-se antigamente: « Em sendo abadesa ouue huum filho » *(L. Linhag.,* III, pag. 195). Camões, nos *Lusiadas,* escreve:

> Em vendo o mensageiro...
> . . . .
> lhe disse: quem te trouxe? etc.
>
> Cant. VII, est. XXV.

4. Alterações semanticas.

Podemos accrescentar ás alterações apontadas outras de novo genero, as chamadas semánticas, que são as que correspondem ás mudanças na significação ou no sentido das palavras.

Porque se dá esta variação no sentido das palavras? São varias as tentativas para uma classificação. Bréal

(1) Sr. A. Coelho, na *Intr. ao Dicc. de Domingos Vieirà,* pg. XXXIII.

reduz todas as causas ou motivos de variabilidade a cinco:

« 1.º — O sentido material torna-se moral. *Insultare* (saltar sobre) de offensa material ganhou o sentido de offensa moral, e por palavras. Cfr. os sentidos de *liquidar, quebrar* (fallir).

2.º — O sentido abstracto torna-se concreto. Exs.: *gelosia, bellezas* (disposição do cabello).

3.º — O sentido geral torna-se restricto. No latim *aequor* (superficie plana) significa *mar*. Outros: *ceo* da boca, *veo* do paladar; *coma* por cabelleira.

4.º — O sentido restricto torna-se geral ou desenvolve-se. Exs.: *Cabeça* por individuo; *fogo* por casas; *almas* por habitantes. *Ouro* em vez de riqueza de qualquer especie.

5.º — A palavra muda de classe ou de categoria. Exs.: os deminuitivos *abelha, rolha, ovelha,* que são positivos. Os comparativos *prior, mestre* (magister), que são igualmente positivos. Os adjectivos que passam a substantivos: *justo, pobre,* etc. » (1).

VII

Mobilidade do léxicon

41. — Principio geral da mobilidade do vocabulario. Ha nas linguas um movimento continuo de vida, uma constante mobilidade em que se notam phenomenos de acquisição e de eliminação de palavras. O trabalho dos eruditos pretendendo immobilizar este movimento é uma loucura. Semelhante phenomeno tem a sua base na psychologia das multidões, é uma lei da natureza humana. A acquisição dá-se ou: 1) recorrendo a linguas estranhas ou: 2) innovando palavras (neologismo).

(1) J. Ribeiro, *Gr. Port.*, (Curso Superior), 1908, pg. 340.

1. Linguas estranhas.

O português nunca deixou de recorrer a esta origem para enriquecer o seu vocabulario. De linguas europeas temos:

a) *Elementos espanhoes.* Não são muitos, o que se explica pela estreita semelhança do vocabulario das duas linguas. Eis alguns termos: *el-dorado, espadilha, fandango, lhano, manilha, muchacho, quixote, seguidilha, petenera, zarzuela, castanhola, bolero, habanera,* etc.

b) *Francesés.* Em todo o tempo o léxicon francês forneceu palavras ao nosso. Do abuso que houve se queixaram cedo os nosses escriptores vernaculos. Para que dar exemplos? *grenat, boudoir, soirée, coquette, toillette, fiacre, mayonnaise, bouquet;* muitos que tomaram uma apparencia portuguêsa como *golpe de estado, debute, sangue-frio, rosicler*... e tantos outros que pejam, infelizmente os livros de muitos, que se arrogam mestres da lingua (1).

c) *Italianos,* são, em geral, termos de bellas artes, literatura e commércio: *adagio, allegro, soprano, tenor, contralto, libretto, impresario, cantata, terceto, madrigal, soneto, agio, banco, arlequim, aquarella, piano, terra-cota, gondola, regata, paladino,* etc.

d) Termos *allemães,* vieram-nos bastantes por meio do francês: *bismutho, caparosa, cobalto, gaz, kirsch, obus, potassa, walsa, zinco, quartzo, talweg,* etc.

e) *Ingléses,* na maioria termos de commércio, de caminhos de ferro, jogos: *cheque, dollar, tunnel, tramway, rail,*

---

(1) O Cardeal Saraiva escreveu o *Glossario das palavras e phrases da lingua francêsa, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portuguêsa moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis nella;* Vid. o t. I, das *Obras Completas.*

sport, cycler, whist, cricket, club, high-life, water-proof, gentleman, jury, etc.

f) *Escandinavos*, como *fiord* (termo geographico), *nickel* (do sueco), etc.

g) *Russos: czar, ukase, steppe, versta*, etc.

h) *Polacos: mazurka, polka*, etc.

i) *Hungaros: coche, hussard*, etc.

j) As linguas *americanas* tambem nos fornecêram alguns termos. Vieram-nos do *tupi: cacique, arara, curare, cajú, cipó, mandioca, giboia, onça, sabiá*, etc.

k) As linguas *africanas* fornecêram-nos muitos vocabulos quasi todos oriundos da lingua bunda e dialectos do Congo. Assim: *banzar, banzé, batuque, lundu, moleque, mandinga, zanga.*

l) Das linguas *asiáticas* tambem nos veio um numero assás importante de vocabulos. Do chinês: *chá, nankim, setim.* Termos indicos temos: *bengala, cachemira, palanque, canja, junco, nababo.* Dos malaios: *bambú, beliche, laca.* Dos persas: *azul, balcão, caravana, damasco, tafetá, jasmim, musgo, satrapa, tulipa.* Dos turcos: *horda, janizaro, odalisca, divan, pachá*, etc. (1).

2. Neologismo.

E' o outro meio de acquisição ou assimilação.

Têem este nome os vocabulos novos formados ou de elementos da propria lingua (neologismos intrinsecos) ou de elementos a ella estranhos (neologismos extrinsecos).

---

(1) Podem ver-se listas mais extensas no sr. A. Coelho, *obr. cit.*

Os **intrinsecos** formam-se:

1.º — Por derivação: *secretariar* de *secretaria*, *bisar* de *bis*, etc.

2.º — Por juxta-posição: *guarda-pó*, *treme-luzir*, *vaga-lume*, etc.

3.º — Por archaismos, isto é, empregando termos caidos em desuso; *azinha* (depressa), *fornezinho* (espúrio); etc.

Os **extrinsecos** formam-se:

1.º — Por juxta-posição ou de elementos **gregos**: *demo-no-logia; auto-crata; deca-gono;* ou de elementos **latinos**: *auri-flamma; carni-voro.*

2.º — Pelo emprêgo de palavras de linguas estranjeiras: *chalet, rendez-vous, sport, kirsch, walsa, clown, dandy, revólver*, etc.

3.º — Por hybridismo, ou seja, pelo emprêgo simultaneo de palavras formadas de elementos de linguas estranhas: *neo-latino, socio-logia, zinco-graphia, buro-cracia*, etc.

3. Archaismo.

É, como dissemos atrás, o processo de eliminação.

Chama-se assim o termo que cessou de ser usado numa lingua. O facto de um escriptor o empregar não lhe tira o caracter de archaico.

Eis as causas do archaismo:

1.ª — Dasapparecimento do objecto significado pelas palavras: *alcaide, polé, almotacel, adaíl, almoxarife, ovençal, corregedor*, etc.

2.ª — A moda que considera ridiculas ou baixas certas palavras e o sentido obsceno ligado a outras.

3.ª — A synonymia. De duas ou mais palavras, para significar a mesma idéa, dá-se preferencia a uma dellas. *Arteirice* desappareceu substituida por *astucia; rouçar* por *violar*, etc.

4.ª — O desuso duma palavra num ou mais sentidos. *Acordar-se*, hoje só empregado como verbo activo no sen-

tido de *despertar*, no português antigo designava *lembrar-se*: « ... non se *acordando* do dia e mês » escreve F. Lopes (*Chron. de D. Pedro*, 27).

5.ª Substituição por outros derivados do mesmo thema. Dizemos hoje: *soccorro*, diziam os antigos: *acorro*: « ... Tinha ajuda e *acorro* » (F. Lopes, *Id.*, 9). Dizemos: *altivez* e antigamente empregava-se: *altividade*:

> Todos sem *altividade*
> Onestamente folgavam.
>
> (*Canc. de Res.*, I, 169).

Dialectos do português

42. — **A differenciação dialectal é um phenomeno generico.** Todas as linguas romanicas apresentam differenciações dialectaes. O português não é nem podia ser uma excepção. Fallado por milhares de individuos espalhados pela Europa, Asia, Africa, America do Sul e Oceania (1) tem variedades dialectaes muito curiosas para o estudo da lingua-mãe. Como uma especie de thermometro muito sensivel, segundo escreve Brunot, a linguagem accusa as mais pequenas variações de clima; não póde deslocar-se de norte para sul, de oriente para poente, sem que modifique alguns dos seus caracteres (2).

43. — **Dialectos portugueses.** Em geral e a respeito do português podemos dizer, que o Mondego é como que a linha divisoria que distingue dois typos dialectaes: o do norte mais suave, uniforme e alatinado, o do sul mais desegual e aspero (3). O sr. Leite de Vasconcellos devide

(1) Vid. o mappa estatistico em Julio Ribeiro, *ob. cit.*, pg. 138.
(2) *Ob. cit.*, pg. 14.
(3) A. Soromenho, *Origem da lingua portuguêsa*, 1867, pg. 24.

os dialectos portuguêses em tres grupos: *continentaes, insulanos* e *ultramarinos* (1).

1.º Os continentaes abrangem: 1.º o *interamnense ou* de Entre-Douro-e-Minho; 2.º o *transmontano;* 3.º o *beirão,* e 4.º o *meridional,* do sul do Mondego até ao mar.

2.º Os insulanos comprehendem: 1.º o *açoreano* e 2.º o *madeirense.*

3.º Os ultramarinos abrangem: 1.º o *brasileiro* e 2.º os dialectos *creoulos* subdevididos por sua vez em dialectos *africanos* (de Cabo-Verde, Guiné, S. Thomé e Principe) e *indicos* fallados em Ceylão e costas occidentaes da India.

44. — **O mirandês; o gallego.** Dos continentaes o mais accentuado é, sem dúvida, o *mirandês,* em Trás-os-Montes, a que o mesmo illustre romanista chama *co-dialecto,* isto é, « idioma que está com o português nas mesmas relações de parentesco que este com o latim ».

Identica designação cabe ao *gallego.* E' grande erro affirmar que o português não passa dum dialecto do gallego. « Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vário genio, porte e ademan tiveram: ha contudo nas feições de ambas aquelle *ar de familia,* que á primeira vista se colhe » (2). Esta affirmação de Garrett é perfeitamente exacta. Saído do mesmo tronco e sustido na sua differenciação pelas condições politicas e sociaes do povo que o falla, o

(1) Vid. *Esquisse d'une dialectologie portugaise,* 1 vol., 1901, onde o assumpto é estudado desenvolvidamente.

(2) *Bosquejo da hist. da Poesia e Lingua Portuguêsa.*

gallego não é um dialecto do português como este o não é delle (1).

45. — Uma poesia gallega. Para se vêr como a lingua gallega é muito semelhante á nossa, transcrevemos os seguintes versos duma distinctissima poetisa:

CANTAR GALLEGO

Cando á lumiña aparece
Y ó sol nos mares s'esconde,
Todo é silencio nos campos,
Todo na ribeira dorme.
Quedan as veigas sin xente,
Sin ovelliñas os montes,
A fonte sin rosas vivas,
Os árbores sin cantores.
Medroso ó vento que passa
Os pinos xigantes move,
Y a voz que levanta triste,
Outra mais triste responde.
Son as campanas que tocan,
Que tocan en sons de morte,
Y ó coraçon din n'olvides
Os que para sempre dormen.
Que triste! que hora tan triste
Aquella en qu'o sol s'esconde,
En qu'as estrelliñas pálidas
Timidamente relosen!
Aló as montañas confusas
D'espesas niebras se croben,
Y á casa branca en qu'él vive
En sombra espesa s'envolve.
En vano miro e mais miro
Qu'os velos da negra noite

(1) Ainda ha poucos annos pretendeu demonstrar, que o português era um dialecto do gallego o sr. Augusto G. Besada na *Historia de la litt. gallega*, Coruña, 1887, cap. v.

Entr'ela y os meus olliños
Traidoramente se poñen.

*

— Que fás ti mentras, meu ben ?
Dime dond'estás, en donde,
Que t'aspero e nunca chegas,
Que te chamo e non respondes.
Morreches, meu queridiño ?
O mar sin fondo tragoute ?
Levaront'as ondas feras
Ou perdécheste nos montes ?
Vou perguntand' ôs airiños,
Vou perguntand' ôs pastores,
As verdes ondas pergunto
E ninguen, ay ! me responde.
Os aires mudiños pasan,
Os pastoriños no m'oyen,
Y as xordas ondas fervendo
Contr' os penedos se rompen.
Mais ti non morreche, ingrato,
Nin te perdeches nos montes ;
Ti quisais, mentras qu'eu peno,
D'os meus pesares te goces.
Coitada de min ! coitada !
Qu'este meu peitiño nobre
Foi, para ti deble xunco
Qu'ó menor vento se torce.
Y en recompensa ti olvidásme.
Dasme fel, e dasme morte...
Qu'est' é ó pago, desdichada,
Qu' á que ben quer, dan os homes.
Mais qu'importa ! ben te quixen...
Querreite sempre... Asi compre
A quen con grande firmesa,
Vidiña y alma entregouche.
Ahi tés ó meu coraçon
Si ó queres matar ben podes,
Pero como estás ti dentro,
Tamen si ti ó matas, morres.

Rosalia Castro de Murguia, *Cantares gallegos*, volume II das *Obras Completas*, Madrid, 1909.

46. — Trechos dialectaes. Apresentamos em seguida pequenos especimens dos typos dialectaes mais accentuados.

MIRANDÊS (1)

(CONTO POPULAR)

Er' ũna béç (a) um lhóbo, ancontrou ũna cuchina (b), qe teniê uns (c) cuchinicos, i chigou ɭ (d) lhóbo a la bórda d'éilhas i dixo qe ɭs q'riê cumér, i la cuchina dixo-le que nó, q' aguardára mais uns diês.

— Púis bïêm, cá benarei (e).

Fui pâr'un ñ aradór (f), i dixo-le q'abiê de cumé-las bacas. Depuis dixo l'aradór :

— Nó, qu'inda stã mui fracas. Deixaremo-las mais uns diês.

Apúis (g) fui pâr' ũña baca qe staba num çerrado angurdar (h).

— Ah ! baca, qe t'èi-de cumér !

— Agora num me cómas ; deixam' mais uns diês, q' agora stou múi fraca.

D'alhi a uito diês fui 'lhôbo a cumé-la baca i dixo-l' lhóbo :

— Agora bou-t' a cumér !

— Púis cóme, cóme !

Depuis prĕndíu ɭ lhóbo uña corda a la baca, i dixo-l' la bac' a' lhóbo :

— Méte la corda ne cachaço : z — agora (i) qers que t' anſine cumo fáiã las bacas ne bráno (j), quando dá-la mósca ?

---

(1) O conto e notas, que o acompanham, são do sr. Leite de Vasconcellos, Vid. *Rev. Lusit.*, t. 1.°, pg. 260-261. O sr. dr. J. Leite de Vasconcellos dedicou ao mirandês pacientissimos estudos. Veja-se o seu trabalho *Estudos de Philologia Mirandesa,* Lisboa, 1.° vol, 1900 ; 2.°, 1901.

(a) Leia-se *bèzùm.*

(b) *Pórca.*

(c) *Teniê* fórma com *uns* só duas syllabas, vindo *-iêuns* a constituir um tritongo.

(d) ɭ representa o *l* gutturalizado português.

(e) *Virei*

(f) *Lavrador.*

(g) *Depois.*

(h) *Engordar.*

(i) *Z* euphónico.

(j) *Verão.*

— Anʃinai (a). Tód' yié (b) bïêm ʃabêr.
I púis ʃaltou la bac' a fugir cu' lhóbo a la rastra (c). Apuis cubrou-ʃe la corda i fui 'lhóbo pâ la rapóza e dixo-le :

ʃi, ʃi, cumadrica,
Se la corda qebra
i ị nólo (d) num dezata,
yiou (e) iba parar a caza
Dĕị donho de la baca.

CABO-VERDE

(ILHA DE SANTO ANTÃO)

En pidi nhô di fabôr pâ nhú mandan quêl dicionare; en pedi té no português, gora en tâ biral na criôlo. Quê pâ fabur nhú desquecê. En tâ, cába ês carta pan porgunta nhô s'ê pêrciso escrêbê nhô en criôlo na tudo bapor, ou náo (1).

CEYLÃO

(TRAD. DO C. V DO EV. DE S. MATTH.)

1. E Jesus olhando o multidãos (de gentes) já foi riba de hum montanha, e elle quando ja santa sua discipulos ja chegar perto per elle.
2. E Jesus ja abri sua boca, e ja ensina por elotros fallando.
3. Bendito tem os pobres ne espirito, porque per elotros tem o reyno de ceo.
4. Bendito tem elotros quem tem tristes, porque elotros lo ser consolados.
5. Bendito tem elotros quem tem paçiente ne coraçaõ (humildes) porque elotros lo herida o terra (2).

(a) No mirandês é vulgar o tratamento de *vós* referido a uma só pessoa, como em francês.
(b) *E'.*
(c) *De rastos.*
(d) *Nó.*
(e) *Eu.*
(1) « Eu pedi ao senhor o favor de mandar-me aquelle diccionario; eu pedi em português, agora eu traduzo (oiro) em creoulo. Queira por favor não se esquecer. Eu acabo esta carta por perguntar ao senhor se é preciso escrever ao senhor em creoulo por todos os vapores ou não ». Vid. sr. A. Coelho, *Os Dialectos Romanicos ou Neo-Latinos na Africa, Asia e America*, Lisboa, 1881, pg. 8.
(2) Sr. A. Coelho, *ob. cit.*, pg. 35.

II

LITERATURA GREGA

« ... onde se veja brevemente o dilatado, distinctamente o confuso e claramente o escuro e mal declarado... »

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Docemente suspira, doce canta
A Portuguêsa musa, filha, herdeira
Da Grega, e da Latina, que assi espanta.

DR. A. FERREIRA, *Poemas Lusitanos*.

LITERATURA GREGA

Introducção

1. — Origem do povo Grego. Nos confins da Europa e da Asia, a sueste do primeiro destes continentes, atravessado por uma cadeia de montanhas e cortado de golphos, fica um pequeno país de 57:000 kilometros quadrados, mais pequeno que Portugal, pouco maior que a Suissa, que foi pela sua arte, pela sua religião, pela sua literatura, um país original e forte entre os antigos e o mestre e inspirador de muitas civilizações posteriores: é a Grecia.

Os gregos pertencem ao grupo *indo-europeu* ou *ariano* e não são, como elles se diziam, autóchthonos, isto é, nascidos no proprio solo onde habitavam. Tradições, que deixaram vestigios incontestaveis, não permittem duvidar das relações que elles mantiveram com as grandes monarchias orientaes dos valles do Nilo e do Euphrates. Nesses tempos remotos os habitantes da Grecia da Europa e os da Asia estavam certamente ligados por interesses communs de commércio e civilização. Foi á custa de migrações, vindas dos planaltos da Asia, que se povoou a região que os seus naturaes chamaram Hellade, e que a história depois consagrou com o nome de Grecia.

2. — A lingua grega e os seus dialectos. Foi tambem dos planaltos da alta Asia, que derivou a lingua grega, pertencente ao ramo indo-europeu. Confinada a principio na Grecia da Europa em breve estendeu largamente o seu dominio. Das ilhas do mar Egeu passou a ser conhecida nas costas do Mediterraneo, na Sicilia, no Sul da Italia, chegando, pela fundação duma colonia grega em Marselha, até á Gallia. As condições politicas em que desde cêdo

os gregos vivêram entre si, devididos em pequenas republicas, sempre ciosas da sua hegemonia e portanto sempre em lucta, favorecidos ainda nessas pretensões pela configuração do solo, diversidade de clima e de logares, deram em resultado a formação dos *dialectos*, cujos principaes são: o *eólio*, o *dórico*, o *jónio*, o *áttico*.

a) O eólio fallado nas colonias eólias da Asia menor e comprehendendo varios sub-dialectos como o *béocio*, o *thessálio*, o *arcádio* e outros menos importantes, foi empregado pelos lyricos Alceu e Sapho.

b) O dórico, fallado em certas regiões da Grecia do Norte, no Peloponeso, em Creta, em differentes pontos da costa asiatica e nas ilhas adjacentes, em Cyrene, em numerosas cidades da Sicilia e da Italia meridional, e devidido pelos antigos grammaticos em *velho*, *médio* e *novo* dórico, foi usado, exceptuando Alcman, pelos auctores da poesia choral, entre os quaes sobresae Píndaro.

c) O jónio fallado nas costas da Asia e nas colonias jónicas desde Marselha até ao litoral sul do mar Negro, ramificou-se em differentes sub-dialectos. Litterariamente distingue-se apenas o *antigo* e o *novo* jónio, o antigo em que fôram escriptos os poemas homericos, e o novo em que escrevêram Heródoto e Hippócrates.

d) O áttico devide-se em *velho*, *médio* e *novo* áttico, o primeiro em que escrevêram os tragicos e os primeiros prosadores como Górgias e Thucidedes, durou até ao fim da guerra de Peloponeso. O *médio* foi empregado por Lysias, Isócrates, Xenophonte e Platão, e durou até á épocha de Felippe. Do terceiro, serviu-se o immortal Demósthenes e os representantes da comedia nova, taes como Menandro e Philemon. O dialecto áttico foi o mais espalhado de todos; as conquistas macedonicas levaram-no

até aos confins da Attica; mas esta diffusão adulterou-lhe a pureza das fórmas e foi debalde que os *atticistas* Luciano, Arriano e Eliano pretendêram mais tarde incutir-lhe o primitivo esplendor.

3. — A lingua donde se originou o grego moderno. Apesar das vicissitudes por que passou o povo grego a sua lingua foi ainda a usada pelos eruditos da baixa épocha alexandrina, pelos Padres da Igreja S. Basilio, S. Athanásio, S. Gregório Nazianzeno, etc., e pelos escriptores do periodo byzantino, que vão até á queda de Constantinopla. Na edade média o povo fallava não o idioma classico e puro, nem mesmo a lingua commum (ἡ κοινὴ διάλεκτος) usada por Polybio, Estrabão, Diodoro e outros, mas uma outra mais simples, donde se originou o grego moderno hoje fallado na Grecia, Constantinopla, Salonica, Trieste, Smirna, Alexandria, etc.

4. — Caracteres da literatura grega. Foi esta bella lingua, tão variada e tão rica, que serviu de instrumento á literatura original, viva e fecunda do povo grego. Discipulos do Oriente no mais, em literatura os gregos não tiveram modêlos; fôram mestres de si mesmos. Religião, literatura, philosophia, arte, qualquer que seja o quinhão que aos povos orientaes caiba, receberam do genio grego um sopro vivificador. Creadores, dotados de um grande senso esthetico, inspirados nas mais sublimes concepções da arte, souberam impôr-se aos romanos victoriosamente no dia em que estes pela força das armas os dominaram. Não se comprehende a literatura romana sem o estudo da grega, e uma e outra são o humus fecundante, onde vêem mergulhar as suas raizes muitas das literaturas modernas. Epicos como Homero, trágicos como Sophocles, oradores como Demósthenes, não morrem com o povo que lhes foi berço; não vivem num seculo; vivem nos seculos. E' por isso que todas as literaturas,

e mais particularmente aquellas que, como a portuguêsa, soffrêram a influencia das opulentissimas letras gregas, necessitam de as estudar com cuidado.

5. — Divisão. A história literaria da Grecia póde considerar-se naturalmente devidida em dois periodos num dos quaes domina a poesia e no outro a prosa. A poesia revela-se na epopéa, no lyrismo e no theatro; a prosa na história, na philosophia e na eloquencia. E' claro que cada um desses generos admitte varios sub-generos, mas é sempre conveniente fugir ao methodo perigoso de restringir tudo em algumas datas e numeros.

Toda esta vida literaria da Grecia se estende por um periodo de *origens,* que começa com os poemas homericos pelo sec. IX e vai até ao IV sec. a. Chr., seguindo-se-lhe um periodo de esplendor, o classico ou *attico,* que abrange os sec. V-IV a. Chr., para terminar no periodo chamado do *hellenismo,* durante o qual se opera a diffusão da civilisação grega e que poderia, em rigor, ser levado até á tomada de Constantinopla pelos turcos em 1452.

Este resumo comprehende oito capitulos:

I — Epopéa II — Lyrismo III — Theatro	Poesia
IV — Historiadores V — Philosophos VI — Oradores	Prosa

VII — A literatura grega depois de Alexandre.
VIII — O periodo greco-romano.

A)

POESIA GREGA

I

Epopéa

6. — **Os aedos ou cantores primitivos da Grecia.** A literatura grega tem o seu verdadeiro principio em Homero. A *Iliada* e a *Odysséa* são o portico sublime do maravilhoso templo da arte literaria da Grecia. Antes porém dessas duas epopéas deveriam ter existido ensaios mais simples de composição poetica. As obras de Homero accusam uma perfeição, que não póde explicar-se sem antecedentes e sem tentativas. E' destes primeiros esforços, em que andam alliadas a poesia e a religião, e que se escondem nos tempos pre-históricos, que se originou a epopéa. Esses primitivos canticos anonymos tinham por assumpto as acções notaveis de tal ou tal heroe, ou as lendas conservadas pela tradição, que a imaginação do povo acolhia com enthusiasmo. Restam-nos os nomes d'alguns desses cantores, filhos dos deuses ou favoritos das musas aos quaes se attribuem esses canticos — Amphion, Museu, Orpheu, Lino, Marsyas, Eumolpo, etc.; mas a incerteza nada nos permitte avançar sobre o merito e até mesmo sobre a realidade desses individuos, que se denominavam *aedos* isto é, cantores, a que muito se assemelharam os trovadores ou troveiros da Edade-Media.

7. — **O primeiro dos aedos. Homero.** Temos nós dados mais seguros para affirmar a existencia de Homero ou será tambem elle uma personalidade mythica? A antiguidade deixou-nos longas biographias de Homero. Segundo ella

o immortal épico teria vivido no seculo IX antes de J. C. Herodoto, cujo nascimento é fixado em 484 antes de J. C., fá-lo anterior a si 400 annos. E' incerta a sua patria. Conforme escreveu Camões, sobre elle:

> ... tem contenda peregrina
> Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophónia
> Athenas, Chios, Argo e Salamina (1).

Cego, errante de cidade em cidade, passando pelo Egypto, pela Lybia, pela Espanha, pela Italia — até ir morrer a Ios —, o velho poeta teria composto primeiro a *Iliada* e depois a *Odysséa,* além doutros poemas.

Estas idéas fôram admittidas até ao seculo passado. Foi o critico allemão F. A. Wolf, quem, em 1795 com a publicação dos seus *Prolegomenos a Homero* (2), levantou a vivissima questão sobre a existencia do poeta, que constitue, ao que parece, um problema insoluvel. A *Iliada* e a *Odysséa* não podiam ser compostas no tempo em que a tradição fixa a existencia de Homero, diz Wolf; o que houve desde principio fôram pequenas canções, formadas em épochas e logares diversos, devidas a *aédos* (ἀοιδοί) e espalhadas por estes e pelos *rapsodos* (ῥαψωδοί) ou cantores ambulantes, que de cidade em cidade as fixavam na memoria do povo grego. Mais tarde Pisistrato mandou colleccionar esses cantos dispersos, que uma mesma inspiração patriotica unia e approximava.

Esta hypothese de Wolf foi calorosamente defendida por uns e não menos calorosamente combatida por outros.

---

(1) *Lus.*, cant. v, est. LXXXVII. Os antigos diziam:

> ἑπτὰ πόλεις ἐμάρναντο σοφήν διὰ ῥίζαν Ὁμήρο
> Σμίρνα, Χίος, Κολοφών, Ιθάκη, Πύλος, Ἄργος, Ἀθῆναι.

(2) *Prolegomena ad Homerum, sive de operum Homericorum prisca et genuina forma variisque mutationibus et prababili ratione emendandi.* Halle, 1795.

Em 1837-39 C. Lachmann publicava as suas *Observações sobre a Iliada* (1) em que procurava, pela análise do texto, mostrar a exactidão da hypothese *fragmentária* de Wolf. A antiga tradição foi defendida por numerosos criticos sobresaindo entre todos Nitzsch com a sua *Historia de Homero* (2). Conquanto a hypothese da existencia dum poeta com o nome de Homero tenha por si os votos de muitos criticos modernos (3), — para estes perdeu terreno a opinião de que seja esse poeta e só elle o auctor das duas obras, que trazem o seu nome. Homero teria escripto a *Iliada;* a *Odysséa* perteuceria a outro poeta posterior, mas ambos os poemas teriam soffrido várias alterações e interpolações, sendo impossivel assignalar hoje o que pertence ou não ao redactor primitivo.

Assim como não têem unidade para serem dum só auctor tambem revelam costumes, caracteres, civilisação bastante differente para que sejam duma só epocha. Os heroes da Odysséa são mais justos e mostram suavidade differente dos da Iliada e essa differença é profunda de mais para se poder attribuir um dos poemas á mocidade do poeta, e o outro á sua velhice. Entre a redação dos dois deviam ter medeiado algumas gerações e por conseguinte temos dois auctores e não um só. Tal a opinião que conta á hora presente maior numero de auctoridades.

8. — **O assumpto da Iliada.** Seja como fôr, o que é certo para glória da Grecia e da civilização é que a antiguidade nos transmittiu sob a designação de Homero, os poemas a *Iliada* e a *Odysséa,* e que as duas obras são notaveis e dignas de estudo.

---

(1) *Betrachtungen über Homeri Ilias.* Berlin, 1876.

(2) *De historia Homeri maximeque de scriptorum carminum malemate.* Hanovre, 1830-1837.

(3) *Letteratura grega,* di V. Inama. Milano, 1894; *Grand Encyclop.,* verb. *Homère;* Alfred et Maurice Croiset, *Manuel d'histoire da la Litt. Grecque,* 7.º éd.

A *Iliada* (Ἰλιάς) narra um episodio da guerra de Troia. Começa quando no cêrco daquella cidade dois chefes gregos — Agamemnon e Achilles — mutuamente se guerreiam. Aquelle é o mais poderoso dos principes da Grecia, mas esta não conta entre os seus filhos nenhum mais valente que Achilles. Irritado por Agamemnon lhe roubar uma das suas escravas, Achilles resolve abandonar os gregos na lucta contra os troianos, e principia a executar esse plano retirando-se para os seus navios. A ausencia de Achilles faz-se sentir terrivelmente. Os troianos conduzidos por Heitor esmagam e perseguem até aos entrincheiramentos os gregos, agora desalentados, e que em súpplicas exhortam Achilles a que retome as armas. Feroz, altivo, indomavel, Achilles permanece indifferente. Já têem perecido milhares de gregos, os troianos rompêram o cêrco feroz, e levaram os seus inimigos a recuar e fugir. Só restavam os navios. Mas já ao longe corta no ar immensos relampagos de luz avermelhada o incêndio da náu de Protesilau. Achilles apenas concede que Patroclo, o seu amigo fiel, vista as suas armas. A presença do suppôsto Achilles aterra os troianos, que debandam em tumulto. Mas alguem fica no campo de batalha. Um guerreiro defronta-se com Patroclo, entra em lucta com elle e prostra-o. E' Heitor. A voz da amizade falla então mais alto que a voz do resentimento. Para vingar o amigo, Achilles não hesita um momento. O proprio Vulcano lhe forja as armas que o cobrem. Vae: tudo cede deante delle. Só um homem ficou — é ainda Heitor. Os dois guerreiros defrontam-se. Ao redor de Achilles o brilho da armadura cria scintillações de fogo. O heroe troiano estremece, cede ao terror que o invade, e foge perseguido por Achilles. Enfim, chega o momento da lucta.

« Como a águia de vôo altaneiro, que desce á planicie através as nuvens tenebrosas, para roubar o tenro cordeiro, assim Heitor, brandindo a espada, se lançou sobre o seu adversario, cujo coração refervia

em furor selvagem. Achilles tinha deante de si, para se defender, o seu escudo soberbo e bem fabricado: balouçava o capacete brilhante de quatro cones; e as bellas crinas d'oiro, que Hephoéstes tinha collocado em tufo, ao alto, ondeavam em redor. Como o astro que se ergue no meio dos astros, nas trevas da noite, Vesper, o mais bello dos astros que fôram collocados no céo, assim brilhava a ponta da lança aguda, que Achilles brandia na mão direita, meditando a perda do divino Heitor e procurando com os olhos no seu bello corpo o logar que cederia mais facilmente » (xxii, 396-420).

A lucta não dura muito tempo. Em breve o cadaver de Heitor arrasta-se no pó, suspenso do carro do vencedor. Segue-se um dos trechos mais patheticos, que a poesia grega nos legou: a entrevista do Príamo com Achilles, para este lhe ceder o cadaver do filho.

« O grande Príamo entrou sem ser presentido; approximando-se de Achilles agarrou-se-lhe aos joelhos e beijou as mãos terriveis, as mãos homicidas, que haviam matado o seu proprio filho... Achilles ficou pasmado á vista de Príamo, semelhante aos deuses... Então Príamo supplicante dirigiu-lhe estas palavras: lembra-te de teu pae, Achilles egual aos deuses; é da minha edade, e como é, approxima-se do termo fatal da velhice. Talvez povos vizinhos o cerquem e afflijam, e elle não tenha ninguem para afastar a ruina e a morte. Mas ao menos sabendo que tu vives, rejubila-se no seu coração, e de mais espera todos os dias ver o seu querido filho de volta de Troia. Mas — infeliz que eu sou! — criei tantos filhos valentes na vasta Troia, e nem um só, seguramente, me resta... O unico que tinha... Heitor, já não existe. Venho resgatar o seu corpo: tem piedade de mim!... Eu fiz o que nenhum mortal jamais fez: approximei da minha bôca a mão daquelle que matou meu filho. Disse. Achilles pensando em seu pae sentiu vontade de chorar... levantou o velho tomando-o pela mão, e movido de piedade disse-lhe: oh! desgraçado, supportaste muitos males no teu coração! Como ousaste vir só aos navios dos gregos, e apparecer aos olhos do homem que te matou tam grande e tam valente filho? Tens certamente um coração de ferro. Mas vamos... por mais afflictos que estejamos, deixemos repousar as dôres no fundo da nossa alma » (xxiv, 486-525).

A *Iliada* termina com o funeral em honra de Heitor. Em 24 cantos e 15:000 versos desenvolve-se a acção, que narramos, simples mas cheia de vida e movimentada pela

entrada em scena dos heroes gregos e troianos e pela exposição das façanhas, que uns e outros commettem no celebrado cêrco de Troia.

9. — **O assumpto da Odysséa.** A *Odysséa* (Ὀδύσσεια) conta a volta de Ulysses de Troia para Íthaca, sua patria. Nesta pequenina ilha a occidente da Grecia havia longos annos que esperavam a volta do valente guerreiro sua mulher Penélope, o filho Telémaco e o velho pae Laérte. Mas a colera de Neptuno (Posidôn) persegue-o, e trá-lo errante pelos mares, a braços com mil perigos, que surgem de todos os lados. Pobre, só, sem navios e sem companheiros, depois de ter vencido a seducção das sereias, a ferocidade de Poliphemo, os perigos de Scylla e Caribdes e tantos outros, que Neptuno não cessava de inventar, Ulysses chega, enfim, ao lar querido. Telémaco, a ama Euryclêa, reconhecem-no; um cão velho agita brandamente a cauda ao presentir o seu dono. Na ausencia de Ulysses muitos príncipes gregos haviam pretendido desposar Penélope, que, incansavel na sua fidelidade, resistiu sempre a todas as sollicitações. Uma prova vae decidir tudo: o combate do arco. Ulysses vence os seus adversarios, e é reconhecido por sua espôsa.

« Banhada em lagrimas correu direita a Ulysses, lançou-lhe os braços em volta do pescoço, beijou-lhe a cabeça e disse: não te irrites contra mim, Ulysses, tu sempre te mostraste o mais prudente dos homens. Os deuses condemnaram-nos ao infortunio, elles que nos recusaram gozar a mocidade e chegar ao termo da velhice ficando um junto do outro. Não te irrites contra mim por te não ter acolhido com ternura, logo que te vi ... » (XXIII, 85-240).

Tal é, a traços rapidos, o assumpto da *Odysséa* que contem 24 cantos e 12:000 versos (1).

---

(1) Bibliographia: — São innúmeras as edições das obras de Homero. Mencionamos as que, no juizo dos criticos, passam como mais perfeitas: J. de La Roche, *Odysséa*, Leipzig, 1867-1868; *Iliade*, Leipzig, 1873-1876; Kirchhof, *Odyssée*, Berlin, 1879; Pierron, *Odyssée*,

10. — **A importancia dos poemas homericos.** A importancia dos dois poemas deduz-se do seu valor como monumentos de arte poetica e como documentos historicos. A narração bellicosa da *Iliada* e a serena e placida da *Odysséa* quadram bem com o assumpto de cada uma. Aquella fornece-nos typos de heroes; a bravura e intrepidez caracterizam as suas personagens. Nesta tudo é simplicidade e doçura, a acção corre dentro dum thema amavel e idyllico — a fidelidade de Penélope. Uma e outra são preciosos documentos históricos. Por ellas se vê, que a monarchia era a fórma de govêrno então commum aos estados hellenicos (1); a agricultura, o commércio e a industria occupam já muitos individuos. A mulher tinha um logar nobilissimo na familia. São verdadeiros typos — de affeição e meiguice Andrómaca, de ingenuidade e candura Nausica, de fidelidade Penélope, etc.

EPOPEAS CYCLICAS

11. — **Poetas cyclicos.** (*οἱ κυκλικοί*). Com Homero deu-se o que era natural que se desse, e que é o mesmo

---

Paris, 1875; *Iliade*, Paris, 1883; Monro, *Odyssée*, 1863; W. Christ, *Homeri Iliadis carmina seiuncta, discreta, emendata, prolegomenis et apparatu critico instructa*, Leipzig, 1884; Ameis et Henzet, *Homeri Ilias*, Leipzig, 1884-86, 2 vols., Id., *Homers Odyssée*, ibid., 1880, 2 vols. Ed. classica, etc.

Traducções em portugues: — *Iliada, em verso, por Manoel Odorico Mendes, da cidade de S. Luiz do Maranhão.* Rio de Janeiro, 1874, 1 vol.; *A Iliada, trad. do original por João Felix Pereira*, Lisboa, 1891, 8.º, 2 vols.; O 6.º c. da *Iliada*, o 1.º da *Odyssea* e outros trechos de auctores gregos foram trad. do original por A. J. Viale na *Miscellanea-Litteraria*, Lisboa, 1868, 1 vol.

Traducções francesas: — Dugas-Montbel (Paris, 1828-1833); P. Giguet (*ibid.*, 1859); Leconte de Lisle (*ibid.*, 1884-1886), etc.

(1) Οὐκ αγαθὸν παλυκοιρανίη εἷς κοίρανος ἔστω,
Εἷς βασιλεύς.

(*Ilias*, II, 204)

que succede com todos os homens que exercêram um prestigio real nas gerações coevas — creou proselytos, deixou discipulos que mais ou menos felizmente tentaram seguir os vestigios do mestre. Como teve precursores, teve tambem sequazes; fôram os poetas que desde a antiguidade se designaram pelo nome de *cyclicos.* Do seculo VIII até meados do seculo VI antes de J. C. apparecem varios poemas tendo como centro a guerra de Troia e terminando assim como que o cyclo (κύκλος) dos poemas homericos. A maior parte perdeu-se, mas chegaram alguns até nós e fôram até attribuidos ao proprio Homero, como a *Batrachomiomachia* (Βατραχομιομαχία) ou *Combate das rãs e dos ratos,* que é um pequeno poema heroe-comico parodiando a *Iliada,* e uma *Collecção de hymnos* a Apollo, Mercúrio, Venus, etc. (1). Estas como outras obras do mesmo periodo são inteiramente secundarias (2).

HESIODO E A POESIA DIDACTICA

12. — Hesiodo (Ἡσίοδος). Este poeta iniciou um novo genero literario menos brilhante que a epopéa, mas mais didatico do que ella, que se perpetuou com o seu nome — poesia *hesiodica.* As tendencias religiosas continuam a vigorar. Mais práctico, mais humano, mais familiar do que Homero, Hesiodo dá nas suas obras largo campo aos

---

(1) Da *Batrachomiomachia* ha uma edição feita por Fl. Lécluse em Toulouse, em 1829, em quatro linguas: grega antiga e moderna, latina e francêsa. Sobre os poetas cyclicos ha as edições de F. G. Welcher: *Der epische Cyclus oder die homerischen Dichter,* Bonn, 1835-49, 2 voll., o 1.º reimpresso em 1865; Godofr. Kinkel, *Epicorum Graecorum fragmenta,* Leipzig, 1777; Bibl. Didot, *Homeri carmina et cycli epici reliquiae,* Paris, 1837-1856.

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA: *Batrachomyomachia ou guerra dos gatos e das rãs, poemeto heroi-comico trad. do grego em verso solto portuguez por Antonio Maria do Couto.* Lisboa, 1835, folh.

(2) Vid. Inama, *ob. cit.,* pg. 56-58.

mythos religiósos. Era natural de Ascréa (1) pequena cidade da Beócia, juncto das faldas do monte Helicon (2). Fazem-no uns contemporaneo de Homero, mas outros, como Cicero (3) suppõem-no, e com razão, posterior. As questões que teve com seu irmão Perses, que lhe disputava a herança paterna, inspiraram-lhe naturalmente o intento moral, que se destaca da sua obra. Attribuem-se-lhe, mas parecem ser posteriores a elle, os seguintes livros: a *Theogonia* (Θεογονία) ou origem dos deuses, verdadeiro tractado de mythologia, em que ha quadros notaveis, como os das luctas entre os deuses e os gigantes, a pintura do Tartaro onde os raios de Jupiter precipitam os Titans, e varios outros; e o *Escudo de Hercules,* fragmento épico e narrativo, evidente parodia da descripção do escudo de Achilles feita na *Iliada,* no canto XVIII.

Obra genuina do poeta grego é o poema — *Trabalhos e Dias* (Ἔργα καὶ Ἡμέραι), que se compõe: 1.º duma exhortação ao trabalho (1-382); 2.º dum tractado de agricultura e conselhos sobre a navegação (383-694); preceitos moraes e religiosos (695-864); 3.º duma especie de calendario sobre a influencia na agricultura attribuida aos dias felizes e infelizes (765-828). Como episodios sobresaem neste poema a descripção das quatro edades do mundo — edade de oiro, prata, bronze e ferro —, a da boceta de Pandora e a dos rigores do inverno na Beócia (4).

(1) Por isso é designado *Ascreu* (Ἀσκραῖος).

(2) Era o monte consagrado ás Musas, muitas vezes empregado como synonymo de *Pindo, Parnaso.* E' hoje *Palaeovouno.*

(3) *De Senect.*, 54.

(4) BIBLIOGRAPHIA: — Edições de Hesíodo: F. G. Schoemann, *Hesíodi quae feruntur carminum reliquiae cum comment. critic.*, Berlin, 1869; A. Koechly e Kinkel, *Hesiodi quae feruntur omnia,* Leipzig, 1884; J. Flach, *Hesiodi quae feruntur carmina,* Leipzig, 1891; P. Walz, *Les travaux et les jours,* Bruxelles, 1909. Leconte de Liste traduziu Hesiodo e juntamente Theocrito, Bion, Moscho, Tyrteu e Anacreonte, (Ed. Lemerre); etc.

II
Lyrismo

13. — A poesia lyrica; seu caracter. Terminada a época guerreira e épica, que havia inspirado os cantos homericos, uma outra surge bem diversa della. Desde muito cedo tinham os gregos o hábito de celebrarem as suas festas religiosas no meio de canticos e de danças. Destas nasceu o novo genero literario, de fórma apaixonada e subjectiva, que se chama o *lyrismo.* Foi nos seculos VII e VI antes de J. C., que mais se desenvolveu. Pouco a pouco e como que gradualmente o lyrismo progride, tomando primeiro a feição *elegíaca* e em seguida a *jámbica,* até que se eleva á maior altura, e nos dá o principe dos poetas lyricos de toda a antiguidade — Píndaro. E' pena que grande parte desta poesia se perdesse, não nos restando muitas vezes mais do que simples nomes ou insignificantes fragmentos.

ELEGIA

14. — A elegia e suas variedades. Parece que primitivamente a elegia era um canto de luto, de caracter triste e melancolico, mas isso não impediu que cedo tomasse feições muito differentes, resentindo-se, por exemplo, do espirito heroico, que a precedeu, e sendo com Callinos de Epheso destinada a despertar o sentimento do amor da patria, do valor e da concordia entre os cidadãos; tornando-se sentimental e erotica com Mimnermo, e tomando ainda a forma sentenciosa e moral, denominada propriamente *gnomica,* com Solon.

O metro elegico tinha uma forma estrophica determinada — um distico formado dum verso hexametro seguido dum

verso um pouco mais curto — o pentametro. Uma serie de disticos é que constituia a elegia.

Embora mais tarde se libertassem da musica é certo que na origem as elegias eram recitadas com acompanhamento do instrumento de cordas chamado *cithara,* passando depois a ser cantadas ao som da flauta.

15. — Callinos de Épheso. Talvez dos principios do seculo VII, é o primeiro e mais antigo representante da elegia militar, ou melhor, patriotica. Vivendo num tempo, em que inimigos ferozes pisavam o sólo da patria, os poucos versos que delle temos respiram energia e bravura, e são um grito de revolta contra a indifferença dos seus concidadãos, a quem desperta do seu torpor e anima aos combates (1).

« Até quando durará esta indolencia, ó mancebos? quando tereis um coração valente? não córaes deante dos vossos vezinhos, por vos abandonardes assim á molleza? Julgaes viver na paz, e todavia a guerra abrasa o país inteiro... Que o moribundo despeça um último golpe. E' bello e glorioso para um bravo o defender, contra inimigos, pátria, filhos e esposa... Vamos! lança em riste e para a frente... » (2).

16. — Tirteu. (685-668 A. C.). Mestre escola coxo que, diz a lenda, os Athenienses enviaram por irrisão aos espartanos que lhes pediam um general, foi outro lyrico, que procurou tambem no amor da patria a inspiração dos seus cantos, com que incutiu coragem aos espartanos em guerra com os messenios.

Tirtaeusque mares animos in maria bella
Versibus exacuit.

(Hor., *Art. poet.*, 402).

---

(1) Bibliographia : — O que resta dos poetas elegiacos e jambicos foi publicado principalmente por Bergk, *Poetae lyrici graeci,* t. II, Leipzig, 4.ª ed., 1878; Hiller, *Anthologia lyrica,* na Bibl. Tenbner, 1899; etc.

(2) A. Croiset, *Ob. cit.*

Restam-nos delle tres elegias completas e fragmentos doutras.

« Não poupeis a vossa vida, ó mancebos! Combatei a pé firme, bem unidos uns aos outros. Não vos deixeis cair nem na fuga vergonhosa, nem no medo. Excitae na vossa alma uma nobre e valente coragem, e não penseis em vós na lucta contra os guerreiros... O guerreiro é para os homens um objecto de admiração, um objecto d'amor para as mulheres, durante a sua vida; e é bello ainda, quando cae nas primeiras filas dos combatentes...».

17. — **Mimnermo** (cerca de 630 A. C.). Nos fragmentos, que delle possuimos, revela-se-nos um lyrico apaixonado e sentimental, amante da molleza, indifferente a tudo excepto ao prazer. O amor e a mocidade são o seu ideal. Odeia a velhice, essa edade em que se vive aborrecido dos povos e desprezado das mulheres, e canta a alegria de ser novo.

A POESIA GNOMICA

18. — Solon (639-559 A. C.). E' mais nobre e levantado o ideal deste poeta, que foi tambem um notavel legislador e um habil politico. A poesia é para elle um meio de incutir pensamentos e reflexões moraes: serve-lhe para lembrar aos concidadãos os deveres que lhes incumbem e as obrigações que têem de respeitar. Por vezes na praça pública recitou ás multidões os seus versos, como quando defendeu a reconquista de Salamina na bella elegia daquelle nome (Σαλαμίς).

Os dois versos, que a terminam:

« A caminho de Salamina! vamos combater por esta ilha amavel, e repillamos para longe uma funesta deshonra!... »

ecoaram no coração da mocidade atheniense que aos gritos de « *a caminho de Salamina!* » fôram de facto reconquistar aos megagianos a decantada ilha tam ambicionada.

De Solon possuimos tambem com caracter politico as *Exhortações ao Athenienses* (ὑποθῆκαι εἰς Ἀθηναίους) e as *Exhortações a si mesmo* (ὑποθῆκαι εἰς ἑαυτόν) de caracter moral.

19. — Xenóphanes (570 A. C.), contemporaneo de Solon, philósopho e poeta como elle, além de dois poemas, um sobre a fundação de Colophon (Κτίσις Κολοφῶνος), cidade da Jónia, onde nasceu, e outro sobre a colonização de Eléa ou Vélia, cidade da Grande-Grécia, que ajudou a fundar, e onde viveu a maior parte do tempo, e que ambos se perdêram, deixou-nos elegias, de que restam ainda alguns fragmentos, em que se revela o espirito independente e superior que era.

20. — Theógnis, de Mégara, viveu na última metade do seculo VI (540 A. C.). As suas elegias têem um caracter moral accentuado. Sendo rico e pertencendo ao partido aristocratico, foi obrigado a expatriar-se, sem meios de fortuna, e destituiram-no de todas as dignidades, no dia em que um certo Theágenes foi pelo partido popular elevado ao poder. Por isso as suas elegias dirigidas geralmente ao seu amigo Cyrno, desfazem-se em invectivas contra o povo, ao passo que recommendam vivamente aos nobres o cumprimento austero da virtude. As maximas de Theógnis fôram tidas em tanto aprêço, que se chegou a fazer dellas uma collecção destinada ás escolas. Uma destas collecções, especie de catecismo em que apparecem muitas elegias doutros poetas, é que chegou até nós e nos permittiu classificar Theógnis como um excellente cultor do genero gnómico (1).

21. — Focílides, de Mileto, fecha o cyclo dos poetas elegiaco-gnomicos. Como as de Theógnis, seu contempo-

(1) Welcker, *Theognidis megarensis reliquiae*, Francfort-Sur-Mein, 1826, com introd. e notas.

raneo, as suas poesias adoptadas nas escolas, adquiriram grande celebridade.

POESIA JAMBICA

22. — A poesia *jâmbica* tira o seu nome da fórma do verso, — uma syllaba breve seguida duma syllaba longa, e era commummente empregado nos dialogos das tragedias e das comedias. Embora differisse da elegia pelas origens, tinha com ella muitos traços identicos — na ligeireza dos assumptos, no lugar secundario que dava á musica, etc. Por isso os dous generos são cultivados simultaneamente e com igual felicidade pelo mesmo poeta (1). Entretanto distinguiremos neste genero os poetas que maior fama adquiriram na antiguidade.

23. — Archiloco de Paros (VII sec. A. C.) foi o primeiro inventor deste genero. A antiguidade teve-o em alta estima; o seu nome apparece muitas vezes ao lado dos de Homero e Píndaro (2). A sua paixão funesta por uma donzella chamada Neóbula inspirou todos os seus versos, que não chegaram até nós senão em escassos fragmentos, que não são sufficientes para avaliar a justiça com que o consideravam os antigos.

24. — Simónides, denominado *Amorgino* por ter vivido na ilha de Amorgos, fez uso da poesia jâmbica num poema sobre mulheres (118 versos), que é uma verdadeira satyra viva e mordaz. Segundo elle toda a mulher provém dalgum animal ou dalgum elemento, e é essa origem que determina o caracter de cada uma. Assim: o mar produziu a mulher inconstante, a feia e maliciosa descende do macaco, a perversa da doninha, a

(1) M. e A. Croiset, *Manuel d'hist. de la litt. Grecque*, cit., pg. 130.
(2) Cfr. A. Hauvette, *Archiloque, sa vie et ses poésies*, Paris, 1905.

astuta da rapôsa, etc. A unica, que lhe não merece censuras, é a da raça da abelha. Apesar da excepção o poeta demonstra, que a mulher é um flagello imposto por Jupiter á humanidade.

25. — Hipponax, de Épheso, foi célebre na antiguidade por ter introduzido uma modificação importante na fórma dos versos, que se ficaram chamando *choliámbicos* ou *jámbicos* côxos (1). As suas poesias tinham um caracter tam mordaz e violento, que se diz que dois escultores, que o tinham representado em caricatura, se suicidaram, para evitar as suas invectivas injuriosas.

FABULAS

26. — **Caracteristica deste genero.** O apparecimento deste genero literario entre os gregos remonta a alta antiguidade. E' natural que elles o recebessem, como recebêram muitas outras coisas, da Asia. Todavia só na primeira metade do seculo VI, com o apparecimento de Esopo, é que toma maior desenvolvimento e um cunho literario distincto.

27. — **Esopo** (Αἴσωπος) não era grego. Natural da Thrácia viveu a princípio como escravo e mais tarde, já livre, poude visitar a Grecia, sendo depois condemnado á morte em Delphos injustamente accusado dum roubo sacrilego. Attribue-se-lhe uma collecção de fábulas, na qual ha muitas que lhe não pertencem. A redacção destas fábulas parece ser devida a certo grego — Gabrias ou Babrias, do tempo de Augusto. A compilação que corre hoje com o seu nome, assim como uma vida roma-

(1) O uso, como o haviam praticado Archíloco, Simónides e Solon, era para o verso senario empregar-se, pelo menos, tres jambos, um no 2.º, outro no 4.º, outro no 6.º; o jambo final era de rigor. Foi este que Hipponax substituiu por um espondeu.

nesca do célebre fabulista, é attribuida pelos criticos a Máximo Planúdio, monge erudito de Constantinopla, do seculo XIV (1).

POESIA MÉLICA E CORAL (2)

28. — Caracteres geraes. A poesia *mélica* e a *coral* tiram os nomes da sua alliança com a musica, tida sempre pelos gregos em grande estima. O canto ligava-se estreitamente com o verso de modo, que todo o poeta melico simultaneamente era um compositor musical. A musica aqui não é um pretexto como na elegia e no jambo, mas um elemento essencial. Umas vezes a poesia era cantada a uma só voz com acompanhamento da lyra, outras vezes era-o pelo côro, em público. A primeira destas fórmas, mais individual e íntima, foi empregada pela estirpe grega dos *Eólios*, a segunda, mais externa e social, esteve em uso entre os *Dórios*.

29. — Variedades desta especie de poesia. A dança occupava um logar importante ao lado da poesia e da musica. O côro executava várias evoluções, caminhando em certa direcção, voltava-se (στρέφομαι), parava, retomava os mesmos passos, etc. Quando os coristas estacionavam, chamava-se a essa parte *epódo*, e a evolução rítmica *estrophe* e *antistrophe*, nomes que passaram depois para as divisões da poesia lyrica mesmo individual. Os cantos tinham tambem diversos nomes segundo o fim a que eram destinados. Assim havia os *Hymnos* (Ὕμνοι) em honra dos deuses; os *Peánes* (Παιᾶνες) em honra de Apollo e Artemides; os *Hiporchemas* (Ὑπορχήματα) em honra de

(1) *Fabulae Aesopicae colletae ex recognitione*, Caroli Halmi, Lipsiae, Teubner, 1854.

(2) Bibliographia: — *Frammenti della Melica greca Tarpandro a Bachilide*, riveduti, tradotti ed annotati de L. A. Michelanegli, Bologna, Zanichelli, 1882-93; Hiller, *Anthologia lyrica*, na Bibl. Teubner, 1899. Extractos em Smyth, *Greek melic poetry*, Londres, 1900.

Apollo; os *Epinicios* ('Επινίκια) para celebrar qualquer victória; os *Epithalamios* ('Επιθαλάμια) e os *Hymeneus* ('Υμέναια) dirigidos aos esposos; nos banquetes cantavam-se os *Escholios* (Σκόλια); nos funeraes os *Threnos* (Θρῆνοι); nas procissões religiosas as *Prosodias* (Προσῳδίαι): as donzellas entoavam as *Parthenias* (Παρθένιαι). Era assim que os gregos imprimiam caracter differente á poesia, segundo os differentes sentimentos, que tinham de produzir (1).

POETAS EOLIOS

30. — Alceu. Entre os cultores deste genero de poesia ligeira, simples e familiar, ás vezes denominada *Lesbiana,* da ilha de Lesbos que foi propriamente a sua patria, merecem citar-se sobretudo Alceu e Sappho.

Alceu, de Mytilene (640 A. C.), abre a serie dos poetas eolios; só nos restam fragmentos da sua obra, em que traduz a dualidade da sua vida, já consagrada á politica, já aos prazeres, já aos amores. Foi o inventor da estróphe chamada do seu nome — *alcaica* não tanto por ser o seu inventor, diz Croiset, como pelo uso que della fez, estrophe mais tarde imitada por Horácio (2).

---

(1) V. Inama, *Litterat. greca,* pg. 78-83.

(2) Um exemplo desta estrophe é fornecido por Horácio, grande imitador dos Lesbianos:

Estrophe alcaica:

Vides ut alta stet nive candidum
Soracte, nec jam sustineant onus
Silvae laborantes. geluque
Flumina constiterint acuto.

A estrophe saphica não fazia muita differença desta:

Estrophe saphica:

Rectius vives, Licini, neque altum
Semper urgendo, neque, dum procellas
Cantus horrescis, nimium premendo
Littus iniquum.

Cfr. Alf. et M. Croiset, *Man. d'hist. de litt. Grecque, ob. cit.*, pg. 163. Está publicado o que resta de Alceu. *Alcaei Mytilenei reliquiae coll. et adnot crit. instruxit,* Aug. Mathiae, Lipsiae, 1827.

31. — Sappho de Lesbos, a « decima musa », como lhe chamava Platão, viveu pelo fins do seculo VII e principio do VI A. C., foi comtemporanea de Alceu, por quem foi talvez amada, e é a poetisa mais notavel da antiguidade. No mais admirado e variado dos rythmos cantou as aspirações do coração humano duma maneira, em que nada justifica o conceito de mulher licenciosa e impudica, que, com o correr dos tempos, se formou em volta da sua personalidade. Os pormenores lendarios abundam nas biographias, que os antigos nos legaram. A esse número pertence a sua paixão por *Phaon*, que a levou a precipitar-se no mar do alto do rochedo de Leucade (1), pois que O. Müller demonstrou, que Phaon não passava duma personagem mythologica. Restam pequenos fragmentos dos seus versos chamados *sáphicos*, que fôram imitados por Horácio (2). Conta-se que Solon, ouvindo recitar um poéma de Sappho, exclamára: « *não morria satisfeito, se não soubésse de cór esse trecho* » (3).

32. — Anacreonte, dos meados do seculo VI A. C., apesar de nascido em Teos, na Asia menor, e de ser por isso Jónio, pela indole dos seus versos liga-se estreitamente aos lyricos Eolios. Passou uma parte da sua vida em Samos, junto do tyrano Polycrates, e depois em Athenas, junto de Hipparco, filho de Pisistrato. As suas odes, brevissimas mas muito animadas, adquiriram fama universal; mas nas collecções, que correm com o seu nome, ha interpolações numerosas (4). Formando na epo-

---

(1) Uma das ilhas jónias da Grécia antiga, hoje Santa-Maura.

(2) Veja-se um exemplo na nota 2 da pg. anterior.

(3) Bibliographia: Chr. Frid. Neve *Fragmenta coll.*, Berolini, 1827; Gius. Bustelli, *Vita e frammenti di Saffo di Mitilene*, Bologna, 1863.

(4) Bibliographia: Ed. F. Didot, Paris, 1864, com 54 composições de Girodet; Trad. ital. com texto por L. A. Michelangeli, Bologna, Zanichelli, 1882.

cha alexandrina cinco livros, nada mais chegou até nós que fragmentos, quasi todos canções de amor.

POÉTAS DÓRICOS

33. — Alcman. O mais antigo dos poétas doricos é *Alcman,* nascido em Sardes, capital da antiga Lydia, que deveu aos seus versos guerreiros o titulo de cidadão de Sparta. E' notavel pela originalidade e variedade das fórmas poeticas que empregou. Das suas poesias que formavam seis livros só possuimos fragmentos entre os quaes ha um descrevendo o repouso da noite, que foi imitado por Vergilio na *Eneida* (IV, 522) e por Tasso na *Jerusalem Libertada* (II, 96). A parte mais celebre das suas composições era a collecção dos *Partheneas,* que era uma especie de poema lyrico destinado a ser executado por um côro de donzellas.

34. — Stesichoro, contemporaneo de Alcman, deriva o seu nome das muitas modificações que introduziu na lyrica coral — *Stesichoro* (Στησίχορος) ordenador de córos. Deve-se-lhe a creação do *epódo* e o ter alargado consideravelmente os conceitos e argumentos da poesia. Quintilliano escreve: « o poder de espirito de Stesichoro mostra-se até na escolha do assumpto; canta as maiores guerras, os generaes mais illustres, e sustenta sobre a lyra o fardo da epopéa ».

OUTROS POETAS

35. — Ibyco (1), Arion, são tambem poetas doricos, que pequenos fragmentos chegados até nós salvaram dum

---

(1) BIBLIOGRAPHIA : O que temos delle foi reunido por Schneidewin (Gottingue, 1883), por G. Hermann e Welcker. Encontra-se tudo no n.° 18 dos *Poetae melici* na *Anthologia lyrica* de Bergk, Leipzig, in-12, 3.ª ed.

esquecimento completo. O amor, levado por vezes até á libertinagem, inspira os versos delles, sobretudo do primeiro. Pertence á mesma categoria *Bacchylides*, de quem se não conheciam até 1899 senão uns 50 fragmentos. Mas hoje conservam-se no *British Museum* vinte poemas comprehendendo cerca de 1.400 versos. Elle chamava-se a si proprio o « rouxinol de Ceos, de voz doce como o mel ». Tanto o que já se conhecia, como o recentemente descoberto não contrariam este juizo, pois Bacchylides é um cantor suavissimo, juntando muitas vezes á doçura a verdadeira grandeza (1).

36. — Simónides, denominado *de Ceos* por ter nascido na ilha deste nome (556 A. C.), foi um poeta lyrico notavel sobretudo pelos seus epigrammas, ou pequenas inscripções commemorativas duma personagem ou dum acontecimento notavel. Destes é conhecido o que o poeta dedicou aos soldados mortos no desfiladeiro das Thermópylas:

« Como é glorioso o destino dos que morreram nas Thermópylas! Para elles não ha tumulos mas altares, não ha lagrimas mas hymnos, não ha lamentações mas elegias. Nem a ferrugem nem o tempo devastador apagarão o epitaphio desses bravos. A urna, que lhes guarda as cinzas, encerra a illustração da Grecia; testemunha Leónidas, o rei de Sparta, cuja virtude gloriosa brilha com um brilho imperecivel ».

Para o epitaphio de Leónidas escreveu:

« Estranjeiro! vae dizer aos Lacedemonios, que estamos enterrados aqui, por ter obedecido ás suas ordens ».

Simónides foi muito querido dos antigos. Aristophanes cita-o varias vezes, bem como Platão e Xenophonte que ora o explicam, ora o combatem e criticam.

---

(1) Bibliographia: Kenyon, *The poems of Bacchylides*, Londres, 1897. E' a ed. princeps. Blass, *Bacchylidis carmina*, na Bibl. Teubner, 1898. Trad. fr. de Desrausseaux, Paris (Hachette), 1898. Veja-se uma apreciação summaria em Alf. e M. Croiset, *Manuel*, já cit., 210-214.

37. — Pindaro (522 A. C.) é o primeiro e mais celebre poeta lyrico da Grecia. As obras, que delle possuimos, são a revelação manifesta do seu talento incomparavel. Nascido proximo de Thebas, na Beocia, desde a sua primeira composição aos vinte annos até ao fim da sua longa vida (442), o cysne de Dirceu tem em toda a Grecia a estima condigna do seu merecimento. Cantou-o Horacio numa ode famosa (2.ª do IV livro), e Alexandre Magno, quando mandou arrasar Thebas, quis, que poupassem a casa onde elle vivêra. A sublimidade da dicção emparelha com a melodia harmoniosa do rithmo. Desgraçadamente perderam-se grande numero de obras deste genio fecundo; temos, e essas completas, as suas *odes triumphaes* ('Επινίκια) consagradas á celebração dos triumphos alcançados pelos seus concidadãos nos grandes jogos, que periodicamente se celebravam em Olympia, Nemea, Delphos e no Istmo de Corinto; e é por isso que se chamaram *olympicas* (13), *neméas* (11), *pithicas* (12) e *isthmicas* (8). E' elle que fecha com brilho imperecivel o cyclo dos lyricos para dar logar á nova poesia dramatica. Recentemente encontraram-se fragmentos novos, sobretudo peans e partheneas, em papyros, que foram reunidos na edição *minor* de Schroeler, Teubner, 1908 (1).

(1) Bibliographia: — ha a ed. *princeps* de *Alda*, Veneza, 1513; vid. tambem A. Boeckh, Leipzig, 1811-1821, 2 vols. em quatro partes, L. Dissen, Leipzig, 1830 e revista por Schneidewin, 1847-50, 2 voll. Esta ed., que reproduz o texto de Boeckh, passa por ser muito estimada. Ha uma traducção francesa de Boissonade, publicada por Egger em 1867 e de Poyard em 1853. Cfr. A. Croiset, *La poésie de Pindare*, Paris, 1880.

III

Theatro

a)

A TRAGEDIA (Τραγῳδια)

38. — **Origens do theatro. A tragedia.** O apparecimento do theatro entre os gregos liga-se intimamente ás crenças mythologicas deste povo. Todos os annos se celebravam na Grecia grandes festas em honra de Dionysos. Nessas festas a musica, a dança e o canto chamado *dithyrambo* occupavam logar importante.

Enquanto em frente do altar se realizava a immolação dum bode (τράγος), o côro dithyrambico, composto de cincoenta homens disfarçados em satyros, vestidos em pelles de cabra, dançando em roda, entoava louvores ao deus, narrando as suas aventuras extravagantes.

Os gregos chamavam a esses individuos *Tragoi (bodes; em Horacio — capripedes satyri),* donde o nome de *tragedia* dado ao dithyrambo regular e á tragedia que mais tarde delle derivou.

Mas não era só o culto de Dionysos com a exaltação dos sentimentos, quer de alegria, quer de tristeza, a que o delirio da embriaguês daria um cunho de exagero facil de suppor-se, não era tambem a mimica que nessas festas devia occupar logar preponderante, elementos que congregados podiam ainda assim por si só difficilmente evolucionar até produzir a tragedia. Os gregos possuiam tambem outro elemento formativo da tragedia — foi o culto dos heroes, pondo em jogo sentimentos de piedade, de terror, de admiração, a mesma atmosphera em que vivem e se agitam as personagens de Eschylo. Pode dizer-se que

só faltava a forma dramatica e esta vamos vê-la apparecer (1).

39. — Creação da tragedia. Thespis. O pai da tragedia, aquelle a quem toda a antiguidade attribue a creação da tragedia foi Thespis, que viveu pelo sec. VI A. C. Elle teve a idea de introduzir um *actor*, modificação notavel, á qual se deve a origem do diálogo, e que se tornou, com o decorrer dos tempos, a base do drama futuro. Enquanto o côro executava as suas evoluções, uma personagem destacava-se e fazia-se ouvir só. O côro respondia em seguida. A justiça com que a antiguidade avaliava Thespis não a podemos bem avaliar, pois que não conhecemos mais que os nomes das peças que lhe foram attribuidas. Por isso toda a gloria redunda propriamente em louvor de Eschylo e seus continuadores.

40. — Elementos da representação. Pódem pois distinguir-se desde já neste esbôço de representações dramaticas dois elementos; o côro e os actores.

O côro (χορός) era formado por doze cantores sob a direcção dum *coripheu* (Κορυφαῖος). Áquelle é que incumbia a parte principal, mas pouco a pouco foi-se este restringindo e o diálogo alargou-se consideravelmente.

Os actores (ὑποκριταί) faziam uso da mascara e do cothurno, para realçarem a physionomia e a estatura. Os papeis de mulheres eram desempenhados por homens. A principio só havia um actor; foi Eschylo quem introduziu na scena o segundo, e Sophócles o terceiro.

41. — Representações tragicas. O Theatro. O desempenho destas representações fazia-se primeiro ao ar livre,

(1) Bibliographia: — Charles Magnin, *Origines du théatre moderne*, I, Paris, 1838; Patin, *Études sur les tragiques grecs*, 4 vols., Paris, 1841; H. Weil, *Études sur le drame antique*, Paris, 1897; Haigh, *The tragic drame of the Grecs*, Oxford, 1896, etc.

não havendo logar para o publico nem para os actores. A construcção do theatro de Dionysios, que podia conter 30:000 espectadores e ficava situado no lado sul da Acrópole, foi o primeiro grande theatro regular dos gregos. Os espectadores sentavam-se num semi-circulo em frente da scena (σκηνή); entre esta e aquella ficava a *orchestra* (ὀρχήστρα), logar correspondente, embora mais pequeno, á actual platéa e destinado aos córos, em cujo centro se elevava a *thýmele* (θυμέλη), isto é, o altar do sacrificio, do alto do qual o *corypheu* dirigia o bando dos coristas, que dançavam em volta. O scenario era muito reduzido: a vista de qualquer monumento servia para tudo. Mas conseguia-se obter effeitos scenicos extraordinarios por mecanismos mais ou menos bem dispostos.

42. — Os Concursos. Uma vez começada, a representação seguia ininterruptamente até ao fim, sem ser intercalada de actos nem de entreactos, que os gregos desconheciam. Nas tragedias ha no entretanto um desenvolvimento gradual — *prólogo, episódios, epilogo*. A história povoada de mythos e lendas e os heroes, quasi divinizados pelos antigos poétas, offereciam vasto thema aos auctores dramaticos.

Muito cedo, a partir do sec. v, se dava ás representações um caracter solemne, escolhendo-se especialmente as *Grandes Dionysias,* que se realisavam tres vezes por anno e mediante *concurso.* O archonte eponymo era quem escolhia entre os poetas que se lhe dirigiam para obter um côro, quer dizer, para fazer representar as suas peças, tres dentre elles, os quaes depois apresentavam as suas obras, que deviam conter tres tragedias — *trilogia* — e um drama satyrico, chamando-se este conjuncto dos quatro — *tetralogia.* Assim o *Agamemnon,* as *Choephoras,* e as *Eumenides* de Eschylo formavam uma trilogia tragica, seguida do *Proteu,* drama satyrico, o que dava a tetralogia. Era um tribunal especialmente organizado, que declarava

quaes eram as melhores peças, e proclamava dentre os competidores o vencedor, cujo nome era inscripto nos monumentos publicos.

PRINCIPAES POETAS TRAGICOS

Foi num destes concursos, que appareceu um homem verdadeiramente notavel, e que merece ser considerado como o fundador da tragedia: Éschylo. Sophócles e Eurípedes completam a sua obra.

43. — Eschylo (525-456 A. C.) pertencia a uma familia de valentes, que se illustrou nas memoraveis batalhas de Marathona, Platéa e Salamina. No seu tumulo em Gela, na Sicilia, esqueceu-se o poeta, para só se lembrar o guerreiro. Desde o concurso dramatico, em que primeiro se apresentou (500), até ao fim da sua vida, Éschylo nunca mais abandonou o genero literario em que concentrava a sua vocação. Dos setenta, ou segundo outros, oitenta dramas, que a fecundidade do seu genio produziu, apenas temos hoje sete, e destes mesmos um só formando uma trilogia completa — a *Orestia* ('Ορέστεια), comprehendendo *Agamemnon* ('Αγαμέμνων), *Choéphoras* (Χοηφόροι) e ***Euménides*** (Εὐμενίδες).

Na primeira destas trilogias Agamemnon, de volta de Troia, onde se distinguiu como um dos mais valentes generaes, é assassinado no seu proprio palacio por sua mulher Clytemnestra e por Egistho seu cumplice.

Na segunda, Orestes e Electra, filhos de Agamemnon, vingam a morte do seu progenitor, e matam os causadores della. Enquanto junto do tumulo do pae elles juram vingança, captivas troianas vêem offerecer libações; d'ahi o nome da trilogia (Χοηφόροι = portadoras de libações).

Mas Orestes não deve ficar impune; se cumpriu o dever da vingança, sagrado para os antigos, não póde

deixar de expiar o crime de ser o assassino de sua mãe. E' por isso que as *Euménides* ou Furias lhe apparecem perseguindo-o cruelmente. E' esta perseguição incessante, que só termina com o julgamento dado em Athenas pelo tribunal do Ariópago desta cidade, que enche o entrecho da terceira e ultima trilogia — *Euménides.*

O *Prometheu encadeado* (Προμηθεῦς δεσμώτης) trata do mytho da vingança de Jupiter, que prendeu o Titan daquelle nome a um rochedo do Caucaso, onde um abutre lhe devorava as entranhas, que renasciam incessantemente. Prometheu, resignado, soffre até que é lançado no Tártaro.

Os *Persas* (Πέρσαι) tratam dum assumpto historico, contemporaneo de Xerxes, em seguida ao desastre da batalha naval de Salamina, celebrando a victoria gloriosa desta cidade, a fuga dos Persas, etc.

Os *Sete contra Thébas* (Επτὰ ἐπὶ Θήβας), parte duma tetralogia que se perdeu, occupa-se das luctas de Ecteócles e Polynice, filhos de Edipo, amaldiçoados pelo pai, e que se matam depois duma lucta fratricida para obter a realeza de Thebas.

As *Supplicantes* (Ἱκέτιδες), a mais simples de todas as tragedias de Éschylo, versa sobre o mytho das Danaides.

E nada mais — de oitenta peças, umas cincoenta das quaes coroadas — possuimos do primeiro tragico grego, cujas obras ficaram immorredouras. Simples no seu desenvolvimento, a acção dos dramas de Éschylo corre em estylo vigoroso e brilhante de colorido; as situações dramaticas deduzem-se da grandêza dos conceitos, sóbrios mas elevados, contendo por vezes maravilhas de lyrismo (1).

---

(1) Bibliographia: Ed. *princeps* de *Alda*, 1518; G. Dindorf, *Æschyli tragaediae superstites et deperditarum fragmenta*, Oxford, 1851; *Æschyli fabulae cum lectionibus et scholiis codicis Medicei et in Agamemnonem codicis Florentini ab Hieronymo Vitelli denuo collati editi*, V. Wecklein, Berlim, 1885-1893, 3 voll.; Boissonade, da collecção F. Didot, Paris, 1825, 2 voll. Traducções: *Eschyle*, Pierron, 8.ª ed. Paris,

44. — Sóphocles (496-406 A. C.) é o successor de Éschylo, vinte annos mais novo e sem dúvida mais perfeito, mais correcto e mais majestoso que elle. Em 468 foi a um concurso contra Éschylo e foi coroado. Desde então, durante setenta annos, foi o poeta querido do povo, não deixando mais de escrever. Embora lhe não fôssem estranhos os negocios publicos, pois que com Perícles chegou a commandar a expedição dos athenienses contra Samos (440), todavia a poesia foi a sua principal occupação, o que bem se deduz do número de obras — 113, que alguns biographos lhe attribuem. Conta-se que no fim da sua vida um dos seus filhos o accusou de loucura; em resposta o poeta leu um côro do *Edipo em Colona*, depois do que os juizes o acclamaram e conduziram a casa em triumpho. Restam-nos sete: *Electra, Trachinias, Ajax, Philocteto, Edipo rei, Edipo em Colona* e *Antígone*.

Electra (Ἠλέκτρα) trata do mesmo assumpto das *Choéphoras* de Éschylo; Electra mata a mãe, para vingar o pae.

Trachínias (Τραχινίαι) tiram o seu nome do côro, que é formado de donzellas da cidade de Trachino. Os ultimos annos da vida de Hércules, morrendo devorado pela tunica do centauro Nessus, fórmam o assumpto desta tragedia, que é considerada como inferior ás outras.

Ajax furioso (Αἴας μαστιγοφόρος) versa sobre a história de Ajax, a quem Minerva priva da razão, e que, julgandose deshonrado, após várias façanhas pouco dignas dum heroe — a morte duma porção de carneiros que elle julgava ser os chefes do exercito grego — se mata.

No *Philocteto* (Φιλοκτέτης) Sophocles dá-nos um episodio da guerra de Troia, o quadro dos soffrimentos physicos e moraes do heroe daquelle nome.

(Charpentier); Bouillet, Paris (Hachette). Para os tres tragicos — *Choix*, Puech, Paris (Masson); Eschyle, Soph. Eurip., e Aristophanes — *Pièces choisies*, Uri, Paris (Hachette); trad. da *Orestia* de Eschylo — P. Mazon, 1903, Paris (Fontemoing, etc.).

Edipo rei (Οἰδίπους τύραννος) é a luctuosa história de Edipo, tornado rei de Thebas depois de ter, sem o saber, matado seu pae Laio e a espôsa deste, sua mãe. Ao saber esta terrivel verdade, Edipo vasa os proprios olhos, mas sobrevive á sua dôr, para ser testemunha e victima das desgraças da sua familia.

Edipo em Colona (Οἰδίπους ἐπὶ Κολωνῷ) conta o fim de Edipo, que, tendo expiado os seus crimes involuntarios e alcançado por isso a benevolencia dos deuses, termina os seus dias em Colona, junto de Athenas, pacificamente.

A tragedia *Antígone* (Ἀντιγόνη) apresenta-nos na mulher deste nome a encarnação da piedade. Antigone sacrifica-se para prestar as honras funebres a seu irmão Polynício, morto no combate contra Thebas, infringindo as ordens do tyranno Creon, que prohibira a sepultura aos inimigos da cidade.

Taes são as tragedias de Sophocles, em que os caracteres das personagens são mais naturaes, mais humanos, e portanto mais verdadeiros que os do seu predecessor. Os dialogos são bem urdidos; o desenvolvimento da acção inspira interesse. Sophocles reduziu o papel do côro, introduziu uma terceira personagem. A sua linguagem é castigada e tam cheia de colorido, que os athenienses chamaram a Sophocles *abelha áttica*. É o poeta contemporaneo de Pericles, Socrates e Phidias, dum seculo de sabedoria e de razão e forma com Platão o typo mais puro do ideal attico (1).

---

(1) Bibliographia: G. Dindorf, *Sophoclis tragaediae et fragmenta*, 8 vols., Oxford, 1832-1840; Benlœw e Ahrens, *Sophoclis tragaediae et fragmenta*, Paris, 1842, na Bibl. Didot; Tournier, *Les tragedies de Sophocle*, Paris, 1877; *Sophoclis, Tragaediae rec. et explan.*, E. Wunderus, 2 vols., Lipsiae, Teubner, 1847-57. Numerosos extractos em Potin, *Études sur les tragiques grecs: Sophocle*, Paris (Hachette); tr. em verso, Victor Faguet, Paris, 1849 (Dezobry), etc.

45. — Eurípides (480-406 A. C.) fecha o triumvirato dos tragicos da Grecia. Contemporaneo de Sophocles, que ainda lhe sobreviveu alguns mêses, dir-se-hia, ao estudar as suas obras, que uma distancia enorme os separa. Educado nas escolas dos philosophos Pródico e Anaxagoras, transporta para a scena muitas das idéas dos seus mestres. Mais analysta e mais sceptico que os seus rivaes, despojou os heroes, que põe em scena, da auréola do maravilhoso, para os equiparar aos restantes homens sacudidos pelas mesmas torturas, impulsionados pelas mesmas paixões, numa palavra, fallando e obrando em tudo como verdadeiros homens que são.

Esta maneira de encarar a tragedia concorreu para a pouca popularidade, que em sua vida teve. Só mais tarde, quando a sophística havia invadido o gôsto geral, é que *Eurípides* se tornou o idolo dos athenienses, e se esquecêram então os resentimentos levantados por algumas das suas opiniões, particularmente o seu ódio contra as mulheres, que o fez denominar por alguns o *misógyno*. Já a sua morte acontecida na Macedónia, para onde havia ido chamado pelo rei Archelau, foi vivamente pranteada em Athenas, que o velho poeta havia abandonado, resentido talvez da frieza com que o olhavam os seus conterraneos.

Dos noventa e dous dramas que escreveu somente dezasete chegaram até nós, que são:

Alceste, sobre o sacrificio de Alceste, que morre para salvar o marido Admetto e que Hércules resuscita (1);

Medéa, inspirada na lenda dos Argonautas, sobre o ciume e desespêro de Medea, mulher de Jason, que fez perecer a sua rival, e mata os seus proprios filhos;

Hippólyto, modèlo da *Phedra* de Racine, sobre o amor incestuoso de Phedra;

(1) As indicações summárias sobre cada uma das obras de Euripedes são tiradas de A. Pierron, *Hist. de la Litt. Grecque,* Paris, 1875.

Io, sobre o ciume de Creúsa, mãe de Io;

Hecuba, sobre a immolação de Polyxena no tumulo de Achilles e a vingança de Hecuba contra Polymnestor, assassino de seu filho Polydoro;

Heráclides, sobre a perseguição dos filhos de Hércules por Eurystheu;

Andrómaca, ódio de Hermione contra Andrómaca e seu filho, aos quaes pretende dar a morte;

Supplicantes: Theseu commovido com as súpplicas das mães dos chefes, que morrêram em Thebas, reclama os seus corpos, para os sepultar, e porque lh'os recusam conquista-os á fôrça de armas;

Troianas: Distribuição das captivas depois da tomada de Troia e morte de Astyanax, filho de Heitor, precipitado do alto das muralhas da cidade;

Electra: O mesmo assumpto da *Choéphoras* de Éschylo e do drama do mesmo nome de Sophocles;

Helena: Menelau encontra no Egypto sua esposa perfeitamente casta e fiel. Mas não era senão uma sombra imitada por Juno e não a sua pessôa, que essa havia sido seduzida por Pâris e levada para Troia;

Iphigénia em Tauride: Iphigénia, sacerdotiza de Diana, reconhece Oreste e Pylades, que lhe levam para os sacrificar á deusa, e foge com elles para Tauride;

Orestes: Orestes e Electra, depois do assassínio de sua mãe, são condemnados á morte pelos cidadãos de Argos. Com a ajuda de Pylades emprehendeu vingar-se de Menelau e dos seus, mas a intervenção dos deuses salva todas as vidas ameaçadas, e restabelece a paz na familia dos Atridas e na cidade de Argos;

Phenícias: Tira o seu nome do côro formado de mulheres phenicias. Mesmo assumpto dos *Sete contra Thebas* de Éschylo;

Hércules Furioso: Hercules, ao voltar do inferno, desfaz-se de Lyco, que se havia apossado da realeza em Thebas. Juno dementa-o; elle mata a mulher e os filhos,

depois, recuperando a razão quer privar-se da vida. Theseu consola-o e leva-o para Athenas;

Bacchantes: Morte de Penthea pelos ménades por se ter opposto ao culto de Baccho na Grecia;

Iphigénia em Aulide: Sacrifício de Iphigénia, filha de Agamemnon, a Diana, para obter vento galerno á frota grega que se dirige a Troia.

As duas últimas tragedias apontadas são com *Medéa,* as melhores do theatro de Euripides (1).

FIM DA TRAGEDIA

46. — O Cyclope. Agaton. A estas obras ha a accrescentar o *Cyclópe,* drama satyrico, unico no genero, que a antiguidade nos legou, e que versa sobre a aventura de Ulysses na caverna do gigante Polyphemo. E termina com Euripides a tragédia. Depois delle o nome que mais avulta é o de *Agathon,* um amigo de Platão, de quem possuimos tam somente alguns fragmentos, o maior dos quaes contém seis linhas, que nada abonam a sua reputação.

b)

A COMEDIA

47. — Origens da Comedia. A comedia tem, como a tragedia, principios bastante obscuros. Parece ter nascido nas festas em honra de Dionysos, que se celebravam por occasião das vindimas. Organizavam-se grandes pro-

---

(1) Bibliographia: G. Dindorf, *Euripidis tragoediae et fragmenta,* 7 vols., Oxford, 1834-1863; Kirchhoff, *Euripides fabulae,* 3 vols., Berlin, 1867-1868; Fix, *Euripides fabulae,* Paris, 1843; H. Weil, *Sept tragédies d'Euripide,* Paris, 1878 (Hachette); na Bibl. Teubner, Nauck, *Euripidis tragœdiae,* 3 vols., Leipzig, 1854, etc. Traducções de Pessonneaux, Paris, 1880 (Charpentier); Hinstin, 2 vols., Paris (Hachette); numerosos extractos em Patin, *Études sur les trag. grecs:* Euripide; Paris (Hachette), etc.

cissões em que os vindimadores conduziam em triumpho, cantando e dançando, um carneiro e pipos de vinho, ornados de ramos e folhas de videira (1). Dessas festas fazia parte indispensavel um banquete em que a alegria, o riso e a animação encontravam fertil estimulante no vinho que se destribuia em abundancia. Uns com os outros, e todos com os que se lhes deparavam no caminho, aqui ou acolá, iam os participantes dessas festas de doida alegria distribuindo facecias, dictos mais ou menos equivocos, zombando, gritando, gesticulando perdidamente. Nestes cortejos entrava sempre um cantor e o côro, aquelle celebrando o deus que dava o vinho e a alegria delle resultante, este respondendo-lhe por qualquer estribilho facil de entoar. E aqui está nestes começos estravagantes o esboço, embora longinquo e muito irregular, da comedia [de *comos*-banquete]. Assim nascia, ao lado da tragedia, um genero literario, cujas vicissitudes através dos tempos deviam ser tam complexas e curiosas (2).

48. — **Desenvolvimento da comedia; seus periodos.** Os primeiros progressos da comedia costumam attribuir-se ao comico *Suzarion* (por 570 A. C.), megarense, que lhe imprimiu uma feição literaria, libertando-a dos canticos phallicos, essencialmente grosseiros e materiaes. Estes

---

(1) Nestes cortejos primitivos conduzia-se tambem um phallos como symbolo da fecundidade universal. Cfr. O. Müller, *Hist. de la litt. grecque*, tr. fr. 1.º, 3.ª, pg. 7.

(2) Bibliographia: A. Meinecke, *Fragmenta comicorum graecorum*, 5 vols., Berlim, 1839-41; Th. Kock, *Comicorum atticorum fragmenta*, 3 vols., Leipzig, 1880-1888; Kaibel, *Comicorum graecorum fragmenta*, na collecção — *Poetarum graecorum fragmenta* de Wilamowitz-Moellendorf, Berlim, 1899 (1.ª p. do t. 1.º). Para o estudo das origens vid.-Meinecke, *Hist. critica comicorum graecorum*, 1839, vol. 1.º da collecção em 5 vols. cit. atrás; Edeldu Méril, *Hist. de la comédie ancienne*, 2 vols., Paris, 1864-69; Denis, *La comédie grecque*, 2 vols., Paris, 1886; Couat, *Aristophane et la comédie attique*, Paris, 1889.

progressos accentuam-se com os concursos que havia annualmente, em janeiro, por occasião das festas em honra de Dionysos chamadas as Leneanas. Escolhiam-se então entre os concorrentes tres poetas, cada um dos quaes não apresentava mais do que uma peça. Esta era representada no theatro, que era o mesmo que para a tragedia. Aqui, porém, o côro mais numeroso e os comparsas que o formavam vinham disfarçados com trajos extravagantes e com ornatos que pretendiam significar, por ex., *Nuvens, Vespas, Aves, Rãs,* etc., embora sem nenhuma verosimilhança.

Vêem depois os ensaios comicos dos Dorios, da Sicilia, com *Epicarmo,* de Cós, á frente (por 520 A. C.) e que pertencem ainda ao periodo obscuro dos inicios, até que chegamos propriamente á historia literaria da comedia grega, que é a *atheniense* e que se costuma distinguir em tres periodos distinctos — o da comedia *antiga,* o da comedia *média* e o da comedia *moderna* (1).

a) *Caracteristicas da Comedia.* A comedia antiga é essencialmente satyrica, politica e militante. As allusões pessoaes ferem as individualidades mais em evidencia. Sócrates, Pericles, Demósthenes e outros varões illustres são expostos em scena ao riso das multidões ao lado dos ladrões e dos devassos (2). São seus representantes *Cratinos,* (448 A. C.) *Éupolis, Pherécrates* e muitos outros, cujas obras desapparecêram ou de que somente temos fragmentos, e *Aristóphanes,* de quem possuimos

---

(1) Bibliographia: O pouco que resta de Epicharmo e dos outros comicos gregos encontra-se em Krusemann, *Epicharmi fragmenta,* Harlem, 1834 e em Kaibel cit. na nota anterior.

(2) Si quis era dignus describit, quod malus aut fur
Quod moechus foret aud sicarius aud alioqui
Famosus, multa cum libertate notabant.

Horacio, *Sat.*, I, IV, 3.

obras completas. Esta comedia durou até ao principio do sec. IV com os distinctivos que acabamos de assignalar e chama-se *antiga* para a distinguir das outras formas do genero comico, que appareceram no sec. IV e que apresentam caracteres muito differentes (1), sobretudo da comedia moderna, bem caracterizada.

b) A comedia **média** (ἡ μέση κωμῳδία) representa a transição entre os dois generos differentes da que a precedeu e da que a seguiu, tendo começado quasi com o IV sec. e durado até cêrca do anno 330. A satyra violenta e mordaz cede o passo á anályse dos costumes, dos caracteres e das paixões. Criticam-se os homens em evidencia, politicos, oradores e poetas, mas com moderação, sem a máscara que imitava as suas physionomias. É supprimido, por muito dispendioso, o *côro* e por conseguinte a *parábase,* occasião em que, passando em fila pela frente do público, o côro entoava trechos cheios de referencias amargas a cousas e pessoas conhecidas. É o seu representante mais distincto *Antíphanes.* É preciso, porém, notar que muitos auctores não julgam este periodo da comedia grega nitidamente differenciado do que o precedeu e do que o seguiu, contando sómente dous periodos. Pode, porém, dar-se o nome de *média* ao periodo de tentativas e de ensaios que precedeu a comedia nova.

c) A comedia **nova** (ἡ νέα κωμῳδία) representa o último estádio da arte comica da Grecia: *Menandro, Philémon* e *Apollodoro de Carystos* fôram os mais célebres desta comedia, a que se póde chamar de intriga e de costumes. Apparecem ainda, posto que mais veladas pela delicadeza, as referencias pessoaes; abundam os estudos de typos sociaes: do *médico,* do *soldado,* do *parasita,* do *valentão,* etc.

(1) Alf. e M. Croiset, *Manuel d'hist. de la litt. grecque,* cit., pg. 359.

49. Aristóphanes (Ἀριστοφάνης, 444-380 A. C.), contemporaneo de Sócrates e de Eurípides, é dos comicos gregos o unico de quem possuimos algumas obras completas das muitas, que escreveu. Tendo vivido numa epoca de bastante agitação politica, pois que é coeva delle a guerra do Peloponeso, Aristóphanes não ficou indifferente ás questões, que em volta delle se debatiam. Inimigo do partido democrata, como conservador, persegue implacavelmente os seus adversarios; mas a sua paixão cheia de fôgo não é menos nobre nem sympathica, inspirada como é pelo amor da patria. O enthusiasmo, que despertou nos antigos a sua linguagem castigada e viva, foi enorme. Platão envia a Dionisio o Tyrano um exemplar das obras de Aristóphanes, para que elle alli aprenda a lingua e o estado da republica de Athenas, dá-lhe no *Banquete* um logar distincto, e compõe-lhe um epitaphio honrosissimo para o seu tumulo (1). S. João Chrysóstomo, como Alexandre fazia com Homero e S. Jerónymo com Plauto, tinha as suas obras á cabeceira (2) para com a leitura dellas, nutrir a sua eloquencia viva e firme com o atticismo vivo e másculo do mordente crítico (3).

Das quarenta e quatro ou cincoenta e quatro comedias, que escreveu, restam 11:

a) de caracter politico: *Acharnios,* onde um camponês da aldeia de Acharne, na Attica, chamado Diceopoles,

---

(1) Αἱ Χαριτες τέμενός τι λαβεῖν, ὅπερ οὐχὶ πεσεῖται,
Ζητουσαι ψυχὴν εὗρον Ἀριστοφάνους.

Assim traduzido para latim por C. Lécluse (*Resumé de l'hist.,* já cit.):

Ut templum Charites, quod non labatur, haberent,
Invenere tuum pectus, Aristophanes.

(2) Brumoy, *Théat. des grecs,* t. x, pag. 236; Paris, 1787.
(3) Lécluse, *ob. cit.,* pg. 51.

conclue um tratado de paz, enquanto os seus concidadãos soffrem os horrores da guerra. E' a sua peça mais antiga; *Cavalleiros*, um ataque violentissimo contra o tyrano e demagogo Cleon; *Paz*, assumpto identico ao do Acharnios; *Lysistrato* ainda sobre o mesmo thema.

b) de caracter philosophico: *Nuvens*, onde satyriza os sophistas e partidarios da educação nova, mostrando a lucta entre o Justo e o Injusto que termina pela victoria deste ultimo. As *Nuvens* são o symbolo dos nevoeiros em que os philosophos se comprazem e são aqui representadas pelo côro; as *Véspas*, onde zomba da mania de julgar que teem os Athenienses no que queria attingir os demagogos e, ainda e em primeira linha Cleon; a *Assembléa das mulheres* em que elle imagina que as mulheres athenienses se tornaram senhoras da assemblea, fazendo votar alli os principios mais avançados — nem propriedade, nem familia, cujas consequencias o poeta a seguir põe em fóco; *Pluto*: esta personagem symboliza o deus da riqueza, que é cego. Um pobre diabo, não obstante a sua pobreza ajuda-o e condú-lo ao templo de Esculapio. Uma vez curado reconhece quam mao uso havia feito das suas riquezas, e por isso d'ahi por deante procura distribui-las somente pelos bons.

c) São satyras literarias: *Festas de Ceres* e *Rãs*. Naquella o poeta ataca Euripides por certos crimes, que, aliás, não precisa — o que faz nas *Rãs*, onde nos mostra o grande tragico como um sophista, corruptor da tragedia, cujo ideal rebaixou perturbando as almas.

d) teem de mencionar-se á parte as *Aves*, uma das suas melhores comedias, e que é um mixto de revista politica, philosophica, e literaria sem cunho determinado. Na peça figuram dous athenienses que, fatigados da vida da sua cidade, vam procurar as aves e decidem-se a edificar

entre o ceo e a terra uma cidade, que elles chamam Nephelococcygia, da qual expulsam á paulada os intrigantes (1).

50. Antiphanes. Dos muitos nomes que poderiam representar este periodo de transição só dous — Antiphanes e Alexis — merecem ser apontados, tendo, todavia, delles, pouco mais que pequenos fragmentos. *Antiphanes* viveu por 330 e a elle se attribuiram 280 comedias, ou pelo menos 165, não tendo do tal abundancia colhido mais que treze victorias. Dos fragmentos deduz-se uma impressão « mediocremente favoravel... E' um poeta de segunda ordem, sem originalidade bem caracterizada » (2). *Alexis,* tam fecundo como o anterior, pois um biographo lhe attribue 245 comedias, é talvez superior a elle no desenho dos caracteres e na pintura das situações. O insignificante numero de fragmentos torna, porém, estes juizos bastante inconsistentes (3).

51. Menandro. Natural de Athenas, onde nasceu cerca de 340, este celebre comico é successor do verdadeiro espirito de Aristophanes, merecendo ser imitado por Plauto e Terencio. E' de lamentar que nem sequer uma das muitas obras que compôs — mais de cem, dizem os seus biographos — chegasse completa até nós (4). Os

---

(1) Bibliographia : G. Dindorf, *Aristophanes comoediae,* 4 vols., Oxford, 1835-1839 ; texto e trad. latina na Bibl. Didot, *Aristophanis comoediae,* Paris, 1839 ; Bergk, *Aristophanis comoediae,* 2 vols, Leipzig, 1852 e 1872 ; Blaydes, *Aristophanis comoediae,* 12 vols., Halle, 1880-1899. Van Leeuwen, *Aristophanis comoediae,* Leyde 1896-1904. Traduções de Zévort, Paris, 1835 (Charpentier) ; Poyard, Paris, 1872 (Hachette) ; Uri, Eschyle... Aristophane, Paris (Hachette), já cit., etc.

(2) Alf. e M. Croiset, *Manuel,* ob. cit., pg. 579.

(3) O que resta encontra-se nas ed. já mencionadas de Meinecke, Kock e Kaibel.

(4) Os fragmentos encontram-se nas obs. cit. atrás.

papyros egypcios ultimamente descobertos (1) não fazem senão augmentar essa lastima, pois Menandro nesses fragmentos que restam apresenta-nos quadros d'uma bella superioridade moral cheios de toda a fina subtileza dum grande observador (2).

A)

PROSA GREGA

IV

52. Apparecimento da Prosa. Todos os monumentos literarios impereciveis, que a história da Grecia nos offereceu até aqui, estão escriptos em verso. A poesia reinou, como soberana, durante seculos. Só tarde, mudadas as condições politicas e sociaes, desfeitas um pouco as lendas mythicas, é que todo esse mundo de illusões e de phantasias, que havia entretido a imaginação dos gregos, se desfaz e evapora como um sonho. A poesia, obra de imaginação, casa-se bem com a infancia dos povos; a estes como aos individuos a reflexão vem com a edade; a anályse acompanha a experiencia da vida. Primeiro a phantasia, o genio espontaneo, a imaginação, o gosto natural deixado a si e produzindo a poesia epica e a lirica. Mais tarde a reflexão, o desejo de saber e de averiguar os factos, a tentativa para procurar uma explicação aos phenomenos observados, e por conseguinte a necessidade d'uma lingua-

(1) Vid. Van Leeuwen, *Menandri fragmenta nuper reperta*, Leyde, 1908. Uma escolha das partes mais importantes foi feita por Bodin e Mazon, Paris, 1908 (Hachette).

(2) Benoit, *Essai histor. et litt. sur la comédie de Menandre*, Paris, 1854; Weil, *Ét. sur l'antiq. grecque*, Paris, 1900; M. Croiset, *Ménandre*, na *Rev. des Deux-Mondes*, 15 avril 1909.

gem que traduza o pensamento em formas despidas de ornatos, simples, natural, clara, precisa — a prosa.

53. Os primeiros prosadores. Os primeiros ensaios em prosa datam dos principios do 5.º seculo antes de Christo e foram os philosophos os que a adoptaram. As theogonias de Homero e de Hesiodo já não satisfazem, nem bastam. Aspira-se a achar uma solução do principio e da natureza das cousas mais razoavel. Por isso essa theologia homerica e hesiodica é examinada á luz da razão, recebendo explicações diversas dos numerosos philosophos que della se occuparam. *Thales de Mileto*, da Jónia, que viveu cerca de 600 A. C., apesar de nada ter escriptos deixou discipulos que escreveram e fundáram a chamada *Escola Jónia*, a qual procurava a explicação das cousas, o principio da vida universal, nos elementos materiaes. Assim *Anaximandro* considerava o *indefinido* como a substancia primordial; *Anaximenes* procurava essa explicação no *ar*, e *Heraclito* no *fogo*. *Pythagoras* pelos meiados do seculo VI adquiriu grande fama como pensador original, mathematico e moralista. Para elle o principio de tudo está na harmonia, nos numeros. *Xenophane, Parmenide, Zenão* e outros ainda, que negam a evolução e a mudança proclamadas pela escola jónia como principio do ser, e fundam este, ao contrario, na *immobilidade*, constituem a chamada a *Escola Eleatica*. E aqui está a que chegou a pobre e fraca razão humana no dia em que, entregue a si propria, desajudada de todo o auxilio superior e sobrenatural, pretendeu dar uma explicação da essencia e natureza das cousas. Esta multiplicidade de explicações não podia deixar de produzir a duvida, o scepticismo. E é, de facto, o que encontramos um pouco adeante, com os sophistas (1).

(1) Bibliographia : Mullach, *Fragmenta Philosophorum Graecorum*, na Bibl. *Didot* ; Diels, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlim, 1903. Cfr. Gomperz, *Les penseurs grecs*, Paris, 1909.

OS LOGOGRAPHOS

54. Cadmos, Hecateu e outros. Ao lado dos philosophos apparecem os precursores de Heródoto, os chamados *logógraphos*, isto é « auctores de narrações em prosa » que recolhem, mas sem crítica nem methodo, as tradições fabulosas relativas ao povo grego. O primeiro delles é *Cadmos de Mileto*, que escreveu sobre a fundação da sua cidade natal. Vêem em seguida entre os mais notaveis *Hecateu*, tambem de Mileto, (c. de 540) que escreveu as *Genealogias* de várias familias illustres, e uma *Descripção do mundo* então conhecido (περιοδος γῆς). Citaremos ainda, entre outros, *Pherecyde*, auctor de *Genealogias*, no genero das do seu antecessor; *Charon* e *Hellanicos*, de Mitylene, que escrevêram algumas obras geographicas, chronicas, etc. Nenhum destes auctores separou a fábula da realidade; nenhum elevou a história á dignidade duma verdadeira arte literaria. Essa tarefa coube a Heródoto. E' todavia pena que não chegassem até nós as obras completas dos logógraphos. Imperfeitos e incompletos como eram, alguns elementos sobre as epocas primitivas da historia dos povos poderiam colher-se de utilidade para se avaliar da marcha da cultura e civilisação da humanidade (1).

HISTORIADORES

55. Heródoto (Ηρόδοτος, 484-408 A. C.) é cognominado com razão o « pae da historia ». Natural de Halicarnasso, colonia dorica da Asia Menor, viveu na época em que a Grécia emprehendeu a lucta gigantesca da sua independencia contra os Persas. Uma educação esmerada,

(1) Os fragmentos dos Logographos estão reunidos em C. Müller, *Fragmenta historicorum graecorum* da Bibl. Didot, sobretudo nos vols. I e II e nos *Addenda* do vol. IV.

colhida nas grandes viajens, que fez pela Grecia continental e colonial, pelo Egypto, pela Lybia, Phenicia, Babylónia, Pérsia, etc., preparou-o habilmente para o pensamento, que executou com rara felicidade — escrever a história dessas luctas gloriosas. A esse plano consagrou a sua vida cortada de incidentes politicos, que o trouxeram da sua terra natal para Thúrio, cidade da grande Grecia, onde pereceu em adeantada velhice. Mas não é só a história, mais ou menos grandiosa e mais ou menos dramatica das guerras persicas, que Heródoto nos deixou. Os dois partidos inimigos são formados de povos diversos; dum lado está a Europa, do outro a Asia. Heródoto aproveita a situação, e dá-nos afinal uma história, que abrange os successos dos povos então conhecidos. Tal é o objecto das suas *Historias* (Ιστορίας), que os grammaticos alexandrinos devidiram em nove livros, a cada um dos quaes deram o nome duma das nove musas — *Clio, Eutérpe, Thalia,* etc. Fiel, ingenuo e simples tal é Heródoto. Escreve com exactidão o que ouviu. O seu juizo imparcial não conseguiu livrar-se das roupagens das lendas. Falta-lhe portanto essa critica severa, como a propria verdade, que é a primeira lei da história; mas muitas das suas affirmações, consideradas primeiramente como fabulosas, têem sido nos tempos modernos confirmadas pelas narrações dos viajantes. Superior aos logógraphos pela composição, arranjo e disposição da narrativa, Heródoto não o é menos pela idéa philosophica, que concebeu como subordinando e dirigindo os eventos da humanidade — a vontade dos deuses (1).

---

(1) Bibliographia: F. Creuzer e J. C. F. Baehr, *Herodoti Halicarnassensis Musae;* ed. altera, Leipzig, 1856-1861, 4 vols.; as edições criticas e exegeticas, com bellas introducções, de Heinrich Stein, Berlim, Weidmann, 1856-1857; 1869-1884 e de K. Abicht, 4.ª ed., Leipzig, Teubner, 1861-1866; Dindorf, na Bibl. Didot, greco-latina. Ha traducções francesas de Larcher, revistas por Pessonneaux, Paris, 1889 (Charpentier); P. Giguet, Paris, 1860 (Hachette); Buchot,

56. — Thucydides (Θουκυδίδης, 456-410 A. C.) era atheniense e parece ter pertencido ao público, que ouviu a Heródoto passagens das suas *Histórias,* quando este as leu em Athenas e em Olympo. Deixou-nos a *História da guerra do Peloponeso* á qual elle assistiu não como testemunha fria e impassivel, mas como actor importante, pois que em 424 commandou uma pequena frota nas costas da Thrácia com o fim de impedir uma invasão dos inimigos no sólo da patria. Infeliz nesta emprêsa e condemnado ao exilio, foi para a Thrácia, onde começou a composição da sua obra, e donde não sahiu senão ao cabo de vinte annos.

Thucydides é um historiador mais perfeito que Heródoto. A sua superioridade resulta da crítica dos factos, da separação profunda que estabeleceu entre o mytho e a realidade, da limpidez da narração. Discipulo do philosopho Anaxágoras aprendeu com o mestre a desprezar as superstições. A ordem chronologica dos factos é rigorosamente mantida. Os vinte e um livros da sua *Historia,* correspondentes aos vinte e um primeiros annos, que durou a guerra do Peloponeso, são uma maravilha de dicção, onde abundam narrações encantadoras, que o seu génio de millionario intellectual espalhou prodigamente como joias de valor (1).

Récits tirés des Historiens, Paris, (Delagrave); Corréard, *Extraits,* Paris (Masson). Sobre a vida e obras de Heródoto consulte-se a bella obra de Hauvette: *Herodote historien des guerres médiques,* Paris, 1894.

(1) Bibliographia: *De bello Peloponnesiaco libri octo ad optimorum librorum fidem editos explanavit Ernestus Fredericus Poppo,* 2.ª ed., Leipzig, 1864-1875, nova ed. resumida e rev. por Stahl, Leipzig, 1883. Ha edições criticas e exegeticas de Stahl, Leipzig, 1873-1874; Boehme, Leipzig, 2.ª ed., 1864-1876; Hude, Leipzig, 1898-1901; Stuart Jones, Oxford, s. a.; A. Croiset, Paris, 1886 (só os dous primeiros livros). Trad. francesas em F. Didot, Paris, 1833; Zévort, Paris, 1853 (Charpentier); Bétant, Paris, 1872 (Hachette); Buchot,

57. — Xenophonte (Ξενοφῶν, 444-354 ?) fórma com os antecedentes o triumvirato da história, como Éschylo, Sophocles e Euripedes fórmam o da tragedia. Excedeu-os na fecundidade, mas ficou-lhes inferior em merito. Atheniense, discipulo de Sócrates desde os dezoito annos, politico e viajante, devemos a um facto da sua vida aventurosa a melhor obra que escreveu. Tendo acompanhado Cyro na expedição á Pérsia contra seu irmão Artaxerxes, expedição de que faziam parte quatorze mil mercenarios gregos, viu-se forçado, depois da derrota de Cunaxa (401), que custou a vida a Cyro e aos generaes gregos, a pôr-se elle mesmo á frente dos seus compatriotas, para os reconduzir á Grecia. É esta expedição (ἀνάβασις) e esta retirada (κατάβασις), que Xenophonte nos descreveu. Do imperio persa ás margens do Ponto-Euxino, através de milhares de perigos, uns offerecidos pela propria natureza, outros pelos inimigos, que os perseguiam encarniçadamente, é que foi realizada essa marcha gloriosa, célebre nos fastos da história militar, que é conhecida com o nome de *Retirada dos dez mil.* Ha encanto na narração de Xenophonte. Os soffrimentos desse punhado de heroes, que conseguem soltar o indizivel grito de *mar! mar!* onde se balouçavam os navios, que os conduziram á patria, encontraram um chronista sóbrio, mas elegante. Expulso da patria por uma condemnação politica, foi morrer a Corintho aos noventa annos.

Além da *Anábasis* temos como obras históricas as *Hellénicas* (τα Ἑλληνικά), que completam a obra de Thucydides, retomando os factos onde este os havia deixado e conduzindo-os até á batalha de Mantinéa (362). Xenophonte inicia a narração desprendidamente com as palavras: *depois disso* (μετά δέ ταῦτα) e limita-se a ser

---

Paris (Delagrave). Sobre Thuchydides vid. Girard, *Essai sur Thucydide*, Paris, 2.ª ed., 1884.

um continuador. A *Cyropédia* (Κύρου παιδεία) é, como disse Cicero, menos uma história, que o retrato dum principe perfeito (1).

Temos ainda outras obras comprehendidas sob a designação de Scripta minora: os que sam consagrados a Socrates:

Dictos memoraveis (Ἀπομνημονευματα Σωκράτους); versando sobre as sentenças mais notaveis do Mestre, de quem elle fora um dos discipulos principaes, acerca da piedade, necessidade de ser virtuoso, familia, amizade, arte, e sciencias;

Apologia (Σωκάτους ἀπολογία), tambem dedicada ás doutrinas philosophicas e moraes do seu mestre, e o

Banquete (Συμπόσεον φιλοσόφων) em que Socrates, como no *Banquete* de Platão, expõe a sua theoria do amor.

Como escriptos de caracter politico e sociologico podemos enumerar:

Republica de Esparta (Λακεδαιμονίων πολιτεία);

Hierão (Ἱερον);

Vindos d'Attica (Πόροι ἤ περι προσοδων) e o

Economico (Οἰκονομικός).

Como militares:

Commandante de cavallaria (Ἱππαρκικός);

Equitação (περὶ Ἱππικῆς) e

Caça (Κυνηγετικός) (duvidoso).

Mencionando uma breve biographia de *Agesilau* (Ἀγησίλαος) temos enumerado todas as obras de Xenophonte, que é considerado como o último historiador classico da Grecia (2).

---

(1) *Cyrus ille á Xenophonte non ad historiae fidem scriptus, sed ad effigiem iusti imperii* (Ad Q. fratrem, Epis. I, 1).

(2) Bibliographia: As edições geraes de Xenophonte são — Bibl. Didot, Paris, 1839; Sauppe, Leipzig, na Bibl. Tauchnitz, 1867-1870; Dindorf, Leipzig, na Bibl. Teubner. Entre as muitas edições parciaes

58. — Os continuadores. Vivêram na mesma época, que os grandes historiadores apontados, outros muito inferiores, que bastará mencionar. De *Ctesias* temos fragmentos das suas obras: *História Pérsa* (πα Περσικά) e *Índica* ('Ινδικά). *Theopompo* escreveu uma continuação da obra de Thucydides em doze livros intitulada: *Hellenicas* ("Ελληνικά ou 'Ελληνικά ἱστορίαι) e a *Historia Philippica* (Φιλιππικά). Estes, com *Éphoro,* e *Philistos* não fazem senão pensar com saudade nos tempos em que a penna dum Thucydides cantava as glórias da Grecia.

V

Philósophos

59. — Periodo ante-socratico. Já apontámos os philosophos dignos de menção do periodo ante-socratico que apparecem na Grecia no seculo VI A. C. Todos anceiam por descobrir a causa suprema do mundo, e no conhecimento dessa causa collocam a felicidade, mas cada um apresentou, segundo o seu criterio, soluções differentes e oppostas umas a outras. Tantas opiniões contradictorias conduziram a um scepticismo moral professado pelos chamados Sophistas. *Anaxágoras* (500?) foi quem introduziu

---

citaremos a dos — *Dictos Memoraveis* de Breitenbach, (Weidmann); a da *Anabasis* de Vollbrecht (Teubner); a da *Cyropedia* de Hertlein (Weidmann); etc. Traduções francesas, Talbot, Paris, 1880 (Hachette); E. Pessonneaux, Paris, 1873 (Charpentier); V. Glachant, *Analyses et extraits,* Paris (Masson). Sobre a vida e obra do historiador — Hartmann, *Analecta Xenophonea,* e *Analecta Xenophonea nova,* 1887 e 1889, Leyde.

esta doutrina em Athenas, que *Protágoras* (489-408) e *Gorgias* (por 485-?) sustentaram. Para elles nada existe, ou, se alguma cousa existe, não se póde conhecer, ou, se se pode conhecer, o conhecimento que d'ahi resulta não se pode transmittir. Tinham pois caido no que se chama o scepticismo scientifico. O merecimento destes philosophos consiste em chamarem a attenção para problemas de tanta gravidade, como os que haviam suscitado, e em terem preparado o caminho a Sócrates.

OS MAIORES PHILOSOPHOS GREGOS

60. — Sócrates (469-399) quís oppôr uma barreira ás doutrinas dos sophistas, e a essa tarefa consagrou a sua vida, não escrevendo nem abrindo escola, mas educando e instruindo discipulos, que fielmente reproduziram as suas idéas.

As suas doutrinas tinham grande elevação moral. Apesar disso não o pouparam os poetas comicos, como Aristóphanes, que o ridicularizou em scena, nem os adversarios da sua doutrina e conducta que, accusando-o de corromper a mocidade, a proposito de certos passos do seu ensino, e tambem por causa da sua attitude politica, lhe crearam muitos inimigos. Por ultimo foi accusado de impiedade e condemnado á morte. No meio dos seus discipulos que o cercavam chorando, Socrates bebeu a cicuta, enquanto simplesmente e corajosamente ia dissertando sobre a immortalidade da alma.

O principio da philosophia socrática é — *conhece-te a ti mesmo* (γνῶθι σεαυτόν). O pensamento tende sempre para o bem, que é a causa de todas as cousas, e em especial do conhecimento. A sabedoria (σοφία) é a grande e unica virtude; nas suas ralações com a vontade torna-se em coragem; nas suas relações com a sensibilidade, em temperança; nas suas relações com os outros homens, em justiça; nas suas relações com Deus, em piedade. Supe-

rior a todas as cousas ha um Ser, um Deus que merece ser chamado Bom (1).

61. — Platão, (429-347) cognominado pelos antigos o *divino* (θειον), — *quasi deum quemdam philosophorum* (2) foi ouvinte assiduo de Sócrates durante dez annos, e o mais importante e celebrado dos seus discipulos.

Após largas viajens pelo Egypto, Phenicia, Persia e Grande Grecia, onde visitou as escolas pythagoricas, fixou-se em Athenas, e ahi deu lições no jardim dum certo Academo, donde o nome de *Academia,* para designar a sua escola. Morreu em 347 respeitado de todos pela nobreza do seu caracter e grandeza do seu genio.

A sua philosophia foi exposta num estylo cheio de poesia, mas nem sempre de facil comprehensão (3), em fórma de *Diálogos,* que quasi todos tiram o seu nome do nome dum dos interlocutores, em que Socrates é sempre o principal. Alguns delles são uma maravilha de dicção e de doutrina. Dentre todos sobresae o *Phedon,* em que um discipulo de Platão daquelle nome narra os ultimos momentos de Sócrates expondo a doutrina, de que a morte não é um mal, mas apenas a passagem para uma vida mais feliz.

São tambem notaveis: o *Republica,* utopia sobre a organização duma sociedade como Platão a concebia, em que o povo é submettido aos guerreiros e os guerreiros aos philosophos que governam; *Leis* em que se occupa tambem do governo das sociedades; *Phedro,* em que Sócrates falla da belleza; o *Banquete,* que é sobre o amor; *Gorgias,* sobre a sophistica, para mostrar, contrariamente ao que lhe attribuia Aristophanes, que a retorica deve ser uma escola de sciencia e de virtude; *Timeu,* sobre a

---

(1) G. Fonsegrive, *Elements de Philosophie,* t. 2.º, pg. 540.

(2) Cicero, *De Nat. Deor.,* II, 32.

(3) « *Aenigma plane non intellexi; est enim numero Platonis obscurius* », Cicero, *Ad Atticum,* VII, 13.

natureza do universo; etc. Os antigos devidiram todos os dialogos, segundo os assumptos, em trilogias, como fez Aristóphanes de Byzancio, ou em tetralogias como o neoplatónico Trassillo, do tempo de Tiberio. Toda a antiguidade considerou Platão não sómente um grande philosopho, mas um grande poeta e um maravilhoso artista. A obra de Platão é a maravilha do atticismo.

O seu systema philosophico, escreve Croiset, independentemente da forma, é uma obra toda attica pela nitidez, elegante do contorno, pelo enlace da graça e da sublimidade. A forma por sua vez traduz todas as qualidades do systema por meritos analogos. Nunca a philosophia, esta musica sagrada das almas pensantes, como a chama Renan, fallou uma linguagem mais musical e mais divina. Os deliciosos interlocutores dos dialogos parecem mover-se num ar mais puro que o nosso, uma especie de ether philosophico em que o peso e a rudeza do pensamento são desconhecidos, em que a palavra é uma harmonia (1). Dos Dialogos de Platão, numerosissimos, só restam uns trinta absolutamente authenticos (2).

62. — Aristóteles (384-322), é discipulo de Platão e o fundador da escola *Peripatética*, isto é, dos passeantes (de περιπατεῖν — passear). Nascido em Stagira, pequena

(1) Alfr. e M. Croiset, *Man. d'hist. de la litt. Grecque,* já cit., pg. 487.

(2) Muitas edições geraes: a de Godofredo Stalbaum, *Platonis opera omnia recensuit et commentarius instruxit..*, 10 vols., Leipzig, Teubner, com prolegomenos e commentarios em latim, muitas vezes reimpressa de 1839 a 1897; a de Hirtzig-Schneider na Bibl. Didot; a de C. F. Hermann na Bibl. Teubner; a de Schanz, de Leipzig, em Tauchnitz, 1895 e seg., e enfim a de John Burnet, 5 vols., Oxford, 1907. Muitas edições parciaes. Traduções francesas de Cousin, Saisset, Chauvet, Paris (Charpentier); J. V. Leclerc, *Pensées de Platon,* Paris (Delalain). Para apreciação da obra do immortal philosopho os mais recentes trabalhos — G. Milhaud, *Les philosophes géomètres de la Grèce,* Paris, 1900; Gomperz, *Les penseurs Grecs;* Fouillé, *La Philosophie de Platon,* Paris, 2.ª ed., 1888, etc.

cidade da Macedonia, veiu desde muito novo para Athenas, onde durante vinte annos conviveu com Platão. Mais tarde abandonou esta cidade chamado por Felippe para dirigir a educação de seu filho Alexandre, mas quando este emprehendeu a sua expedição á Asia, Aristóteles voltou a Athenas em 334, e ali começou o seu ensino junto das margens do Ilissos num gymnasio, o Lyceu. Como elle ensinava passeiando os seus discipulos denominaram-se *Peripatéticos.* A *retorica,* a *dialectica,* a *physica* e a *metaphysica,* com os numerosos problemas que suscitam, foram objecto dos seus entretenimentos philosophicos. Por outro lado o seu antigo discipulo, agora rei — Alexandre —, enviava-lhe da Asia plantas e animaes que lhe permittiam estender e empregar a sua actividade nas sciencias naturaes, em que deixou trabalhos admiraveis.

Alexandre morreu em 323 e logo os seus inimigos accusaram o philosopho de impiedade, pelo que teve de abandonar Athenas e retirar-se a Chalcis, onde morreu em 322.

Aristóteles é a intelligencia mais vasta e mais erudita da antiguidade. A sua philosophia impôs-se durante a edade-média aos arabes; os christãos adoptaram-lhe os principios na denominada *Escolastica.* Não possuimos toda a obra — uma verdadeira encyclopedia — que elle escreveu, mas o que resta: *Metaphysica, Logica, Moral, Politica, Retorica, Poética,* etc. demonstra uma vastidão intellectual extraordinaria (1).

(1) Bibliographia: Ed. de Buhle, 5 voll., incompleta, 1791-1800; ed. publicada sob os auspicios da Acad. das sc. de Berlim, 5 voll., Berlim, 1831-1870, por Bekker e Brandis, V. Rose e Bonitz; ed. Tauchnitz, Leipzig, 1831-32; ed. Didot, 5 voll., París, 1848-74, com texto grego, traducção latina e indice alphabético por Dübner, Büssemaker e Heitz. Ed. parcellares numerosas. Por ex.: da *Poética,* por Hatzfeld e Méd. Dufour, Paris, 1899; da *Alma,* por Rodier, 2 vols., Paris, 1900; *Constituição dos Athenienses,* publicada pela primeira vez segundo o papyro de Kenyon, Londres, 1891, por Kaibel e Wilamowitz-Mollendorf em Berlim em 1891 e na Bibl. Teubner em 1892;

As suas obras foram publicadas pelo seu discipulo e successor immediato *Theophrasto* (por 372-287), de quem possuimos alguns trabalhos de valor, como a *Historia das Plantas* em nove livros e o opusculo celebre chamado *Caractéres,* traduzido e imitado por La Bruyére (1).

VI

Oradores

63. — Apparecimento da Eloquencia; suas variedades. Num povo dotado de tam bellas faculdades, como o grego, a eloquencia não podia deixar de apparecer a tomar logar honroso ao lado dos outros generos literarios. E' certo, porém, que era necessario um certo meio para ella se desenvolver, e esse havia-o na Grecia — era Athenas. Esta cidade era o centro do movimento social e politico. Nella se debatiam as grandes questões, que interessavam a autonomia do país, a sua prosperidade e bom nome. O público corria com avidez a assistir a essas discussões, seguia com interesse os oradores, coroava-os, ou condemnava-os ao exilio segundo a justiça da causa,

---

traduzida por Th. Reinach em Paris, 1891, etc. As obras completas, menos esta ultima, foram traduzidas por Barthelemy Saint-Hilaire; ha tambem trad. da *Moral e Politica,* por Thurot; da *Metaphysica,* por Pierron e Zévort, etc. Trad. portuguesa da *Poetica* por Antonio Ribeiro dos Santos, 1779, Lisboa, 1 vol., 8.º. Sobre Aristóteles ficou classico o livro de Ravaisson, *Essai sur la metaphysique d'Aristote,* Paris, 1837-1846. Para outros estudos especiaes consulte-se a bibl. muito copiosa dada por E. Boutroux no artigo *Aristóte* da *Grand Encyclopédie.*

(1) Obras completas, salvo os *Caractéres* — Wimmer, na Bibl. Teubner, 3 vols., 1864-1881. Aquelles na casa Teubner, 1898, ed. da Sociedade Philologica de Leipzig.

tam favorecida pela arte de dizer, que havia individuos, que se encarregavam de fazer discursos, que outros recitavam (logógraphos [λογογράφοι]) (1).

Mas ao lado desta *eloquencia politica* posta ao serviço das questões de interesse nacional, havia mais dois generos: a *eloquencia forense* ou *judiciaria*, (δικανικοί λόγοι), empregada nos tribunaes ou reuniões públicas por partes pleiteantes, e a *eloquencia epiditica* (επιδεικτικὸς λόγος) ou panegyrico destinado a celebrar as glórias duma cidade, dum individuo morto no campo da batalha, etc. (2).

Merecem menção entre os oradores gregos: Péricles, Antiphonte, Lysias, Isócrates, Éschines e Demósthenes (3).

64. — Péricles, abre a serie dos grandes oradores gregos. Como Temistocles, foi um destes homens politicos, de quem a antiguidade se mostrava orgulhosa. Mas só ficou a lembrança da funda impressão que os seus discursos faziam em quem os escutava, pois que de principio não havia o costume dos oradores redigirem as suas obras. Assim Péricles não redigiu um só. Mas seria impossivel esquecê-lo neste logar. Grande politico, habil administrador, os antigos fizeram largos elogios á sua eloquencia persuasiva e nobre. Chamavam-no o *Olimpico*. Platão elogia ainda a sua alta razão, ao mesmo tempo

---

(1) Segundo o uso atheniense, o cidadão que tinha de comparecer perante o tribunal e não podia elle proprio compor o seu discurso de defesa, dirigia-se a um orador que lho fazia, decorando-o depois e recitando-o como se seu proprio fosse. O auctor do discurso chamava-se *logógrapho*.

(2) Sobre a eloquencia grega — Blass, *Die attische Beredsamkeit*, 4 vols.; G. Perrot, *L'éloquence judiciaire á Athènes*, I, Paris, 1873; J. Girard, *Études sur l'éloquence attique*, Paris, 1874.

(3) Bibliographia: Reische colligiu os discursos de todos, exceptuando Isócrates, em 12 voll., Leipzig, 1770-75; *Oratores attici recogn. adnot. crit. add. d*, etc. J. G. Baiterus et H. Sauppius, 9 vols., Zurich, 1838-50; *Oratores attici, graec. et lat. cum scholiis*, etc. edid. C. Müllerus, 2 voll., Parisiis, 1847, seg.

sublime e efficaz. Plutarcho conserva delle alguns ditos notaveis e os poetas comicos encheram-no de elogios. Como diz Croiset a eloquencia fallada devia ter attingido com elle a perfeição.

65. — Antiphonte (por 480-410) é o mais antigo orador áttico de quem temos discursos. Homem politico, chefe duma conjuração, foi processado e condemnado á morte. Teve em Athenas uma escola de rhetórica, e ahi contou entre os seus discipulos o grande historiador Thucydides. Temos delle quinze discursos, a maioria dos quaes foi composta para servir de modêlo do genero aos seus discipulos (1).

66. — Lýsias (459-379), viveu no tempo em que Lysandro despoticamente governava Athenas, soffrendo em consequencia disso graves perseguições elle e sua familia. A unica vez, que discursou perante o tribunal, foi para accusar Erastóstheno, um dos trinta tyrannos de Athenas, de assassino de seu irmão. Os restantes discursos, que chegaram até nós (34), fê-los elle ou como logógrapho ou como mestre de rhetórica. Pela correcção da sua linguagem Lysias foi considerado pelos antigos como um *atticista* digno dos maiores elogios (2).

67. — Isócrates (436-338 A. C.) é o precursor immediato de Demósthenes. Cicero chama-lhe *pater elo-*

---

(1) Bibliographia : Ed. na Bibl. Teubner, de Blass, 1881. Nesta ed. tambem os discursos attribuidos a Gorgias. E' notavel o trabalho de Cucuel, *Essai sur la langue et le style de l'orateur Antiphon*, Paris, 1886. Cfr. ainda O. Navarre, *La Rhétorique avant Aristote*, Paris, 1900.

(2) Bibliographia : Ed. criticas, na Bibl. Teubner, de Scheibe, e de Cobet, em Amsterdam, 1863, e edição explicativa dos principaes discursos, de Rauchenstein, Berlim, 1881-1884. Veja-se o estudo de J. Girard já cit. atrás.

quentiae (1). A sua vida quasi centenaria foi dedicada ao ensino da nobre arte de dizer. A escola, que abriu em Athenas, era afamada em toda a Grecia; a ella concorriam os que depois eram os primeiros oradores e os primeiros politicos do país. A sua melhor composição é o *Panegyrico* (Πανηγυρικός), em que exhorta os gregos a sacrificarem as suas rivalidades internas em beneficio da patria unindo todas as fôrças contra os persas.

No *Panathenaïco* (Παναθηναϊκός) elogia as façanhas dos athenienses e os serviços, que prestaram á Grecia. O *Areopagitico* (Ἀρεωπαγιτικός) é uma apologia da legislação de Solon. São estes tres discursos os melhores da collecção (21), que corre com o nome de *Isócrates* (2).

68. — Demósthenes (385-322 A. C.) é o principe dos oradores gregos, o *Orador* por excellencia, o maior orador politico de todos os tempos. Desde muito novo começou a exercitar a sua eloquencia. A primeira vez, que appareceu na tribuna, foi para accusar os tutores, que lhe defraudavam os bens, que seus paes lhe haviam deixado.

Debil de constituição e com uma pronúncia defeituosa, não parecia Demósthenes talhado para ser sequer um orador mediocre. Mas a tenacidade venceu estes defeitos naturaes, e fez com que pudesse consagrar toda a sua vida á tribuna fazendo della uma arma terrivel contra o inimigo da Grecia — o poderoso Felipe da Macedónia. Juntando a acção á palavra Demósthenes tomou parte na batalha de Cheronéa (337), em que os gregos soffrêram uma derrota memoravel. Não esfriou por isso o seu

(1) *De orat.*, 2, 3, 10.

(2) Bibliographia: Ha ed. critica na Bibl. Teubner por Benseler-Blass e explicativa de Schneider na mesma casa, Leipzig, 3.ª ed., 1875. Trad. francesa do Duque Clermont-Tonnerre, Paris, 1862-1864 (Didot). Veja-se o *Étude sur Isocrate* de E. Havet á frente da trad. do discurso *Sobre o Antidosis,* de Cartellier, Paris, 1863 (Delagrave).

enthusiasmo patriotico; continuou a luctar, e mais tarde, perdida toda a esperança, acolhido no templo de Neptuno, na Calauria, onde se havia refugiado, e cercado pelos sequazes de Antipatro, preferiu a entregar-se o dar-se a morte a si proprio, envenenando-se. Correm com o seu nome sessenta e um discursos, alguns dos quaes (17) são reputados apocryphos. Dos genuinos, onze são politicos (λογοὶ συμβουλευτικοί) sobresaindo entre elles *tres* conhecidos pelo nome de *Olynthiacas* e tres particularmente designados *Felíppicas;* os restantes são forenses ou judiciarios.

Mas superior a todos é a chamada *Oração da Corôa* (περι τοῦ στεφάνου), cujo assumpto é o seguinte:

Ctesiphonte havia proposto, que se désse uma corôa de oiro a Demósthenes em recompensa dos prestantes serviços por elle feitos á patria, nomeadamente por ter custeado com o seu proprio dinheiro parte da construcção das muralhas de Athenas.

Um partidario de Felippe e já inimigo do grande tribuno oppôs-se a esta consagração — era Eschines, que só apparentemente impugnava Ctesiphonte. Os pontos da accusação eram tres: *a)* as leis prohibiam coroar o devedor insolvente, e Demósthenes era-o, porque encarregado da construcção das muralhas não prestara ainda contas; *b)* era no senado e não no theatro, como propunha Ctesiphonte, que a coroação se poderia fazer; *c)* Demósthenes estava longe de ser um benemerito da patria, elle, que havia arrastado a Grecia ao desastre de Cheronéa.

Demósthenes produziu então a sua obra prima. Invocando os deuses e appellando para a rectidão dos juizes elle vae ao ámago da questão desde o principio — ao terceiro ponto da accusação. Sim! tinha havido a derrota de Cheronéa! mas quem a podia prevêr? tudo está nas mãos dos deuses! Mil circunstancias inutilizam os planos do homem de Estado... Mas supponhamos que essa desgraça se podia prevêr. Seria isso razão para que

Athenas sacrificasse a honra e o cumprimento do dever?

Tirado da maior difficuldade pouco restava a Demósthenes para ganhar o coração dos que o ouviam. A restante accusação era insignificante: que importava que désse contas dum dinheiro, que havia gasto, mas que era seu? Que mais fazia ser coroado no theatro do que no senado? Merecia elle a corôa? eis o essencial.

Tal é o assumpto do primoroso discurso de Demósthenes, tam universalmente conhecido, e que tanto o merece ser, pois que nelle, na sua fórma cheia de vigor e de nobreza, parece reviver o grande espirito que o produziu (1).

69. — **Eschines** (390-314) é um rival digno de Demósthenes no campo em que ambos se batêram. Bandeado com Felippe da Macedónia, d'ahi derivou a sua inimizade contra aquelle. Temos delle tres discursos, que os antigos chamavam as tres graças (χάριτες) e que são: *Contra Timarco* (κατὰ Τιμάρχου); *De falsa legatione* (περὶ παραπρεσβείας) e *Contra Ctesiphonte* (κατὰ Κτησιφῶντος). Este último é o melhor, e foi pronunciado na questão da Corôa, a que nos referimos atrás. Cicero refere que Eschines, tendo ido habitar, depois da condemnação, para Rhodes, ahi abríra uma escola de rhetórica. Lendo um

---

(1) Bibliographia: Ed. completas de Reiske, de Bekker, de Baiter e Sauppe nos *Oratores attici*; de Vœmel, na Bibl. Didot, 1843; de Weil, *Harangues et plaidoyers politiques*, Paris, 1873-1886, (Hachette); de Dindorf, Osford, 1846-1860; na Bibl. Teubner, 2.ª ed., 1874. Trad· francesa de Stiévenart, Paris, 1842. Trad. das *Obras Politicas* por Plougoulm, Paris, 1861-1864. (F. Didot) Ed. dos *Plaidoyers civils* por Dareste, Paris, 1875; e dos *Plaidoyers politiques* pelo mesmo 1897 (Plon). Em português temos a *Oração da Coroa versão do original grego precedida d'um estudo sobre a civilisação da Grecia por José Maria Latino Coelho*, Lisboa, 1877, 1 vol.

Sobre o grande orador, a obra classica de Arnold Schœfer, *Demosthenes und seine Zeit*, 3 vols., Leipzig, 1856-1858.

dia a sua brilhante accusação contra Demósthenes applaudiram-no os ouvintes; leu-lhes em seguida a defesa de Demósthenes e o enthusiasmo tocou as raias do delirio. Ao ver isto Eschines disse: que faria, se tivesseis ouvido a propria féra! (1).

VII

A literatura grega depois de Alexandre

70. — **Decadencia geral da literatura grega.** Principia com Alexandre a decadencia da literatura grega. Athenas deixa de ser o emporio da civilização e outras cidades lhe tomam a primasia. Exposta a luctas intestinas entrou num periodo de completo abatimento. A actividade literaria concentrou-se fóra d'ella em Alexandria, no Egypto, em Pergamo, em Antiochia, em todos os pontos do mundo oriental e mediterraneo, onde grupos hellenicos levados pelos exercitos macedonios chegavam e se estabeleciam. Nenhuma cidade, porém, como Alexandria exerceu esta hegemonia de capital intellectual, sendo por isso com razão que o periodo comprehendido entre a morte de Alexandre até a batalha de Accio se chama literariamente o — periodo alexandrino. Cidade nova, pois foi fundada por Alexandre, ao fim de meio seculo contava trezentos mil habitantes: era a maior cidade do mundo (3). Ahi os primeiros Ptolomeus fizeram o que nos bellos tempos da

---

(1) Bibliographia: Ed. na Bibl. Teubner, de Blass, 1908; a de Weidner, Berlim; a de Gwatkin, Londres, 1890. Traducções de Stiévenart, Paris, Didot no mesmo vol. com Demosthenes. Mais-Hinstin, Paris (Hachette). Estudo interessante — Castets, *Eschine l'orateur*, Paris, 1872.

(2) Alfr. e M. Croiset, *Manuel*... ob. cit., pg. 619.

Grecia Péricles fizera em Athenas. Os homens mais celebres eram attrahidos á sua côrte e ahi recebidos com todas as honras. Uma Bibliotheca famosa e um Museu, especie de Universidade, chamavam os estudiosos de todas as partes. Porém nem em poesia ha já quem sustente a lyra de Pindaro, nem em prosa ha representantes dessa forma rica e vasta, cheia de eloquencia e de gravidade, que animou as obras dos atticistas.

71. — Prosa. São sobretudo *eruditos* as personagens da Grecia intellectual deste periodo — cultivando já a retorica, já a geographia, bem como a philologia, a grammatica, a historia da philosophia, a das letras e bellas-artes... — mas tudo e sempre sem elevação, nem grandeza (1). Dessa multidão de figuras secundarias exceptuaremos para fazer uma simples menção:

Epicuro (342-270) fundador da escola ou seita denominada *epicurista*, que fazia consistir a felicidade no prazer e gozos materiaes. Nada deve perturbar estes gozos, dos quaes o homem a ninguem tem de dar contas, a alma sendo, como é, mortal, e acabando com a desagregação de atomos, que é a causa da morte do corpo (2).

Zenão (344-260) é tambem philosopho, mas auctor d'um systema mais elevado e nobre. O homem deve procurar a felicidade, mas esta só consiste no soberano bem, que se confunde com a virtude. O bem moral é o unico bem. Nem riquezas, nem gozos, nem gloria, nem prazer, nem dor, mas a indifferença alta e soberana, o desprezo de tudo, a impassibilidade. A esta escola chamou-se o *estoicismo* (de *stoa-portico*, porque os discipulos

(1) Cfr. Alfr. e M. Croiset, *Manuel...*, obr. cit., pg. 618 e seg.

(2) Bibliographia: O que resta de Epicuro em Usener, *Epicurea*, Leipzig, 1887. Estudo sobre Epicuro em Guyau, *La morale d'Épicure.*

de Zenão reuniam-se em Athenas, debaixo do portico do Pœcilo) (1).

72. — Principal representante da poesia: Theócrito. A verdadeira literatura de Alexandria foi constituida pelas obras poeticas em que se procura estudar e imitar Homero. Os assumptos são rebuscados em lendas mythologicas obscuras, na geographia e na historia. Todo o cuidado é pouco em polir a expressão, em arredondar a forma. Tal é o caracter dos poetas da literatura Alexandrina dos quaes se deve exceptuar, porém, Theócrito, o creador dum genero original. Por isso, pondo de parte os nomes de *Apollónio de Rhodes*, (260-188 A. C.) auctor dum poema épico secundario — *Argonautas* (Ἀργοναυτικά), o de *Arato,* auctor dos *Phenomenos;* os de *Philetos* e *Callimaco,* auctores de epigrammas, os de *Meleagro, Oppiano* e poucos mais, a história literária grega desta epoca só offerece, pode dizer-se, um escriptor digno de attenção — *Theócrito* de Syracusa (cerca de 315-210 A. C.), o creador do idyllio.

Enquanto a vida da epopéa desfallecia pouco a pouco em imitações pouco felizes, Theócrito suscita novo genero num meio até ahi inexplorado, a vida simples dos campos com os seus aspectos tam variados, dando assim origem á chamada *poesia bucólica* (Βουκολική ἀοιδή).

Temos de Theócrito *trinta* poemas, que se chamam *Idyllios,* que são outros tantos pequenos e rapidos esboços de qualquer scena da vida campestre, alguns dos quaes Vergílio imitou, sem conseguir egualar a dôce poesia do syracusano (2).

---

(1) Bibliographia: Os fragmentos encontram-se nos escriptos de Plutarcho destinados a refutá-los; e para alguns representantes, por ex., Cleantho: Müllach, *Fragm. philosophorum graecorum,* I, 151 e seg. e tambem Arnim, *Stoicorum veterum fragmenta,* Leipzig, 1903 (Teubner). Sobre esta escola — Ravaisson, *Essai sur le stoïcisme,* Paris, 1856.

(2) A palavra *Idyllio* não significa senão « pequena peça » de poesia. Mas como as peças « bucolicas » dominavam na collecção occupando

Mencionemos o idyllio dos *Pescadores,* uma pintura cheia de sentimento; *Ceifeiros,* tam encantadora na exacta descripção que traça; *Festas de Adonis* ou as *Syracusanas* e *Gémeos,* aquella de factura ligeira e alacre, digna de Aristóphanes, e esta fazendo lembrar o tom épico de Homero (1).

73. — **Imitadores de Theócrito.** Citam-se como rivaes de Theócrito, mas são-lhe decerto inferiores, devendo contar-se como poetas de segunda ordem, além do auctor anonymo do *Oaristys (conversação amorosa)* encantador idyllio que, embora incluido entre as obras do Mestre, não é todavia d'elle, — *Bion,* de Smyrna, e *Moschos* de Syracusa. O mais bello trecho do primeiro é o *Canto funebre em honra de Adonis,* e do segundo nota-se o *Canto funebre em honra de Bion* (2).

74. — **A Anthologia grega.** Merece egualmente menção a collecção de poesias gregas, geralmente muito breves, a que desde muito cedo se pôs o nome de *Anthologia* (de ἄνθος *flôr* e λεγõ *eu côlho).* São pequenos epigrammas,

---

o primeiro logar, o termo *idyllio* acabou por tomar entre os modernos o sentido de poema pastoril, A mesma alteração e pelo mesmo motivo soffreu a palavra *egloga,* que etymologicamente só designa peça « selecta ». Cfr. Alf. e M. Croiset. *Obr. cit.,* p. 652.

(1) Bibliographia : Edições de Heindorf, *Bucolici graeci,* 2 vols., Berlim, 1810; Ameis, *Bucolici graeci,* na Bibl. Didot, Paris, 1846; Fritsche, Leipzig, 1870; a 3.ª ed. revista por Hiller, 1881; Willamowitz-Mollendorf, *Bucolici graeci,* 1905. Trad. francezas de Leconte de Lisle, Paris, 1869 (com Hesiodo), na casa Lemerre; Jules Girard, Paris, Juoaust, 1868 (muito boa); Pessonneaux, Paris (Charpentier).

Sobre o mavioso cantor pastoril lêr — Sainte-Beuve, *Portraits littéraires,* vol. III; J. Girard, *Études sur la poésie Grecque,* já cit.; E. Legrand, *Étude sur Théocrite,* Paris, 1898; Kattein, *Disputationes Theocriteae,* Paris, 1901 (Picard).

(2) Bibliographia : A edição de Heindorf, a de Didot e outros citados a proposito de Theocrito encerram o que resta destes poetas.

dictos fugitivos, epitaphios e outras composições, em que os gregos deixaram prova da funda impressão do seu genio.

Foi Meleagro o poeta que teve a idea de formar a collecção a que elle mesmo pôs o nome de *Coroa,* a qual, sem ser a primeira, era a mais rica e variada das que se havia organizado (1).

PERIODO GRECO-ROMANO

75. — **Accentua-se a decadencia. A Prosa.** No segundo seculo antes de Christo é para Roma que se desloca o foco literario. A Grecia após tantas luctas intestinas, sanguinolentas, e prolongadas não pôde mais conservar a sua autonomia e caiu sob o jugo romano. Embora, como disse Horacio, a Grecia conquistada conquistasse o seu feroz vencedor (2), a infiltração do espirito romano operou-se rapidamente, e é no meio do antagonismo e da diversidade das crenças e das opiniões que partilham então o mundo romano, que vão apparecer alguns grandes espiritos, os quaes se revelaram em obras em prosa, e exclusivamente em prosa.

Mas nenhum grande nome nos ficou; para encontrarmos uma individualidade saliente, temos de descer ao periodo, em que Roma subjugara a Grecia, e ahi se nos depara *Polybio* (204-125 A. C.), auctor duma *História geral.* Polybio visitou os logares principaes da acção, que tinha de descrever: o Egypto, as Gállias e a Espanha, e deixou-nos assim uma narração exacta de todas as nações, com que os romanos estiveram em lucta durante cincoenta e tres annos, desde a primeira guerra púnica até á derrota de Perseu (220-168). O que elle se propunha demonstrar era « como os Romanos puderam justamente conce-

(1) Bibliographia : Ed. de *Meleagro* e da *Anthologia,* Deheque, 1863.
(2) *Epist.,* liv. II, ep. I, verso 156-157.

ber a idea d'um dominio universal, e como o realisaram ». Comprehendia quarenta livros, de que só restam os primeiros cinco e alguns fragmentos dos outros.

76. — **Outros escriptores deste periodo.** Estão num plano muito inferior a Polybio os historiadores *Dionisio de Halicarnaso* (70 A. C.), auctor da *Archeologia romana* abraçando a vida histórica de Roma desde os tempos mais antigos até ás guerras punicas (1); *Diodoro da Sicília* (40 A. C.), auctor da *Bibliotheca Historica,* que trata dos annaes de todos os povos começando nos reinos mais antigos da Ásia e chegando até á conquista das Gállias por Cesar, abrangendo um periodo de mil e cem annos (2); *Flavio José,* judeu de Jerusalém, auctor das *Antiguidades judaicas,* em vinte livros, desde a origem do mundo até Nero, e da *Guerra judaica,* em sete livros, sobre a conquista de Jerusalém pelos romanos, valiosas como documentos de informação, mas de pouco valor crítico e literario (3); o geographo *Estrabão,* cuja *Geographia* em dezasete livros é muito estimada pelos varios elementos, que nos dá do mundo antigo (4).

---

(1) Bibliographia : Reiske, *Dionysii Halicarnassensis opera omnia,* 6 vols., Leipzig, 1774-1776; G. Kiessling, *Dionysii historia romana,* 5 vols., Leipzig, 1860-1870 na Bibl. Teubner; ed. da mesma e na mesma collecção por Jacob; Usener e Rademacher, *Dionysii opera rhetorica,* na mesma collecção. E outras edições que podem ver-se em Alfr. e M. Croiset, *Manuel,* já cit., pg. 712.

(2) Bibliographia : Edições de Dindorf na Bibl. Teubner, 5 vols., Leipzig, 1866-1868; e na mesma Bibl. ed. de Fr. Vogel, 5 vols, Leipzig, 1890 e seg.

(3) Bibliographia : Edições de Dindorf, *Josephi, opera,* na Bibl. Didot, Paris, 1845; B. Niese, *Josephi opera,* 7 vols., Berlim, 1887-1895, do mesmo *Ed. minor,* apparecida do mesmo tempo; Nober, *Josephi opera,* 6 vols., Leipzig, 1889-1896, na Bibl. Teubner.

(4) Bibliographia : Ed. de C. Müller e F. Duebner, *Strabonis Geographia,* com tr. latina e 15 cartas, Paris, 1858 na Bibl. Didot; Meineke, *Strabonis Geographia,* 3 vols., Leipzig, 1853 na Bibl. Teubner.

77. — Plutarcho, (50-139) de Cheronéa na Beócia, occupa um logar distincto na literatura grega da decadencia. Não é um historiador, mas sim um moralista. As suas *Vidas parallelas* (Βίοι παράλληλοι) são antes que um registo de factos mais ou menos notaveis, o retrato moral dos grandes homens da Grecia e de Roma — de Theseu e Rómulo, Demósthenes e Cicero, Alexandre e Cesar, etc. Além de ser o biográpho mais notavel da Grecia, Plutarcho deixou-nos muitas outras obras classificadas com a designação de *Obras Moraes* (ἠθικά), sobre assumptos de philosophia, politica, literatura, etc.

Em todos os seus escriptos Plutarcho se mostra duma notavel pureza de doutrina, o que o fez considerar como um bello educador de caracteres (1).

78. — Epictéto (50-125 depois de J. C.) e Marco-Aurelio (121-180 depois de J. C.) escrevêram numa grande elevação de doutrinas. No *Manual* e nos *Passatempos* daquelle, onde o seu discipulo Arriano lhe compendiou as doutrinas, encontramos toda a sua philosophia, que faz lembrar a moral ascética dos christãos (2). Marco-Aurelio

(1) Bibliographia: Edições de Doehner e Duebner, *Plutarchi vitae* e *Plutarchi moralia*, 5 vols., Paris, 1846-1855 na Bibl. Didot; Sintenis e Bernardakis, *Vitae parallelae et Moralia*, 11 vols., Leipzig, 1852-1895 na Bibl. Teubner. Traduções francesas de Amyot, Talbot, 1861, Pierron, Paris (Chanpentier); *Vie des Grecs illustres*, extractos por Lemercier, Paris, (Masson); *Vies des Romaines illustres*, extractos pelo mesmo, Paris (Masson). Trabalhos criticos, entre outros: Gréard, *De la morale de Plutarche*, Paris, 1866; Ch. Sévêque, *Um médecin de l'âme chez les Grecs*, in *Rev. des Deux-Mondes*, 1867, etc.

(2) Bibliographia: Edição de Schweighæser, *Epitecteæ philosophia monumenta*, 5 vols., Leipzig, 1799-1800; Duebner, *Epicteti dissertationes, fragmenta...*, na Bibl. Didot, Paris, 1848; Schenkl, *Epicteti dissertationes...*, na Bibl. Teubner, Leipzig, 1894. Estudos: de Martha, *Les moralistes sous l'empire romain*, 5.ª ed., Paris, 1886. Trad. fr. do *Manual* por Thurot; dos *Passatempos* pelo mesmo (Hachette).

deixou-nos uma breve collecção de *Pensamentos* ou máximas, que elle escrevêra para seu uso proprio (*τά εις ἑαυτόν*), e que causam admiração pela limpidez, sinceridade e doçura d'alma, que revelam (1).

79. — Ultimos escriptores. O cyclo dos grandes escriptores clássicos da Grecia termina em *Luciano,* de Samosata, na Syria (por 125 depois de J. C.) o auctor subtil dos *Diálogos dos Mortos,* da satyra *Sobre a maneira de escrever a Historia,* e duma multidão de pequenos escriptos, dialogos, dissertações, narrativas, tudo breve, tudo simples, tudo cheio de bom senso (2).

Outros escriptores revelam ainda nas suas producções uma ou outra das raras qualidades, que tornaram os gregos notaveis na historia do pensamento humano. Mas o seu logar pertence a uma história minuciosa, a uma historia bibliographica e não a um resumo de literatura, como o que deixamos esboçado.

---

(1) Bibliographia : Edições de Duebner, *Marci Antonini comentarii,* Paris 1840 na Bibl. Didot; Stichi, *Marci Antonini commentarii,* Leipzig, 2.ª ed., 1903, na Bibl. Teubner. Estudos em Martha, obr. cit. na nota ant., e de Barthelemy Saint-Hilaire a noticia á frente da sua tradução dos *Pensamentos.* De Marco Aurelio trad. por Pierron, Paris (Charpentier); de Michaux, 1901 e Conat, 1904.

(2) Bibliographia : Edições de Hemsterhuys e Reitz, 4 vols., Amsterdam, 1743-1746; Dindorf, Paris, 1840, na Bibl. Didot; Nils Nilen na Bibl. Teubner; Sommerbrodt, *Lucianus, Scholia in Lucianum,* edit. Rabe, Leipzig, 1906.

Traduções: *Oeuvres choisies* por Belin de Ballu, rev. por Pessonneaux, Paris (Charpentier); *Oeuvres conplètes,* por Talbot, Paris (Hachette). Estudos criticos de M. Croiset, *Essai sur la vie et les oeuvres de Lucien,* Paris, 1882; S. Chabert, *L'atticisme de Lucien,* Paris, 1897.

III

LITERATURA LATINA

«...onde se veja brevemente o dilatado, distinctamente o confuso, e claramente o escuro e mal declarado...»

PADRE ANTONIO VIEIRA.

E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é **Latina.**

Lusiadas, c. I, est. 33.

LITERATURA LATINA

Introducção

1. — Caracter geral da literatura latina. Quasi todas as literaturas da Europa umas proxima, outras remotamente, se inspiraram na literatura romana, como esta se inspirou na grega. Como escreveu Sainte-Beuve:

La Muse des Latins, c'est de la Grece encore;
Son miel est pris des fleurs que l'autre fit éclore...

Ella foi como que a intermediaria entre o mundo hellenico e o mundo moderno europeu: a sua missão parece ter sido a de transmittir ás nações, que lhe succedêram, o legado da que a precedeu. Quando os romanos subjugaram a Grécia, viviam ainda como guerreiros, portanto sem literatura. Fôram os vencidos os seus mestres. Ensinaram-lhes as crenças da sua religião, os principios da sua philosophia, os preceitos da sua arte. Os romanos só quiseram ser grandes, e fôram-no de facto, no direito e na politica. Na Grécia predominou a imaginação, em Roma a reflexão; aquella é um país de artistas; esta é patria de conquistadores e guerreiros. Além ha mais imaginação, mais delicadeza, aqui ha mais vigor, mais grandeza, mais gravidade. Os gregos são poétas desde a origem. Homero é o seu cantor. Os romanos vivem cinco séculos sem letras, e os seus primeiros escriptores são prosadores.

Oriundos, excepção feita dos Étruscos, de povos arianos, as condições do solo em que se estabeleceram, e do clima sob o qual viveram, depressa os differenciaram profundamente dos seus irmãos de origem. A Grecia era um país de terreno geralmente fertil e abundante, com um clima suave permittindo aos seus habitantes viver

tranquillamente, entregues á sua arte, á sua religião, ao seu commercio com o Oriente. Roma era um país de solo geralmente ingrato, ora cortado de montanhas, ora afogado em pantanos, com o qual era preciso luctar sem treguas, sob estios torridos ou invernos rigorosos. Por isso tudo na Italia foi mais grave, mais austero, mais rude. A religião foi mais abstrata, mais material, mais formalista; os deuses latinos são terriveis; é preciso temê-los, e para os apaziguar, dizer-lhes exactamente as orações accommodadas; a constituição politica deixa aos cidadãos menos liberdades que na Grecia; ella encerra-os numa rede de leis rigorosas e formais; a organização da familia mostra-nos o pai gozando d'uma autoridade que, appoiando-se sobre a religião e o culto dos antepassados, põe á sua discreção, na «sua mão», como diz a lei romana, a mãi e os filhos, mais ainda talvez que as filhas (1).

2. — A lingua latina. Já vimos como o latim é uma lingoa indo-europea e quaes são os dialectos que dessa lingoa mãi derivaram. Dessas lingoas co-irmãs apenas o *latim,* fallado no *Latium,* conseguiu, pelo genio e pelo valor politico e social do povo que o fallava, elevar-se á altura e dignidade d'uma lingoa literaria, que se veio a diffundir por toda a Italia, e depois, pela diffusão do Imperio Romano, por todos os povos sujeitos ao seu dominio, vindo ainda por fim a originar as lingoas *novi-latinas* ou *romanicas.* A sua historia confunde-se, nas origens, com as da propria Roma e perdura até á queda

(1) Fustel de Coulanges, *Cité antique,* livs. I e II. O que foi, portanto, seu, derivou das condições de solo, clima e meio politico e social — uma cultura intensa das terras e como tal desenvolvimento agricola; — lucta no fôro para a applicação das leis e portanto desenvolvimento da jurisprudencia; — defesa da patria contra o inimigo exterior e por isso conhecimentos da arte da guerra. Tudo o que é positivo e nitido e preciso.

do imperio Romano do Occidente em 476 antes de Christo, continuando ainda nos seculos posteriores, primeiro como lingoa official e de communicação internacional, mais tarde como lingoa dos eruditos, e hoje ainda como lingoa liturgica da Igreja Catholica.

3. — **Divisão da Historia da Literatura latina.** O desenvolvimento e a evolução da literatura latina estendem-se pelos periodos seguintes:

1.º Periodo das *origens,* que vai desde a fundação de Roma até á importação dos modelos da Grecia ou fim da primeira guerra punica. [754-241 antes de J. C.]

2.º Periodo de *formação.* Acabado o periodo prehistorico segue-se este periodo preparatorio ou de iniciação hellenica, que vai até ao fim da guerra social. [241-90 antes de J. C.]

3.º Periodo de *esplendor,* que se subdevide em:

a) Seculo de Cicero [81-43 antes de J. C.]

b) Seculo de Augusto [43 antes de J. C. — 14 depois de J. C.]

4.º Periodo de *decadencia,* que perdura desde a morte de Augusto até á queda do imperio romano do Occidente [14-476 depois de J. C.]

I

Periodo das origens

[754-241 A. C.]

4. — **Os povos da peninsula italica.** Apertada entre o mar Adriático e o Mediterráneo e devidida pela longa cadeia dos Apenninos, estende-se, numa comprida linha, coroada pelos Alpes, a peninsula italica. Tribus nume-

rosas disputavam a sua posse desde os tempos historicos. Espalhados pelas regiões do norte viviam, entre outros, os Úmbrios, Sabinos, Volscos, Marsas e Samnitas: nas regiões banhadas pelo Tibre demoravam os Latinos; entre aquelles e estes os Etruscos. Religião, costumes, lendas populares, tradições mythicas, etc. não differiam muito. Os dialectos fallados por estes povos, reserva feita do Etrusco, sobre o qual a sciencia não disse ainda a ultima palavra, conservavam entre si differenças analogas aos de todos os dialectos de qualquer povo.

5. — **Condições politicas e literarias.** Roma surgiu do conflicto destes povos duma civilização apenas rudimentar. Cinco séculos são absorvidos em luctas, que não permittem senão pallidos reflexos de ensaios, que difficilmente se pódem classificar de literarios. Já o dissemos: o povo romano todo entregue á cultura do solo e ás luctas indispensaveis á formação da nacionalidade, quasi não tinha tempo de escrever. E' primeiro a edade dos reis e a seguir a constituição da republica, as luctas entre plebeus e patricios para a egualdade dos direitos politicos, as guerras com os povos vezinhos, com Samnitas, Tarentinos, com Pirro, enfim, a primeira guerra punica. Vejamos o que ha deste periodo.

6. — **Cantos dos Irmãos Arvaes.** Entre os mais antigos documentos, talvez anteriores á fundação da propria Roma, temos os cantos dos *Irmãos Arvaes,* de que nos chegou em especimen numa inscripção descoberta em 1778 nas excavações feitas sob a sacristia de S. Pedro de Roma, a qual contem o texto do canto tradicional. Os doze *Fratres Arvales* eram uma associação (*Collegium*) de doze sacerdotes encarregados de certas cerimonias religiosas. Percorriam os campos pela primavera, de 16 a 18 de março, entoando cantos em que pediam á deusa *Dia* (Ceres), e ainda a *Marmar* (reduplicação de Marte)

uma colheita abundante e a conservação dos seus campos (— *arva*). O *carmen* descoberto diz: (1)

E nós lases juvate (ter)
neve lue rue Marmar sins incur-
[rere in pleores (ter)
Satur fu fere Mars limen sali
[sta berber (ter)
semunis alternei advocapit conctos
(ter)
e nos marmor juvato (ter)
triumpe (quinquies)

O nos, lares, juvate,
neve luem ruem, Mars Mars, Sinas
[incurrere in flores (?).
Satur es, fere Mars, limen sali, siste.
[verbera (?),
Semones alterni advocabitis con-
[ctos.
O nos, Mars Mars, juvato.
triumphe.

7. — Cantos dos Salios. Estes cantos eram entoados pelos *XII fratres Salii* quando no mês de março, do dia 1.º a 24, conduziam em triumpho pelas ruas e saltando (— *salio*, eu salto) o escudo de Marte. Eis um fragmento:

O Zaul adoriese omnia
verom adpatula coemis-es ianeus
[lanes
duonus Cerus es, duonus lanus
veveis promerios prome-dius enum
[recumde
Divuu em pa cante
divum deo supplicate
Cume tonas Lencesie — prai ted
[tremonti
quot ibe tet viri audeisunt tonare

O sol, adorire omnia!
portarum ad patulos-aditus co-
[mis es ianitor, Iane.
bonus Genius es, bonus Ianus
vivis optime meritus, prome-
[dies et reconde!
Divorum eum patrem canite,
divorum deo supplicate.
Cum tonas, Luceti, praetremunt
[te
quot ibi te viri audierunt tonare

Nós conhecemos o *Carmen Saliare* pelo que lemos em Varrão e é, como se vê, completamente inintelligivel (2). Já os antigos laboravam nesta ignorancia.

---

(1) Cfr. transcripção, texto, e traducção feita por Bréal em Victor Cucheval, *Hist. de l'éloquence latine depuis l'origine de Rome jusq'à Cicéron*, I.

(2) *Da lingua latina*, VII, 26, ed. de Otf. Müller, 1833.

Horácio diz: « ha tal que elogia o canto dos Sálios e não o comprehende melhor do que eu » (1) e Quintiliano: « os cantos dos Sálios não são comprehendidos nem mesmo pelos sacerdotes, que os repetem » (2).

8. — Cantos dos banquetes; cantos triumphaes. Pelo testemunho de varios escriptores sabemos, que os antigos romanos, além dos cantos em honra dos deuses, entoavam outros nos banquetes solemnes (*epulae solemnes* ou *lectisternia*), em que celebravam qualquer occorrencia politica ou domestica, ou commemoravam a gloria dalgum antepassado illustre e que eram como na Grécia, acompanhados ao som da lyra e da flauta (3); eram os *Carmina convivalia*. Infelizmente nenhum texto foi conservado. Ao lado destes ha os cantos triumphaes que eram entoados pelos soldados, durante o triumpho, em louvor do general victorioso; celebravam a bravura e coragem das legiões, a intrepidez dos commandantes, ao mesmo tempo que zombavam dos defeitos do triumphador (4).

9. — Nénias. As nénias ou cantos de lucto eram outra especie de poesia popular, que remontava á época dos reis e que na sequencia dos tempos se transformou ou antes se substituiu pelos elogios funebres. Eram entoados nas cerimonias e pompas funebres a principio pelos parentes do defuncto e mais tarde por mulheres mercenarias, chamadas *praeficae*.

10. — Livros sibyllinos. Os livros sibyllinos e os livros dos adevinhos continham certamente cantos expondo as respostas dos oraculos, que os romanos nos dias de

(1) *Epist.* II, I, 86.
(2) Quint. I, 6, 40.
(3) Cicero, *De Orat.*, III, 51.
(4) Suetonio, *Vida dos Césares*, 49, 51.

perigo não deixavam de sollicitar. A existencia destes cantos levou Niebuhr a formular a hypothese insubsistente da existencia de poemas epicos na primeira edade de Roma.

11. — **Cantos fescenninos.** Remonta aos primeiros tempos a nova especie de poesia — a satyrica ou comica, que encontramos nos cantos **Fescenninos**, assim chamados da sua origem — Fescénnia, cidade da Etrúria, nas margens do Tibre. Eram entoados pelos agricultores ebrios. Do campo passaram á cidade, penetrando, como diz Horácio, « no interior das familias honestas ». A sua licenciosidade tornou-se de tal ordem, que fôram prohibidos numa lei das doze tábuas (1). Vergilio refere, que os cantores da poesia *fescennina* se mascaravam (2). E' indubitavel que nella se devem procurar as origens do theatro latino. No anno de 363 A. C. o senado, para alegrar os espiritos aterrados com a peste, que assolava Roma, mandou vir jovens etruscos, que dançavam ao som da flauta. A innovação agradou á juventude romana, que com a dança intermeiou a poesia, primeiro de caracter *fescennino* e depois satyrica, mas « cheia de harmonia » como escreve Tito-Livio (3).

12. — **A Satura.** As peças desempenhadas chamavam-se saturas por causa da mistura da musica, dos versos e da dança, á semelhança do prato cheio de diversos fructos (*lanx satura,* espressão sabina) que se offerecia aos deuses, em especial a Ceres e a Baccho. Vigoraram em Roma durante 120 annos nos jogos scenicos, e constituem a primeira e a mais original forma do theatro

---

(1) *Epist.* II, 1, vers. 139 e seg.
(2) *Georg.* II, 385.
(3) VII, 2.

romano (1). Por isso Quintiliano escreveu: *satura quidem tota nostra est.*

13. — Atellanas. As Atellanas, do nome da cidade donde haviam vindo — Atella, cidade dos Oscos, na Campánia, eram peças em que se substituiam por personagens ficticias e typos de convenção os retratos muito semelhantes, que seria perigoso mostrar em scena.

14. — Leis das doze Taboas. Ao lado dos documentos religiosos havia outros de caracter profano: eram as collecções de leis, as mais notaveis das quaes são as *Leges XII Tabularum*, que foram promulgadas em 451-450 durante o governo dos decemviros para obstar ás incertezas e desegualdades de direito provenientes da falta de codigo official. Assignalam um grande progresso na cultura juridica dos romanos e ficaram sempre fonte de direito publico. Restam alguns fragmentos, como por ex.:

Adversus hostem aiviterna otoritas (Tab. III)	Adversus hostem aeterna auctoritas.
Sei pater filiom ter venum duit filio af patre leiber estod (Tab. IV)	Si pater filium ter venum dederit, filius ab patre liber esto.
Si nox furtum faxit iure caesus esto (Tab. VIII).	Si nox furtum fecerit, iure caesus esto.

15. — Elogios. Principios de eloquencia. Nos tumulos dos heroes, nos monumentos, etc., costumavam os romanos gravar inscripções que serviam para celebrar qualquer acontecimento notavel, como uma victoria, por exemplo. Mas tinham ainda outra forma commemorativa.

(1) M. Magnin, *Les origines du théatre antique et du théatre moderne*, etc., Paris, 1 vol.

Depois das inscripções vêem os elogios fúnebres dum caracter inteiramente particular, recitados por algum filho ou parente do morto, e servindo, no dizer de Cicero, para perpetuar a lembrança da glória domestica e realçar o brilho das familias (1). O primeiro elogio fúnebre, que a história cita, é o de *Valério Publicola* em honra de Bruto, o vingador de Lucrécia. O costume ficou, e repetia-se na morte das personagens illustres. Eram os primeiros germens da eloquencia.

16. — Annaes. Resta-nos assignalar a origem da história. Desde os tempos mais remotos, que se praticava em Roma o seguinte: o *Pontifex Maximus* num quadro branco *[tabula dealbata]* inscrevia todos os factos dignos de menção, e de que o público devia tomar conhecimento. E' o que se chama os Annaes (2). A exposição destes factos se era conveniente, porque dava uma garantia de probidade verificada e comprovada pelo povo, não se prestava a grandes desenvolvimentos. Por isso os *Annaes (Annales Pontificis Maximi, Annales maximi)* continham materiaes para a história, não eram história. Infelizmente, deficientes ou não, não chegaram até nós, desapparecendo no incendio de Roma quasi por completo.

II

Periodo de formação

17. — Condições politicas (241-90 A. C.). Entretanto a grandeza de Roma crescia de dia para dia. Como um rio saído de nascentes desconhecidas engrossa o volume das suas aguas no percurso, assim Roma a

(1) *Brutus*, 16.
(2) Cicero, *De Orat.*, 12.

principio ignorada se tornou no decorrer dos tempos a capital dum imperio, que havia de ser victima da sua propria grandeza. Os povos circunvizinhos desapparecem, para lhe dar logar. Latinos, Volscos, Etruscos e Samitas, depois as cidades gregas, todos lhe cedem o passo. As guerras punicas entregam-lhe a Sicilia, a Sardenha e Córsega, o norte da África, a Espanha. O Oriente vem em seguida. Roma podia orgulhar-se de haver conquistado o mundo.

18. Condições literarias. As conquistas dos romanos trouxeram o cosmopolitismo da civilização grega, que elles tam perfeitamente haviam aproveitado. Com a transformação politica e o alargamento das conquistas, se os costumes soffriam, principalmente ao contacto da civilização grega e sobretudo da da grande Grecia, as letras prosperavam. A tomada de Tarento em 272 levou a Roma um grego — Livio Andronico, que traduziu a *Odyssea* e em 240 adaptou para o theatro romano uma peça grega. A tomada de Syracusa em 212 fez passar a Roma as obras da arte hellenica, numerosas nesta cidade. Em 168 Paulo Emilio, depois da sua victoria de Pydna enviou para Roma mil refens acheanos, e um d'elles — Polybio — tornou-se familiar de Scipião. Em 143, enfim, depois da tomada de Corintho por Memmio, se a Grecia definitivamente foi conquistada, o hellenismo pouco a pouco infiltra-ra-se conquistando Roma. Pena é que deste periodo de effervescencia literaria, porque o foi, segundo os escriptores antigos, só chegassem até nós, exceptuando as obras de Plauto e de Terêncio, poucos fragmentos.

PRINCIPAES ESCRIPTORES

Poesia Epica

19. — Livio Andronico. Os romanos não formaram dos seus primitivos *Carmina* uma epopea nacional, como

os gregos dos canticos dos seus aedos. Essa creação só será possivel no periodo classico e será antes um producto do genio individual do que uma epopea de argumento nacional. Por agora neste genero, como no dramatico, os romanos limitaram-se a traduzir ou a imitar os seus Mestres. *Livio Andronico* (284-204 A. C.), grego de Tarento, a principio escravo e depois liberto, foi o primeiro a iniciar a corrente da influencia grega, que tam larga diffusão obteve mais tarde, e o primeiro que pode chamar-se o mais antigo poeta epico de Roma. Traduziu a *Odyssea* de Homero e accommodou á scena, traduzindo-as, várias tragedias e comedias gregas. Compôs tambem um hymno religioso, para ser cantado em uma procissão solemne em honra dos deuses, por vinte e sete virgens. Dalgumas destas obras apenas chegou até nós o titulo; doutras só temos fragmentos (1).

20. — Cneio Névio, (264-194 A. C.), cidadão romano, seguiu no caminho traçado pelo seu predecessor, mas com mais liberdade e ousadia. Deu preferencia á comedia, expondo e criticando á maneira antiga acontecimentos e individualidades célebres, como os Metellos e os Scipiões, que o fizeram aprisionar e depois desterrar para Utica, onde morreu em 199. Escreveu várias tragedias e comedias de que só conhecemos os titulos, e um poéma sobre a conquista de Carthago — *De Bello Punico*, a sua obra capital, em versos saturnios (2), onde aproveitava as lendas da

---

(1) Bibliographia: Ed. de Ribbeck, *Tragicorum romanorum reliquiae*, 2.ª ed., Leipzig, 1871; Id., *Comicorum romanorum reliquiae*, 2.ª ed., 1873; *Liv. Andron. et Naevi fab. fragm. emend. et adnot.*, L. Müller, Berlim, 1885. Sempre utilissima a consulta da obra classica de Teuffel, *Hist. de la litt. Romaine*, Paris, 3 vols., tanto pelas informações bibliographicas, como pela abundancia biographica e critica.

(2) Dizia a lenda que o verso saturnio fora inventado por Saturno; é muito incoherente, pouco poetico, pouco usado e muito pouco conhecido.

fundação de Roma, as vicissitudes das guerras punicas, chegada de Eneas a Carthago e suas relações com Dido. Os grammaticos posteriores devidiram este poema em sete livros, de que só restam 59 fragmentos. Névio foi por esta obra o precursor de Vergílio (1). E' digno de archivar-se o elogio que elle proprio escreveu, para ser insculpido no seu sepulchro:

Immortales mortales — si foret fas flere
Flerent divae Camenae — Naevium poëtam
Itaque postquam est Orci — traditus thesauro
Obliti sunt Romae — loquier lingua latina (2).

21. — Q. Ennio (239-169), grego de origem, veiu para Roma trazido por M. Pórcio Catão e ahi abriu uma escola no monte Aventino onde se tornou bem depressa o familiar dos Fulvios e sobretudo dos Scipiões, que o admittiram na sua intimidade e o fizeram sepultar no seu tumulo. Ennio imitou e traduziu muitas tragedias principalmente de Eurípides, escreveu várias comedias e diversas poesias, mas o que lhe deu maior celebridade foi o poema sobre a história de Roma intitulado *Annali* em 18 livros e verso hexámetro. Ennio aproveitou habilmente nesta sua obra as lendas tradicionaes dos romanos, cantando as origens de Roma desde a chegada de Eneas, depois os eventos historicos até á conquista da Etolia por Fulvio Nobilior, o

---

(1) Bibliographia: Ed. para os fragmentos dos dramas e das comédias, de Ribbeck; para *De Bello Punico,* J. Vahten. *Cn. Naevii de Bello Punico reliquiae,* Leipzig, 1854; tambem a ed. de Muller, já cit., Berlim, 1885.

(2) Se fosse verdadeiramente de Névio o epitafio varraniano justificaria aquellas palavras do grammatico Gelio que o chama — *plenum superbiae campanae.* Eugenio de Castro traduziu estes versos por esta forma encantadora:

Podessem, p'los mortaes, os immortaes chorar,
Chorariam por Névio as divinas Camenas;
Deixou-se de fallar latim em Roma, apenas
O poeta foi, de Orco, os antros habitar.

que o tornou querido de todos, que o consideraram, até ao apparecimento da *Eneida* de Vergilio, como o primeiro cantor das glórias patrias. Restam-nos deste poema 600 versos e uns 400 das comedias e de outros livros (1).

POESIA DRAMATICA

22. — **Differentes generos.** As composições dramaticas sam numerosas nesta epoca, quer á maneira nacional, quer segundo os modelos gregos. A toda a composição scenica dava-se nome de *fabula* (↣ fabulare = dizer), e assim havia do primeiro genero a *satura* e a *atellana*, de que já fallamos, e da segunda maneira a *fabula palliata*, a *fabula togata*, e a *fabula praetexta*.

a) *Fabula palliata*, assim chamada do *pallium*, manto nacional dos gregos, versava sobre assumptos da vida grega. D'aí *comœdia, tragœdia palliata*. Esta comedia era imitada da *Comedia Nova* da Grecia representada, como vimos, por Menandro, que punha em scena o typo do *velho*, do *moço*, do *parasita*, da *cortezã*, do *soldado fanfarrão*, etc. Como ella, tambem não tinha côro e constava de tres elementos: 1) *Prologus* em que um actor dava idea do argumento da peça e reclamava as sympathias do espectador; 2) *Diverbia* ou dialogos subdevididos em *actos*; e 3) *Cantica* acompanhados ao som de instrumentos no intervallo dos actos.

b) *Fabula togata*. Os assumptos da comedia algumas vezes foram tirados da vida nacional romana, embora mantendo os criterios artisticos gregos, e daí derivou o nome de *fabula togata*, de *toga* ou manto nacional usado

---

(1) Bibliographia: *Q. Ennii carmin. reliquiae; acc. Cn. Naevi belli Poem, quae supersunt:* emend. et. adnotavit L. Müller, Petersb., 1885.

pelos romanos, chamada *tabernaria,* quando o assumpto era procurado nas camadas do baixo povo.

c) *Fabula praetexta* ou *praetextata,* assim chamada da *toga praetexta,* propria dos cidadãos eminentes em honras e dignidades. A *praetexta* era a toga ornada d'uma faxa de purpura só usada pelos magistrados e pelos patricios.

23. — **O theatro.** Em Roma, não houve a principio logares especiaes para as representações. De cada vez que estas se faziam, escolhia-se ou adaptava-se um logar qualquer, servindo de modelo na disposição e destribuição dos logares o theatro grego. As representações davam-se principalmente por occasião das festas ou jogos nacionaes, dos *ludi megalenses* em abril, dos *ludi apollinari* em julho, dos *ludi romani* em setembro, e dos *ludi plebei* em novembro. Conquanto as *atellanas* fossem preferidas pelas multidões, já pelo seu caracter nacional, já pela sua forma mais popular, e embora a comedia togata e praetexta tivessem alguns cultores, nós só conhecemos bem a comedia palliata, pelas obras do seu melhor representante — Plauto.

24. — **T. Maccius Plautus** (254-184). E' o melhor poeta comico de Roma. De humilde condição cedo veio para Roma da pequena aldeia da Umbria (Sarsina) onde nascera, para se entregar á vida do theatro. As boas composições sam todas imitadas dos gregos e constituem um argumento de valor para o estudo dos costumes romanos da sociedade do seu tempo, especialmente da baixa classe onde gira o entrecho dellas — escravos mentirosos e intrigantes, filhos-familia ciosos de liberdade e de prazer, mulheres dominadas ao imperio das modas e do luxo; parasitas, avaros, irregulares de toda a ordem. — A inspiração, a graça, a -- vis comica, -- embora, por vezes, ardente para um paladar delicado, sam predicados que os

antigos admiravam em Plauto, chegando um d'elles a dizer: *Musas... Plautino... sermone locuturas fuisse, si latine loqui vellent* (1). Attribuiram-se-lhe numerosas comedias, mas Terencio Varrão de 130 *palliadas* só reconhece como genuinas vinte, de que mencionamos as mais conhecidas: *Amphitrio* (Amphitrião), incompleta, pois faltam 300 versos do acto IV, sc. II, que põe em scena Jupiter sob o disfarce de Amphitrião e Mercurio sob o do servo Sosia, é propriamente uma rhinthonica (2) ou tragi-comedia, como diz o prologo: *Asinaria*, que deduz o titulo da venda de certos burros; *Aulularia*, de aula, onde estava escondido o thesouro d'um avarento, incompleta, pois não tem conclusão; *Captivi*, de argumento moral e o *Miles gloriosus* (soldado fanfarrão) (3).

25. — M. Pacuvius (220-132) era sobrinho de Ennio e como seu tio entregou-se ao theatro imitando os modêlos gregos. Os antigos tinham-no em grande veneração nomeando-o sempre *Pacuvio o douto.* É de suppôr que merecesse esse titulo pelo cuidado da expressão, que revela certa grandiosidade, mas que nem sempre é tam escrupulosa que passasse sem reparos dos criticos. Possuimos delle apenas fragmentos (4).

26. — L. Accius (170-94) tanto quanto podemos avaliar pelos fragmentos e titulos dalgumas das suas obras procurou o assumpto das suas composições na história patria. Assim a sua tragedia *Brutus* versava sobre a queda dos Tarquinios e a creação do consulado; a tragedia *Décius* sobre o sacrificio da vida feito por P. Décius Mus

---

(1) Segundo Quintilliano, 10. 1, 99.

(2) Dum tal Rhinton, poeta de Tarento; o assumpto de tragico convertia-se em comico.

(3) Bibliographia: Ed. Ritschl, continuada por Goetz, Loevve e Fr. Schoell, 4 voll.; ed. do dinamarq.

(4) Bibliographia: Ribbeck, *Rom. Trag.* já cit.

na batalha junto a Sentinum (295) para a salvação da patria. Além da numerosas tragedias, das quaes conhecemos o titulo de 45, escreveu Accio *a)* uma história da poesia grega e romana especialmente da dramatica com o nome de *Didascalica* sobre a história da poesia grega e romana; *b)* o *Pragmaticon libri,* tambem sobre assumptos literarios; *c) Parerga* e *Praxidica,* sobre agricultura; *d)* e os *Annales,* em verso epico, em tres livros, pelo menos, sobre história.

27. — P. Terencias Afer (185-159) é depois de Plauto o mais importante poeta comico de Roma. Nascido em Africa foi trazido para Roma como escravo pelo senador Terencio Lucano, que depois o libertou. Graças a essa protecção entrou na convivencia dos homens principaes do seu tempo sendo até accusado pelos seus inimigos de se ter apropriado de scenas compostas por P. Scipião, seu amigo e protector. As comedias de Terencio accusam sobre as do seu rival um grande progresso. Terencio é ainda um imitador dos gregos, mas um imitador reflectido e prudente. Plauto vivia entre a plebe e para ella escrevia. Terencio viveu entre os patricios; é mais delicado, mais urbano. As suas personagens têem certa nobreza; em compensação Plauto é mais original, tem mais *vis comica.* Terencio é mais polido; Cicero considerava-o como mestre da lingua, Horácio imitou-o, Quintilliano tem-no como escriptor elegantissimo. Eis as suas obras: *Andria,* imitada de Menandro, sua primeira peça dramatica, do anno 166; *Hecyra,* do anno immediato, que não chegou a ser representada inteiramente da primeira vez por o publico ter abandonado o espectaculo por um outro de saltimbancos; mais tarde em 160 foi interrompida por um espectaculo de gladiadores; conseguindo por fim, da terceira vez ser representada até final, no mesmo anno; *Heautontimorumenos* (homem que se pune a si proprio), traduzida de Menandro, interessante, em que se põe em

scena um pai que, para se punir por ter, por demasiado rigor, provocado a fuga do filho que se fez soldado, se condemna a uma existencia austerissima até que o filho volta e elle lhe permitte, por intercessão d'um amigo, esposar a mulher que elle amava; *Eunuchus*, que rendeu ao auctor um premio de oito mil sestercios onde se encontra a linda pintura do philosopho parasita Guaton; *Phormio*, que tira o titulo do parasita protagonista; e *Adelphoi*, imitada de Menandro (1).

POESIA SATYRICA

28. — A poesia satyrica foi no seculo VII uma verdadeira innovação realizada por *Lucilius* (148?-103?). A elle cabe a honra de ter iniciado esse genero, em que depois fôram eximios Horácio, Pérsio, e Juvenal, o que fez dizer a Quintilliano: — *satira quidem tota nostra est, in qua primus insignem laudem adeptus Lucilius.* Lucilio era natural da Campánia e filho duma familia equestre. Passou a maior parte da vida em Roma. Amigo de Scipião, dotado da independencia que trazem a riqueza e a situação, verberou os ridiculos e vicios do seu tempo com desassombro. Escreveu trinta livros de *Sátyras* de que só temos fragmentos (2). Apesar da irregularidade da metrificação e da linguagem, Lucilio teve na antiguidade

---

(1) BIBLIOGRAPHIA: Ed. de K. Dziatzko, Leipzig, 1884; ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. Umpfenbach, Berlin, Wiedmann; ed. Fleckheisen, Leipzig, Teubner; ed. singulares dos *Adelphos* por Fr. Plessis, 1 vol., Paris, C. Klincksieck; de *Hecyra*, por Thomas, id., ibid. Ha trad. em prosa de Talbot, 1860 Paris (Charpentier); Bétolaud, 1864, Paris (Garnier); em verso ha uma ed. do Marquês du Belloy, 1762 (Lévy); em italiano de A. Cesari, 1816 (Verona) e de Temist-Gradi, 1876, (Livorno).

Em português — *As primeiras quatro comedias, tr. do latim e dadas á luz com o texto latino em frente por Jorge Bertrand, Lisboa, 1788, 2 vol., 8.º*.

(2) Collig. por Müller, Leipzig, 1872; Lachman, Berlim, 1876.

muitos admiradores, e, se não escapou ás censuras de Horácio (1), mereceu os encómios de Quintilliano, que reconhece nelle « maravilhosos conhecimentos de franqueza no fallar, que communica aos seus versos mordacidade e bem refinado sal » (2).

HISTÓRIA

29. — Apparecimento da prosa. Se a poesia foi, como acabamos de ver, uma imitação da Grecia, a prosa foi mais original na forma que adoptou, a historia. O mais notavel e mesmo o primeiro escriptor que se serve de prosa para tratar assumptos historicos é Q. Fabius Pictor (254-167?). Como vimos, os poetas referiram nos seus versos muitas tradições do povo romano. Neste periodo inicia-se a narração dos acontecimentos notaveis por uma ordem chronologica, sob a fórma de *Annaes*. Fabio Pictor escreveu em grego uma história do povo romano desde as origens até ao seu tempo, de que restam fragmentos insignificantes (3). Serviu de fonte a Tito Livio que escreve: « *Fabium... auctorem habui* » e appellida-o de « *longe antiquissimum auctorem* ».

30. — M. Porcius Cato (234-149), politico notavel e importante, orador distincto, foi tambem um historiador de muito merito. A sua obra, *Origines,* escripta em latim, tratava em 7 livros da fundação de Roma e da das outras cidades da Italia dando conta das lendas, costumes, e tradições, relativos a cada uma dellas. A concepção, que elle formava da história, é muito superior á que até ao seu tempo se fazia; a história é mais que um registo do

(1) *Sat.,* I, 4, 1-3.
(2) *Institutiones Orat.,* l. I, cap. I.
(3) Bibliographia : Para este e mais *Annalistas* romanos vid. Peter, *Historicorum romanorum fragmenta,* Lepzig, 1883.

preço dos trigos, do eclipse do sol e de outras cousas semelhantes, como continham os annaes dos pontifices, dizia elle. Isto mais nos faz sentir, que as suas *Origines* se perdessem. Catão escreveu sobre varios generos (1). Além do livro de história, a eloquencia teve tambem em Catão um lidimo representante. Durante a sua vida politica, com questor, edil, pretor, consul e além disso chefe dum partido, que combatia nos aristocratas hellenizados os inimigos da republica, Catão mostrou-se sempre um orador infatigavel, formando da eloquencia um alto conceito. Para elle o orador é « *vir bonus dicendi peritus* ». Cicero conta, que leu mais de 150 discursos entre os quaes, de caracter político ou judiciário muitos, que elle havia pronunciado em defesa propria.

Livros didascalicos escreveu: *Praecepta ad filium.* Zelosissimo da educação dum filho, que afinal lhe não sobreviveu, Catão exarava nesta obra preceitos de eloquencia, de medicina, de guerra, de agricultura; *Carmen de moribus,* livro de philosophia pratica e *De re rustica*, sobre agricultura, e a unica das suas obras que nos chegou completa podendo dar uma idea do seu estilo conciso, forte e simples (2).

ELOQUENCIA

31. — **A eloquencia neste periodo: seus representantes.** Cedo começou a eloquencia a desenvolver-se entre os Romanos, como não podia deixar de ser, dado o seu

---

(1) Cicero diz no *De orat.*, III, 135: « Nihil in hac civitate temporibus illis sciri discivi potuit quod ille non eum investgaverit et scierit tum etiam conscripserit ».

(2) BIBLIOGRAPHIA: Ed. de Peter, já cit.; Wagener deu os fragmentos das *Origines* na *Dissertation sur M. Porcius Caton,* 1849; Jordan, *M. Catonis praeter librum de re rustica quae existant,* 1860; o livro de agricultura foi editado por H. Keil, *M. Catonis de agricultura liber,* 1884-90. Ha traduções de Saboureux de la Bonneterie, 1771.

desenvolvimento politico e a pratica de discutir e tratar no *Forum* todos os negocios publicos de importancia. Por outro lado os Gregos não deixaram de tornar conhecidos e de propagar os preceitos dos mestres gregos, estabelecendo escolas de eloquencia que, segundo o vocabulo grego, se chamavam escolas de *rhetorica* e aos seus dirigentes, por conseguinte, *rhetoricos*. Dahi nasceram varias escolas havendo partidarios do genero *attico*, do *asiatico* e do *rhodio*.

O *genero attico* seguia a sobriedade dos oradores atticos de 300 A. C., simples e clara.

O *genero asiatico* em voga especialmente na Asia durante o anno 200 A. C. recorria á hyperbole, á tumidez, a todos os recursos e expedientes rhetoricos.

O *genero rhodio* ou *medio*, teve o seu centro em Rodi do anno 300 por deante e conservava o meio termo entre aquelles. Pouquissimos fragmentos chegaram até nós desta vida oratoria. Nomeado Catão, será preciso citar *Sulpicius Galba*, consul em 144, o primeiro a usar dos ornatos rhetoricos; os Gregos — *Tiberius* (163-133) e *Caius Gracchus* (154-121), os primeiros oradores do seu tempo, chefes do partido popular, não obstante a nobreza da sua ascendencia — sua mãi Cornelia era a filha de Scipião o primeiro Africano —; *M. Antonius* (143-87), *L. Licinius Crassus* (140-91) e *O. Hortensius* (114-50) em quem a eloquencia se revela já uma arte complicada e difficil e presagia *os dias de triumpho de Cicero* (1).

---

(1) Bibliographia : Sobre Catão : Jorden, *Catoniana quae extant*, Leipzig, 1880. Do conjuncto : Meyer, *Orat. roman. fragm.*, 2.ª ed., 1842; J. V. Leclerc, Paris (Hachette).

III

Periodo de esplendor

27. — **Condições politicas** (81 A. C. — 14 dep. de C.). O momento mais brilhante da literatura latina corresponde á queda da republica romana e ao estabelecimento do poder imperial. É um periodo em que se comprehende o governo dos oligarcas, a dictadura de Sylla, a guerra dos escravos, as guerras mithridaticas, a conjuração de Catilina, os triumviratos com as guerras civis, periodo em que Roma não teve um momento de tranquilidade e de descanso, até á elevação de Octaviano Augusto ao imperio, em que a um periodo de agitação politica violenta succede um outro de bonançosa e fecunda paz e prosperidade.

28. — **Condições literarias.** A literatura é um reflexo desta situação politica, desta dupla corrente, uma agitada, durante a qual a liberdade degenera em licença e o povo facilmente se deixa seduzir pelos que lhe pregam a illusão das maiores felicidades. A eloquencia chega ao seu maior esplendor, a poesia é pobre, constituindo Lucrecio e Catullo excepções brilhantes. A prosa toma uma feição positiva, pratica, utilitaria. A outra corrente é a da tranquillidade, da paz, da felicidade octaviana. A *horrida tempestas* de que falla Horacio [*Ep.* 13] havia passado e em seu logar reinava a paz. Durante cincoenta annos — que tantos são os do governo de Augusto — podem os escriptores á sombra da protecção imperial e da dos seus dedicados cooperadores Mecenas e Pollião entregar-se dedicadamente ao cultivo das letras. Octaviano tracta affectosamente Vergilio, Horacio, Tito Livio. Mecenas,

seu ministro recebe-os em sua casa, na sua intimidade. A poesia attinge a maior altura, a prosa encontra magnificos cultores. Só a eloquencia, á falta de materia com que se exercite, decae e se converte numa declamação oca e formalista.

É este o *século d'ouro.*

Mas se os maiores poetas do *século de Augusto* são Vergilio e Horácio, antes delles e depois delles vivêram outros escriptores não menos notaveis. Antes, no 1.º seculo A. C., vivêram Lucrecio, Cesar e Cicero, isto é, o poeta mais original, o prosador mais elegante, e o maior orador.

Na edade seguinte temos: Seneca, Lucano, Tacito, Plinio e Juvenal. A morte de Cicero (43, A. C.) devide este periodo, que se póde designar com o seu nome (1).

Temos, pois, em primeiro logar:

SÉCULO DE CICERO

A POESIA

[83-43 A. C.]

29. — T. Lucretius Caro (98?-55?), um dos mais interessantes e curiosos escriptores latinos, hoje mais particularmente estudado pela semelhança das suas doutrinas com a de certos philosophos modernos, é com Cesar o unico grande escriptor nascido dentro dos muros de Roma; os mais vieram de fora: Vergilio, de Mantua, Tito-Livio, de Pádua, etc. Suppõe-se que tivesse viajado pela Grécia, e que ahi recebesse do philósopho Zenão a educação epicurista, que revela no seu poema *De Natura rerum.* Uma tradição antiga dizia, que esta obra fôra escripta nos intervallos da loucura de que o poeta soffria e que este, em seguida a um accesso, se havia suicidado. A verdade

(1) Ch. Seignobos, *Civilisation Ancienne, Ori., Grèce et Rome,* Paris, Masson, 1893, pag. 271.

destes dictos não se confirmou, e nós temos que nos resignar a desconhecer a vida deste philósopho original e forte, que hombreia por vezes com Vergilio.

O *De Natura rerum* está devidido em seis cantos, e desenvolve a doutrina de que os atomos, dispersos pela immensidade do espaço, puderam por combinações diversas, dar origem a todos os seres vivos. Deus é substituido pelo acaso. Estas idéas de aberto atheismo, dirigidas contra uma religião puramente exterior, são expressas numa fórma dialectica, mas nem sempre harmoniosa. E' sobretudo um notavel pintor, preso de grandes arrebatamentos pelos phenomenos da natureza. As passagens mais bellas do poema são: a invocação a Venus, I, 1-44; o sacrificio de Ephigenia em Aulide, I, 84-102; a fecundação da terra pela chuva, I, 251-264; a vaca que busca o vitelo sacrificado pelo sacerdote, II, 355-377; a descripção da peste de Athenas, IV, 1137 e seg. Não se enganava Ovidio, quando lhe preannunciava a immortalidade (*Amor*, 1, 15, 23) (1).

30. — C. Valerius Catullus (87-54 ?), veiu de Verona na Gallia Cisalpina, sua terra natal, para Roma a fim de, á semelhança do que faziam todos os filhos da nobreza, formar na grande capital a sua educação. Alli conheceu Cornelio Nepos, a quem ligado por amizade inalteravel

(1) Bibliographia: Ed. critica de Lachmann, 4.ª ed., Berlim, 1871; *Commentário*, 4.ª ed., 1882; ed. Lemaire, 2 voll., Hachette; ed. Munro, 2 voll. Cambridge, Belt and Daldy. Traducções francesas, entre outras: Crouslé, 1871, Paris (Charpentier); Patin, Paris (Hachette); em verso, André Lefevre, 1876 (Sandoz e Fischbacher); Sully Prudhomme, bellissima tr. do 1.º liv., Paris, (Lemerre); a melhor trad. italiana é de Rapisardi. Em português: *Da natureza das cousas*, trad. em verso por José Duarte Machado Ferraz, Lisboa, 1850, 8.º; *Os seis livros... sobre a natureza das cousas* vertidas em verso solto portuguez por Agostinho de Mendonça Falcão, Coimbra, 1890, 1 vol; *A natureza das cousas*, trad. em verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão, Lisboa, 1841, 2 voll., 8.º

dedicou pouco antes de morrer os seus poemas. A morte dum irmão que perdeu em Troade, de quem era affectuosissimo, deu á sua lyra tons de grande sentimento. Catullo foi o primeiro dos escriptores romanos, que empregou esta poesia subjectiva, que toma para assumpto as penas ou alegrias do proprio poeta. Num estylo gracioso e elegante deixou 116 composições, serie de pequenos trechos em metros diversos sobre assumptos diversos que podem quanto ao argumento devidir-se em : *eroticas*, derigidas a Lesbia, pseudonimo de Clodia, ou a outras mulheres; *Epitalamios*, entre os quaes o bellissimo offerecido a T. Manlio Torquato; *Invectivas* contra os seus inimigos; *Imitações*, em que se contentou de imitar os alexandrinos, por ex., no poema sobre a *cabelleira de Berenice*, cantico de Attis, epithalamio de Thetis e de Peleu; *Elegias* affectuosas, entre as quaes a formosissima escripta por occasião da visita ao tumulo de seu irmão em Troade (1).

A PROSA

31. — **Marcus Tullius Cicero** (106-43) é não só o maior escriptor deste periodo, mas o de toda a literatura romana. Nascido perto de Arpino duma familia distincta, foi para Roma dedicar-se ao estudo das letras e da rhetorica. Aos vinte e sete annos estreou-se nas lides do fôro na célebre causa de Roscio, que um liberto de Sylla accusava de parricidio com o intuito de se lhe apoderar das riquezas. Esta causa, coroada do mais extraordinario resultado, valeu a Cicero uma grande fama. Tendo completado a sua educação em viajens pelo Oriente e pela

(1) Bibliographia : Ed. de Ellis, Londres, Macmillan, 2.ª de 1878; ed. Schwabe, Berlim, 1886; ed. de Müller, Leipzig, 1876; ed. Riese, Leipzig, 1884; B. Schmidt, Leipzig, 1887; ed. Lemaire, Paris, (Hachette); ed. de Baehrens, Leipzig, Teubner. Trad. em prosa : Héguin de Guerle, Paris, (Garnier); em verso, E. Rostand, 1880, Paris (Hachette); trad. italiana de Rapisardi.

Grécia e seguido as lições de declamação do célebre comico Roscio, o grande tribuno foi investido em differentes cargos publicos, nos quaes teve occasião de revelar a energia poderosa e vehemente da sua eloquencia arrebatadora. A causa de Verres sustentada a favor dos Sicilianos, de quem tinha sido governador, e contra o pretor daquelle nome, as defesas de Milão, Ligario e Cluencio, valeram-lhe assignalados triumphos.

A descoberta da conjuração de Catilina mereceu-lhe o titulo de *Pater Patriae* decretado pelo senado. Esta distincção, enchendo-o de vaidade, prejudicou-o. Envolvido nas luctas politicas de Pompeu e Cesar, a sua tibieza succumbiu ao ódio de Antonio, que elle havia excitado com as suas vehementes Philippicas, e foi pelos soldados daquelle degolado no dia 7 de dezembro do anno 43.

Podemos devidir as suas obras em quatro grupos:

1.º — *Discursos forenses e politicos:*

Distinguiremos: o *pro Roscio;* os cinco discursos *Contra Verres,* em que são capitaes o quarto *sobre as estatuas (De signis)* e o quinto *sobre os supplicios (De suppliciis);* as *Fellippicas* que, como Demosthenes contra Felippe de Macedonia, elle escreveu e em parte pronunciou contra Marco Antonio inimigo da patria. São 14, vibrando em todas os dotes dum grande orador, especialmente na segunda; As *Catilinarias* — tinha Catilina combinado com os seus cumplices assaltar em certo dia o senado, matar os senadores e apoderar-se do poder. Cicero conhecendo, pelas revelações d'uma mulher, a conspiração apresentou-se no senado e pronunciou a primeira Catilinaria, a que se seguiram mais tres, desvendando e inutilizando todo o plano dos conspiradores. *Pro Archia,* discurso em favor do Poeta Licinio Archia, de Antiochia, importantissimo pelo elogio da poesia e, em geral, dos estudos literarios; *Pro Caelio,* onde ha um soberbo quadro dos costumes romanos; *Pro Sestio,* notavel pela enumeração dos partidos

politicos existentes em Roma. *Pro Milone,* em que o orador, inimigo acerrimo de Clodio, de bom grado assumiu a defesa de Milão, assassino d'elle. Não chegou, porém, a pronunciá-la, mas refundiu-a e melhorou-a, sendo considerada uma das melhores de Cicero.

2.º — *Tratados de Rhetorica;*

Foram quasi todos escriptos no intervallo das luctas politicas. Os mais importantes são: *Brutus seu de claris oratoribus,* dialogo em que são interlocutores Cicero, M. Bruto e Attico; expõe, depois dalgumas ideas sobre as origens da eloquencia grega, a historia da eloquencia em Roma desde os principios até Hortensio; *Orator ad M. Brutum,* onde descreve o ideal do perfeito orador; *Partitiones oratoriae seu de partione oratoria,* dialogo sobre preceitos de rhetorica entre Cicero e o filho; *Topica ad C. Trebatium,* uma exposição da topica ou teoria das provas de Aristoteles; *De optimo genere oratorum,* prefacio á tradução latina das orações de Demosthenes e Eschines.

3.º — *Epistolographia:*

Temos de Cicero 864 cartas que são a parte da sua obra que talvez mais nos interessa e que se repartem assim: *Ad familiares,* 16 livros, escriptas de 62 a 43, descobertas por Petrarca, ordenadas segundo as pessoas a quem foram dirigidas e comprehende ainda cartas de outros dirigidas a Cicero. *Ad Atticum,* 16 livros, de 68 a 43; *Ad Quintum fratrem,* 3 livros, com a carta de Quinto a Cicero, quando Cicero aspirava ao consulado; *ad Brutum,* dous livros, cuja authenticidade foi contestada.

4.º — *Philosophicas:*

Tambem estas obras foram escriptas quando Cicero se achava afastado das luctas politicas. Teem antes um caracter politico-social as seguintes: *De republica,* seis livros, o ultimo dos quaes já existia com o titulo *Somnium*

Sicipionis, em forma dialogada entre Scipião Africano Menor e os seus amigos, sobre as doutrinas politicas de Aristoteles e de Platão modificadas segundo o caracter dos romanos. Ha só um fragmento desta num palimpsesto vaticano; *De legibus,* 6 livros, tambem em forma dialogada entre Cicero, seu irmão Quinto e T. Pomponio, de que ha um fragmento com cerca de um terço.

Propriamente philosophicas, discutindo e expondo systemas e doutrinas são: *Hortensius,* exhortação ao estudo da philosophia, de que só restam fragmentos; *De finibus bonorum et malorum*, em 5 livros, consta de tres dialogos: no 1.º (liv. 1.º-2.º) expõe-se e combate-se a doutrina de Epicuro; no 2.º (liv. 3.º-4.º) a dos estoicos e no 3.º (liv. 5.º) são expostas as doutrinas dos Academicos e dos Peripateticos; *Tusculanae disputationes,* em 5 livros, dialogos sobre o despreso da morte, a resignação e mais cousas necessarias á felicidade; *Timaeus,* tradução, mutilada, do dialogo platonico do mesmo nome, sobre a origem e conservação do mundo; *De natura deorum*, dialogo em tres livros, expondo a doutrina sobre o mesmo objecto das escolas epicurista, estoica e academica; *Cato maior seu de senectute,* dialogo entre Catão o velho, Lelio e Scipião Africano Menor sobre a dignidade da velhice; *De divinatione,* em dous livros, desenvolve a arte de interpretar a vontade dos deuses; *De fato,* sobre a doutrina estoica do destino; *Laelius seu de amicitia*, sobre a amizades e deveres connexos; *De gloria,* em dous livros, perdido mas lido ainda por Petrarca; *De officiis,* em tres livros, dirigido ao filho, baseada nos principios do estoicismo e illustrada com bellissimos exemplos tirados da historia romana.

Em todos os generos que tractou Cicero é grande, mas é sobretudo grande como orador. Foi na tribuna que alcançou os seus maiores triumphos, della lhe provieram os maiores dissabores. Viveu para ella, e por ella morreu, e os seus assassinos assim o comprehendêram decepando-

lhe a cabeça, e as mãos, e indo expô-las, como suprema ignominia, nessa tribuna que não ouvira até alli nem tornaria a ouvir jamais uma voz tam apaixonada e tam convincente como a delle (1).

HISTORIA

32. — **Caracter da historia neste periodo. Dous escriptores notaveis podem ser apontados** — *Cesar* e *Sallustio*. Nós vimos atrás como Catão arrancou a historia do mero registo de datas e de nomes que era até ao seu tempo. A insipidez dos *Annaes* dos Pontifices foi substituida por um tal ou qual interesse narrativo, que é agora perfeitamente comprehendido e executado. Nomeemos simplesmente: *Cornelio Nepos* (94?-31?), historiador claro, simples, monotono por vezes, auctor da *Chronica*, resumo de chronologia universal, e do *De viris illustribus*

---

(1) Bibliographia: Ed. Orelli, Balter e C. Alm., 8 vols., Zurich, 1845-62, contendo os commentarios; 3 outros o *Monasticum Tullianum*, com copiosos e utillissimos indices; J. V. Leclerc, Paris (Hachette). Eds. classicas dos principaes discursos e das obras de philosophia e rhetorica por Lemaire (1827), Panckoucke (1830-37); Nisard (1840-41); Heine (1871). Traduções numerosas de Gaillard, Paris (Delagrave); Carré, Paris, Delalain, e por Thomás, Cucheval, Quicherat Aubert, etc., etc. Sobre o afamado poligrapho lêr, entre outras, Boissier *Cicéron et ses amis*, ob. classica; Pellison, *Cicéron*, 1 vol.; A. F. Gautier, *Cicéron et son siècle*; Teuffel, *Hist. de la litt. latine*; R. Pichon, *Hist. de la litt. latine*, etc. Trad. portug.: Os tres livros de Cicero sobre as obrigações civis, trad. em lingua portugueza. Lisboa, 1766, 1 vol.; outra eds., ibidem, 1784, 1825.

Orações principaes, trad. na lingua vulgar e addicionadas com notas e analyses pelo P. Antonio Joaquim. Lisboa, 1779, 1 vol., 8.º.

Tratado de amisade, paradoxos e sonho de Scipião trad. por Duarte Resende do anno de 1531. Lisboa, 1790, 1 vol., 8.º

O velho Catão ou dialogo sobre a velhice, trad. de Marçal José de Resende. Lisboa, 1765, 1 vol., 8.º

Livro de Marco Tulio Ciceram chamado Catão Maior ou da Velhice, trad. por Damião de Goes, Lisboa, 1845, 1 vol., 8.º

talvez em 16 livros, mas de que resta tam sómente o intitulado *De excellentibus ducibus exterarum gentium,* onde se occupa de 19 capitães gregos (livs. 1.º-3.º e 15.º-20), dos reis em geral (21.º), e da vida dos capitães barbaros, Datames, Amilcar e Annibal (livs. 14.º, 22.º e 23.º) (1). Outro escriptor, e este poligrapho fecundissimo é *M. Terentius Varro* (116-27) de quem só resta: *De lingua latina* os livros 5.º ao 10.º de 25 que continha; o *Rerum rusticarum* em tres livros: 1.º *de agricultura;* 2.º *de pecuaria;* e o 3.º *de villaticis pastionibus;* e as *Sententiae Varronis* em numero de cento e sessenta. Passava pelo homem mais sabio do seu tempo tendo escripto 74 obras em 720 livros. Vergilio parece ter aproveitado d'elle alguns elementos para as *Georgicas* e para a *Eneida* (2).

33. — C. Julius Caesar, (100-44). Pertencia á familia Julia, a qual se dizia descendente de Eneas e portanto de Venus, este historiador, que desempenhou tambem nas luctas politicas um papel importante. Foi elle, com effeito, questor, edil, pretor, consul em 59, e de 58 a 50 proconsul na Gallia.

Victima d'uma conspiração aristocratica morreu assassinado no anno 44 em pleno Senado. Trabalhando com intentos apenas de reunir materiaes, que outros aproveitassem, o que d'elle temos — são verdadeiras memorias — é sufficiente para o collocar ao lado daquelles que melhor manejaram a lingua do Lácio. Os seus *Commentarii de bello Gallico* comprehendem sete livros (3) e narram a conquista da Gállia de que elle prorio foi, como dissemos,

---

(1) Bibliographia: Ed. de G. Cortese, Turim, 1884 (Loescher); Rinn, Paris (Delalain); A. Pommier, Paris (Garnier).

(2) Bibliographia: Eds. de Spenger, Leipzig, 1885; Keil, Leipzig, 1882; Brunetti, Framm. min. de M. T. Varr., Venesa, 1874. Trad. de Sabeureux de la Bonneterie, 1771-1775.

(3) Um livro 8.º junto a estes *Commentarios* não é de Cesar, mas de Irzio, seu logar-tenente, que com elle esteve nas Gallias.

pro-consul. Ha neste livro preciosas indicações de prehistoria no liv. 4.º que trata dos *Suevos*, no 5.º dos *Britonios*, e no 6.º dos *Gallos* e dos *Germanos*; os *Commentarii de bello civili*, em tres livros narram as vicissitudes da guerra civil entre Cesar e Pompeu. Consideram-se inferiores aos anteriores. Cicero (1) teceu grandes elogios a estas obras dizendo: « nada conheço que possua mais encantos realçados por uma brevidade tam correcta como luminosa » (2).

34. — C. Sallústius Crispus (87-35) de Amiterno, na Sabina, politico corrupto e sem escrupulos, defensor do partido popular e por isso de Cesar, que lhe valeu sempre que pôde, offerece o mais frisante contraste entre a sua vida particular e a sua maneira de escrever os factos. Expulso do senado por seus maus costumes, accusado de concussionario nas funcções de governador da Numidia, vivendo em Roma como um principe em palacios edificados á custa dos roubos de que todos o accusavam, Sallústio é um critico severo contra a immoralidade, a avareza e o despotismo dos patricios; nos seus trabalhos revela-se toda a indignação duma consciencia maguada, o espirito dum grande homem offendido pela libertinagem do século em que viveu. Deixou-nos: *De conjuratione Catilinae* sobre a famosa conjuração, que ameaçava a tranquillidade e segurança da republica, e onde magistralmente são desenhadas as figuras de Cesar e de Catão; *Bellum Iugurthinum* ou seja a historia da guerra que de 111 a 106 o povo romano sustentou contra Iugurtha, filho adoptivo do rei da Numídia, usurpador do throno. Nesta narração é notavel a figura de Mario — o *terror cimbricus*; as *Historiae* sobre os acontecimentos romanos

---

(1) BIBLIOGRAPHIA: Ed. de Ramorino, Turim, (Loescher); eds. de Kubler, 1893; etc. As trad. francesas: Artaud, rev. por F. Lemaistre, Paris, (Garnier); Ch. Louandre, 1857, Paris (Charpentier); Sommer, Paris (Hachette).

(2) *Brutus*, cap. LXXV.

perderam-se. Os dois primeiros trabalhos, que possuimos, são notaveis pelo vigor e colorido das descripções e pela penetração critica. O estylo distingue-se pela concisão e dramatica vivacidade. Seguiu especialmente a maneira de Thucidides, sendo por sua vez nisto imitado pelos escriptores da decadencia. Quintiliano diz: « *Nec opponere Thucididi Sallustium verear* », e Marcial chama-o « *primus romana in historia* » (1).

SECULO DE AUGUSTO

(43 A. C. — 14 D. C.)

35. — P. Vergilius Maro (70-19). É o maior poeta da côrte de Augusto e da literatura latina. Nasceu na aldeia de Andes, contigua a Mántua [que se chamou Pietole até ao anno de 1884 e actualmente se chama *Vergilio*], a 15 de outubro do anno 70. Cêdo, com o fim de se educar, saiu do acanhado meio em que nasceu. Esteve primeiro até aos 15 annos em Cremona e depois em Milão e em Nápoles, a cidade predilecta onde quis que descansassem os seus ossos, e por fim em Roma. Em todos estes logares, a medicina, a mathematica, a philosophia e a poesia occuparam o seu espirito insaciavel.

No anno 41 a victoria de Felippes entregou a Italia nas mãos dos veteranos. Octaviano fez distribuir por elles os terrenos entre Cremona e Mántua vendo-se assim Vergilio espoliado da herança paterna, como aconteceu tambem a

(1) Bibliographia: Ed. critica de Jordan, Berol, 1887; de Boissier na collecção Hachette; Constans, 1882, etc. Ed. e notas de Ramorino, Turim, Loescher, 1885. Trad. francesas: Moncourt, Paris (Delagrave); Croiset, Paris (Hachette); Pessonneaux, Paris (Charpentier).

Trad. portug.: *Sallústio em portuguez,* por J. V. Barreto Feyo, Paris, 1825, 1 vol., 8.º

Historia da Conjuração de Catilina e da guerra de Jugurtha, trad. sobre a ed. de Gottlieb Curtius, por Miguel de Bourdiec, Lisboa, 1820, 1 vol., 8.º

Propércio e a Tibullo. Salvou-o a amizade de Asinio Pollião, governador da Gallia Cisalpina, e no anno seguinte a de Alfeno Varo, quando de novo se repetiu a mesma ameaça.

Tranquilizado pela paz de Brindes, poude entregar-se aos seus cuidados literarios. Na intimidade de Augusto, de Mecenas e de todos os literatos do seu tempo vivia ora em Roma, ora em Napoles, onde tinha uma *villa*. A gloria rodeava-o. Um dia no theatro, ao recitar-se uns versos seus, foi-lhe feita uma manifestação estrondosa, pondo-se todos os ouvintes de pé, como se entrasse o Imperador. Octaviano, Mecenas e os maiores engenhos d'então disputavam a sua amizade.

No anno 19 decidiu-se a fazer uma viajem á Grecia e Asia, para melhor estudar os logares, que descrevia na *Eneida*, para instruir-se com a conversação dos literatos gregos e poder assim elevar á perfeição, com que sonhava, a obra que elle mais estimava. Encontrando-se junto a Athenas com Octaviano, que regressava da sua viajem do Oriente, induziu-o elle a voltar á Italia, mas na viajem adoeceu, vindo a morrer poucos dias depois de chegar a Brindisi (21 de setembro de 19). Foi transportado a Posilipo, onde teve sepultura com o seguinte epitaphio, que erroneamente se lhe attribuiu:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope, cecini pascua, rura, duces.

Obras:

1.º *Bucolica* que comprehendem dez *éclogas* imitadas e traduzidas de Theócrito, mas com varias allusões a pessoas e factos contemporaneos.

Embora Vergilio não esquecesse os logares onde nasceu, ha alguma coisa de artificial nas suas *Bucolicas*. Feitas a pedido de Pollião, não teem o cunho vivo e original das de Theócrito. Os seus pastores não são verdadeiramente pastores; Tytiro e Melibeu, por exemplo, não podiam ter

a linguagem, que o auctor lhes faz fallar. É que em verdade os nomes das personagens que fallam e se agitam nos idyllios vergilianos representam o auctor (Tytiro) ou os seus amigos (Cesar, que seria Daphnis). Todavia ha nas *Bucolicas* muitas descripções incomparaveis de graça e de belleza. Entre as eglogas assignalemos a 4.ª por causa das varias interpretações a que deu origem. Vergilio para retribuir o affecto e a gratidão, que o prendiam a Pollião celebrou em linguagem prophetica o nascimento dum filho. Deu isso occasião a que muitos eruditos posteriores acreditassem ou fizessem acreditar que o poeta alludia á vinda do Messias.

2.º *Georgica* — poema didascalico em 4 livros, em que o poeta trabalhou durante sete annos; o 1.º trata de agricultura; o 2.º de arboricultura; o 3.º da creação do gado e o 4.º de apicultura. Foram escriptos a pedido de Mecenas, que pensava assim inspirar aos veteranos, agora agricultores, o amor das novas condições em que se encontravam. As *Georgicas* foram julgadas como a obra mais perfeita de Vergilio. O completo conhecimento dos assumptos, que versa, as descripções e os episodios que expõe, os sentimentos que traduz, a fórma irreprehensivel e soberba de harmonia, são qualidades que os criticos nunca cessaram de elogiar. São cheios de sentimento o elogio á Italia no liv. 2.º, a descripção da primavera no 3.º, a vida rustica e o episodio de Aristeo no 4.º.

3.º *Aeneis* — é um poema epico em 12 cantos sobre o estabelecimento no Lácio e a orijem de Roma pelos troianos commandados por Eneas. Nos seis primeiros cantos o poeta expõe a queda de Troia, a morte de Priamo e a fuga de Eneas, que leva comsigo os seus deuses penates para transportar, segundo o destino, para uma outra terra, em que Troia renascerá mais brilhante e mais bella. Perseguido por Juno, mas protegido por Venus,

percorre diversos pontos, entre outros, a Africa, onde o acolhe Dido, rainha de Carthago, que elle abandona para seguir o seu destino. Pelos conselhos da sibylla de Cumas desce aos infernos e acha nos Campos-Elysios seu pai Anchises que lhe faz passar deante dos olhos todos os homens grandes da nação romana, que elle deve fundar [Canto VI, o mais bello do poema]. Enfim, chega á embocadura do Tibre. Os seis ultimos cantos são consagrados ás luctas que os Troianos são obrigados a sustentar para obter o territorio e fundar uma cidade. Eneas vae esposar Lavinia, filha do rei Latino, mas o chefe dos Rutulos, Turno, a quem ella fôra promettida, quer raptá-la. Os Troianos, alcançam a alliança do velho rei Evandro, que reina no logar onde se erguerá Roma; Eneas recebe de Venus um escudo, onde se encontram figurados os grandes feitos da historia romana e por ultimo cabe a victoria aos Troianos após a morte de Rutulo, dada por Eneas em combate singular. Os livros mais bellos do poema e que, parece, precisamente pela sua belleza, foram lidos a Augusto, são o 2.º, o 4.º e o 6.º (1).

Muitas semelhanças, narrações, imagens, e nalgumas partes a propria fórma, fazem lembrar os poemas de Homero. Ha tambem na *Eneida* muitas lacunas, pequenas contradicções, versos incompletos (cêrca de 60). Por tudo isto quis Vergilio que ella fosse queimada, mas Augusto não permittiu que se cumprisse a vontade do poeta, e por isso, diz um escriptor, merece a nossa gratidão salvando das chammas uma obra, que pertencia a Roma ou antes ao genero humano.

---

(1) Pertencem a este canto VI, versos 860-886, as referencias a Marcello, sobrinho de Augusto, que o adoptou, lhe deu em casamento sua filha Julia e o designou para seu successor, morto aos 18 annos aos 32 A. C. Dizia-se que a irmã do Imperador, Octavia, caíra inanimada ouvindo ler os versos tam patheticos consagrados á morte de seu filho.

Pode dizer-se que Vergilio exerceu uma especie de fascinação desde o seu tempo até aos nossos modernos. Na Edade-media julgaram-no ora um feiticeiro, capaz de predizer o futuro; ora um santo, que havia annunciado a vinda do Messias. Dante tomou-o como mestre e guia na viagem através o Inferno e o Purgatorio, como symbolo da sabedoria humana; Petrarcha, Camões, Tasso, Sannazzaro nutriam por elle a mais alta admiração (1).

(1) Bibliographia: Entre muitissimas Ed.: Forbiger, 3 voll., Leipzig, Heinrich, 1873; Benoist, 3 voll., Hachette; Heyne e Wagner, 4 voll., Leipzig, Hahn; Ladewig, 2 voll., Berlim, Weidmann; Ribbeck, 2 voll., Leipzig, Teubner; Conington, 3 voll., London, Whittaker. Traducções francesas: em verso, Delille; em prosa, Poyard, Paris (Delagrave); Pessonneaux, Paris (Charpentier); Cabaret-Dupaty, Paris (Hachette); Waltz, *Pages choisies,* Paris (A. Colin). Traducções em português: *Monumento à elevação da Colonia do Brazil a Reino, e ao estabelecimento do triplice Imperio Luso. As obras de Publio Virgilio Maro tradusidas em verso portuguez e annotadas,* Antonio José de Lima Leitão, Rio de Janeiro, 1818, 8.°, 3 voll.; *Eneidas de V., em verso livre,* trad. do idioma latino no nosso vulgar por Luiz Ferrás de Novaes, Lisboa, 1790, 1 vol.; *A Eneida de Publio Vergilio Maro,* trad. do original em verso endecasyllabo por João Felix Pereira, Lisboa, 1876, 8.°; A. F. de Castilho, *As Georgicas de Vergilio,* trad. em portuguez, Paris, 1867, 4.°; *Eneida brazileira ou trad. poetica da epopea de Publio Vergilio Maro* por Manuel Odorico Mendes, da cidade do Maranhão, Paris, 1854, 8.°; *Eneida de Virgilio Maro,* trad. por José Victorino Barreto Feio, Lisboa, 1846, 4.°, 3 vols.; *Eneida portugueza* por João Franco Barreto. Com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum, Lisboa, 1664-70, 12.°, 2 vols.; *Eneida,* trad. em verso por João Franco Barreto. Com os argumentos de Cosme Ferreira Brum, e com o Diccionario dos nomes proprios e Fabulas, para melhor intelligencia do Poeta, Lisboa, 1763, 8.°, 2 vols; *Eneida de Vergilio,* trad. por João Franco Barreto, id., id., id., Lisboa, 1763, 8.°, 2 vols., *As Georgicas,* traslad. por Antonio Feliciano de Castilho, Paris, 1867, 8.° gr.; *As Georgicas,* trad. do original em verso endecassyllabo, com annotações exclusivamente agronomicas e zootechnicas por João Felix Pereira, Lisboa, 1875, 4.°; *Trad. das Bucolicas, dialogo pastoril,* por João Nunes de Andrade, Rio de Janeiro, 1846, 1 vol. 8.°; *As Eclogas e as Georgicas,* primeira parte das suas obras, trad. por Leonel da Costa Lusitano, Lisboa, 1624. Outra ed., ibid., 1761, 1 vol. 8.°;

36. — Horácius Flaccus (65-8 A. C.), de Venusa, na Apúlia, apesar de ser de condição humilde, recebeu esmerada educação em Roma que completou, como todos os cidadãos de esmerada cultura, em Athenas. Nesta mesma cidade encontrou no anno immediato e conheceu Bruto, que o nomeou tribuno militar sendo chefe duma legião na batalha de Felippes, no anno 42, tendo de fugir para se salvar (1).

Voltando a Roma, e encontrando-se sem bens, começou a escrever versos satyricos. Vergilio e Varo apresentaram-no a Mecenas e d'então por deante Horacio alcançou os meios sufficientes para passar uma vida sossegada e independente na terra das Sabinas (2) em Tibur, numa propriedade que o seu protector e intimo amigo Mecenas lhe dera. Pôde desde então entregar-se inteiramente ao cultivo das boas letras, escrevendo as suas *Odes* e *Epistolas*, vindo a morrer algumas semanas somente depois se Mecenas, o seu *praesidium et dulce decus*, como elle lhe chamava. As suas obras, segundo a ordem por que appareceram são:

1.° *Saturae*. As *Sátyras*, em dois livros, o primeiro com 10, de assumptos moraes, civis, literarios, o segundo com 8, de indole philosophica. Horácio preoccupa-se

---

Eclogas, trad. em verso rimado com as notas, explicação da fabula, e de alguns logares escuros por José Pedro Soares, Lisboa, 1800, 1 vol., 8.°; *Trad. livre ou imitação das Georgicas*, em verso solto, por José Osorio de Pina Leitão, Lisboa, 1794, 1 vol., 8.°; *As Georgicas*, novamente vertidas do original latino em verso portuguez. Seguindo-se o mais possivel a letra do texto por Francisco Freire de Carvalho, Lisboa, 1849, 8.°

(1) *Odes*, II, VII, versos 9-10.

(2) Hoje a éste de Tivoli, arredores de Vicovaro (antigamente Vicus Varia), aldeia banhada pelo regato *Licenza*, a *Digentia* de Horacio. A montanha de Lucretila, que assombreava a sua casa, é hoje *Cargnaleto*; cfr. *Rev. des Deux-Mondes*, 15-juin-1883, art. de M. Boissier.

mais em desenhar caracteres do que em retratar individuos. Não faz allusões pessoaes irritantes. Castiga, mas sem as violencias de Lucilio, a quem imitou, como elle mesmo confessa (*Sat.* II, I, 34), numa linguagem familiar e com serena desinvoltura.

2.° *Iambi.* Assim chamou Horácio dezasete poesias que commummente se chamam *Epodon Liber.* Os *Épodos,* assim denominados da qualidade do verso empregado (1), contêem virulentas invectivas contra pessoas determinadas, num estilo cinico e expressões por vezes torpes. Imitou Archiloco nestes poemas jambicos.

3.° *Carmina.* As *Odes,* em 4 livros, sendo o último o *Carmen saeculare,* composto a pedido de Augusto, para ser cantado por córos de mancebos e donzellas nos jogos *Apollinares* celebrados no décimo anno do seu reinado. São ao todo 104: no 1.° livro 38; no 2.° 20; no 3.° 30; no 4.° 15, além do canto secular já mencionado.

Algumas das odes são imitações de Alceu e Sapho, mas a maioria mostra uma vigorosa originalidade. Os assumptos sociaes e religiosos como o amor da patria, a moderação nos desejos, a coragem, o desinteresse; os negocios politicos e officiaes como a victória de Áccio, a tomada de Alexandria, as guerras com diversos povos, as festas e as leis; as confidencias feitas aos seus amigos e antigos companheiros como Pompeu, Númida, Sestio, Vergilio e Tibullo, tudo isto dá ensejo a que Horácio desenhe quadros de belleza e harmonia.

4.° *Epistulae,* em 2 livros, o 1.° com vinte, e o 2.° com tres sendo a ultima do 2.° livro a célebre epistola *aos*

(1) E' um termo de versificação. Épodo é o verso mais curto, que se juncta a outro mais longo. Designou uma parte do dístico, depois o dístico inteiro e por fim as obras nessa medida escriptas.

Pisões, pelos grammaticos posteriores designada com o nome de *Arte Poética*. Apesar das semelhanças com as sátyras, estes poemas guardam frisantes differenças. Dirigidas a pessôas determinadas revelam dalgum modo o caracter dessas pessôas: só accidentalmente pódem ser satyricas. A perfeição da fórma é tambem superior nas epistolas (1).

---

(1) Bibliographia: Ed. das *Obras completas* na collecção Panckoucke, precedidas dum estudo de Rigaul; *Oeuvres d'Horace*, ed. class. por A. Waltz, Paris, 1888, 2.ª ed.; Horatius, *Opera*, ed. Orelli-Balter-Newes, Berlim, 1892, 2 voll. com notas em latim; ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. M. Müller, Leipzig, Teubner; ed. class. de Sommer, Hachette; Cartellier, Delagrave; Dubertin, Berlim. Trad. francesas: em prosa, J. Janin, 1860, Paris, (Hachette); Patin, 1859, Paris (Charpentier); Talbot, Paris (Delagrave); Leconte de Lisle, Paris (Lemerre). Em verso, Daru, 1804; das *Odes*, L. Halevy, 1824, J. Lacroix, 1848; Anquetil, 1850. Em portuguès: *Arte Poetica de Q. Horacio Flacco*, por Candido Luzitano, Lisboa, 1758, 1 vol.; *A Epistola 1.ª do livro 2.º de Q. Horacio Flacco a Augusto*, com a interpretação em verso portuguès, por Thomaz José de Aquino. Accresce a poetica do mesmo Horacio restituida á sua ordem, 1 vol., 4.º; *Odes do poeta latino Q. Horacio Flacco*, trad. literalmente na lingua portuguesa por José Antonio da Matta, Lisboa, 1783, 2 voll.; *Trad. portuguesa da ode 4.ª do livro 4.º de Q. Horacio Flacco, principe dos poetas lyricos latinos*, por Paulo Germano, Lisboa, 1761, 1 vol., 4.º; *Arte poetica ou epistola aos Pisões*, vertida ornada no idioma vulgar com illustrações e notas por Joaquim José da Costa e Sá, Lisboa, 1794, 8.º; *Arte poetica*, trad. e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes e com um commentario critico sobre os preceitos e lições varias e intelligencias dos logares difficultosos por Pedro José da Fonseca, Lisboa, 1790, 4.º; Obras trad. em portuguès por José Agostinho de Macedo, Lisboa, 1806, 2 voll., 8.º; *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco*, trad. e annotadas por Antonio Luiz de Seabra, Porto, 1846, 2 voll.; *Odes de Q. Horacio Flacco*, trad. em verso na lingua portuguesa por José Augusto Cabral de Mello, Angra do Heroismo, 8.º, gr.; *Poetica*, Londres, 1812, 1 vol., 4.º; *Poetica*, trad. e explicada methodicamente por Jeronymo Soares Barbosa, Coimbra, 1791. Outra ed., Lisboa, 1815, 1 vol., 4.º; *Paraphrase da epistola aos pisões commummente denominada arte poetica com annotações sobre muitos logares*, por D. Gastão Fausto da

37. — Albius Tibullus, (54-19 A. C.) de perto de Tibur, por conseguinte vezinho de Horacio, de quem foi amigo, e que lhe consagrou a ode 33.° do livro 1.° e uma affectuosissima carta (I, 4), era originario de familia equestre. Os seus bens, tendo entrado na partilha dos soldados de Augusto, fôram-lhe restituidos a pedido de Messala Corvino, romano opulento, tambem poeta, a quem seguiu á Aquitania e depois ao Oriente, voltando doente e fallecendo em 19 antes de Chr. com 35 annos. Dedicou-se ao genero elegiaco, em que foi eximio, — *tersus atque elegans maxime,* diz Quintilliano (x, 1, 93). Uma emoção sincera e intima, uma melancolia suave, terna, inquieta e sentida, são qualidades que elle soube traduzir nas suas composições escriptas em estylo elegante e correcto.

Correm com o nome de Tibullo *Quatro livros de Elegias,* cantando os seus amores com Delia, Nemesis, Glycera...; d'elles os dous primeiros são duma factura exquisita e apuradissima; o 3.°, sem alma e sem arte celebra os amores com Nera e é já considerado espurio, como o é tambem o 4.°, publicação posthuma, desordenada, em louvor de Valerio Messala (1).

38. — Sextus Propércius (49-15 A. C.) é um cultor do mesmo genero, mais erudito que Tibullo, mas menos sincero e sentido. Nascido na Umbria, talvez em Spello, tambem elle soffreu a confiscação dos seus bens.

Camara Coutinho, Lisboa, 1753, 1 vol., 8.°; *Arte poetica,* trad. por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, 1772, 1 vol., 8.°; *Obras de Horacio. principe dos poetas latinos lyricos,* com o entendimento litteral e construcção portuguesa, ornadas de um index copioso de historias e fabulas conteúdas nellas, etc., Lisboa, 1781, 4.°

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, Hachette; ed. L. Müller, Leipzig, Teubner: trad. francesa de Valatour, 1836; em verso Ph. Martinon, 1895, Paris (Thorin).

Foi amigo de Ovidio, e gozou da protecção de Mecenas e de Augusto se bem que não entrasse na sua intimidade. A sua lyra, que cantou sobretudo a emotividade do seu coração amoroso, toma por vezes acentos epicos. Amou primeiramente a Lycinna, depois a Cynthia, molher de indole affim á Lesbia de Catullo e á Delia de Tibullo. Elle proprio se esqueceu de que, querendo ser o Callimaco latino, não tinha fôrças para hombrear com Vergilio. As suas elegias estão devididas em *4 livros,* que segundo a critica moderna melhor se contariam 5 pois que o livro 2.º se deveria sub-devidir em dous. Parece que o 1.º destes livros foi publicado em 29 antes de Chr. sendo o que estabeleceu a fama do poeta e lhe mereceu o appoio e protecção de Mecenas (1).

39. — P. Ovidius Naso (43-17 depois de Chr.), de Sulmona (2) educado em Athenas e Roma, foi durante vinte e cinco annos o poeta mais feliz da côrte de Augusto, tendo vivido na amizade de Propercio, Vergilio, Horacio e, sobretudo, de Tibullo. Abandonando a carreira politica de todo se entregou á poesia cantando, sob o pseudonymo de Corina, o amor facil e galante e as aventuras alegres, interrompidas por dous matrimonios seguidos de divorcio, sempre preso d'uma tal Fabia, que lhe permaneceu affeiçoada toda a vida. Um dia a colera do imperador infligiu-lhe o duro castigo do abandono de Roma, theatro das suas glorias e das suas aventuras, pela vida do exilio em Tomi *(Köstendje),* nas extremidades do imperio, junto ao Mar Negro. Nunca se soube verdadeiramente a causa deste desagrado, que o poeta

---

(1) Bibliographia : Ed. de Baehrens, Leipzig, 1880; ed. Lemaire, Hachette; L. Müller, Leipzig, Teubner. Trad. francesa de Saint-Amant, 1819; italiana de Giacinto Casella, 1896, Firenze.

(2) Pequena cidade dos Pelignianos, hoje *Abruzzo,* a 133 kilóm. de Roma.

cifra em dous — *carmen et error* (*Trist.* II, 207). Outra allusão se encontra nos *Tristes* (III, 50)

Peccatumque oculos est habuisse meum

insinuando assim ter, por qualquer indiscreção, observado alguma scena menos decorosa na côrte. Fosse o que fosse o certo é que nem as supplicas do poeta, nem as dos amigos demoveram Augusto do proposito de o conservar arredado da capital. O *Homem Celeste,* como elle appellidava Augusto, que se propusera a refórma dos costumes, ficou inflexivel até ao fim. Talvez o advento de Tibério ao throno lhe desse esperanças de voltar á cidade, que, das sete collinas, olhava a seus pés para o universo submettido, mas a morte cerce lhas cortou aos cincoenta e nove annos de edade. Podemos devidir as suas obras em dous grupos: 1.º as compostas antes do exilio, a que se ajuntam ainda aquellas que sam serias, mas não tristes, nem melancolicas; e 2.º as compostas durante o exilio, humillissimas, cheias de pedidos e da mais baixa adulação.

1.º — *Antes do exilio*:

Amores. — Eram a principio 5 livros, mas o poeta numa segunda edição reduziu-os a tres. São elegias amorosas cantando por vezes sob forma lasciva, os seus amores por Corina; *Heroides ou Epistolae,* são 21 cartas em metro elegiaco, 14 das quaes se imaginam escriptas pelas mais celebres heroinas da fabula aos seus respectivos maridos ou amantes; a 15.ª é escripta por Sapho a Faon, e as restantes são tres missivas de homens, com as respostas das molheres amadas; *Ars amatoria,* tres livros ensinando successivamente aos jovens a arte de conquistar (1.º), conservar (2.º) o amor das donzellas, e de se eximirem ás seducções não sinceras (3.º); *Remedia amoris,* poemeto em que se ensina a curar o mal de amor; *Medicamenta faciei,* tratado, de que restam somente cem versos ensinando o processo de adquirir a belleza; *Metamorphoseon*

lib. XV sobre as transformações mythicas acontecidas na natureza desde o Chaos á transformação de Julio Cesar em astro. O poeta não chegou a limar esta obra por causa do decreto do exilio e por isso lançou ás chammas o manuscripto, mas a obra existe porque alguns amigos antes tinham feito tirar cópias; ***Fasti,*** 6 livros, trabalho modelado sobre o calendario romano, ficou em metade, no mes de junho, descrevendo as origens das festas religiosas dos romanos com abundantes e preciosas noticias archeologicas.

2.° — ***Durante o exilio:***

Tristia. — 5 livros de elegias, sem destino bem especificado; ***Ex Ponto,*** 4 livros de cartas aos amigos e aos parentes pedindo-lhes que instem junto do Imperador pela sua libertação. As ***Ponticas*** são, no meio de vivissimas descripções da vida do exilio e das dores do poeta por não poder voltar á patria, uma serie de lamentações e de queixas; ***Ibis,*** invectiva contra um seu detrator e inimigo; ***Halieutica,*** fragmento d'um poema didascalico sobre a pesca (1).

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 10 voll., Hachette; ed. Amar, 8 voll. em 10 t., Hachette; ed. Riese, 3 voll., Lepzig, Tauchnitz; ed. Zingerle, Praga, 1884; ed. Magnus, Gotha, 1885. Trad. fr. Cabaret-Dupaty, Paris (Garnier); F. de Parnajon, *Choix de Métamorphoses*, Paris (Hachette). Em italiano das *Metam*, trad. em oitavas por Goracci, Firenze, 1894. Trad. port.: De A. F. de Castilho: *As metamorphoses de P. Ovidio;* poema em quinze livros, vertido em português, Lisboa, 1841, 8.°; *Os amores de P. Ovidio Nasão,* Paraphrase, Rio de Janeiro, 1858, 8.°, 2 voll.; *Fastos de Publio Ovidio Nasão, com a trad. em verso português,* Lisboa, 1862, 8.° gr., 6 voll.; *Arte de amar de Publio Ovidio Nasão, trad. em numero igual de versos, endereçados exclusivamente aos homens feitos e estudiosos das letras classicas,* Rio de Janeiro, 1862, 8.°, 3 voll. com o texto original ao lado; *Cartas chamadas « Heroides »* por Miguel do Couto Guerreiro, Lisboa, 1789, 2 voll., 8.°; *Commento sobre os cinco livros de « Tristes »* pelo P. Mathias Viegas da Silva, Lisboa, 1733, 1 vol., 8.°; *Compendio das Metamorphoses com uma succinta e methodica explicação a cada fabula,* trad. por José Antonio da

PROSA

A Historia

40. — Titus-Livius (59-17 dep. de C.). Em face de tam illustres poetas como os que acabamos de estudar só podemos nomear este grande prosador. Natural de Pádua recebeu uma educação superior, aprendendo o grego, a rhetorica, a philosophia, e passando a viver em Roma na amizade de Augusto. Quando chegou a Roma, attrahido pela idéa de se consagrar á sua vocação de historiador, encontrou a boa vontade e o acolhimento favoravel do imperador, que pôs á sua disposição os archivos do imperio. Durante vinte e um annos, Tito-Lívio trabalhou com independencia critica no seu monumental trabalho, que abraçava os factos succedidos desde Rómulo até á morte de Druso, irmão de Tiberio, e que o auctor devidiu em 142 livros e distribuiu em décadas. Infelizmente só chegaram até nós a 1.ª década, os 25 livros que vão de 21 a 45 e fragmentos doutros. Escripta com grande verdade, a *História de Roma* é notavel pela nitidez luminosa da narração, pelo estylo eloquente, grandioso e abundante, a que Quintilliano chamava *lactea ubertas*. A admiração que suscitou entre os antigos foi enorme. Conta Plinio o Moço que um espanhol, de Cadis, emprehendera a viajem a Roma sómente para ver o grande historiador. Embora não se possa dizer absolutamente imparcial, pois muitas vezes é victima das suas sympathias ou antipathias, é em compensação vivo, apaixonado, dramatico. A sua obra contém uma bella galeria de quadros heroicos. Tambem nella se encontram soberbos trechos oratorios postos na boca das suas personagens e compostos com uma arte incomparavel (1).

Silva Rego, Lisboa, 1772, 1 vol., 12.º; *Os quatro primeiros livros das « Metamorphoses »* trad. de Almeno, Lisboa, 1805, 1 vol., 12.º.

(1) Bibliographia : Ed. Lemaire, 12 voll., Hachette ; ed. Weissenborn, 10 voll., Berlim, Weidmann ; ed. em 6 voll., Leipzig, Teubner ;

41. — Continuadores. Tito-Lívio não deixou quem lhe succedesse. Citam-se *Pompeius-Trogus* seu quasi contemporaneo, como auctor duma história universal — *Historiae Philippicae* — (44 voll.), de que nos resta um resumo feito no tempo dos Antoninos por um tal Justino; *Arrunzio, Fenestella, Verrio Flacco* e outros, mas positivamente para se encontrar um grande nome de historiador é preciso ir á época da decadencia procurar o de Tácito.

ELOQUENCIA

42. — **Estado da eloquencia.** Póde dizer-se que a eloquencia romana terminou em Cicero. O estado politico motivado pelo imperio foi a principal causa da eloquencia se não desenvolver. Para que era ella necessaria, se a vontade omnipotente de Augusto era em tudo e por todos respeitada? Para quê as discussões no fôro e nos comicios, se a todas se antepunha a vontade dum homem? Com a liberdade de Roma, morrera tambem a eloquencia. Assim não temos oradores, temos rhetoricos. Á falta de grandes themas politicos ou sociaes ha as palavras, o estylo, a fórma. O verbo audaz dos que querem reagir, como o de *Labieno* e *Cassio Severo*, considerado chefe duma escola, é abafado na corrente geral, morrendo sem echo, que o repercutisse (1).

---

ed. dos ll. XXI-XXX de Riemann e Benoist, 3 voll., Hachette; Harant et Pichon, 1814-95. Trad. fr. Dureau de la Malle (Garnier) e Gaucher, Paris (Hachette). Sobre Tito-Livio: Taine, *Essai sur Tite-Live*; Nisard, *Les quatre grands historiens latins*; Riemman, *Etudes sur la langue et la grammaire de Tite-Live*, 1885. Trad. portug.; *Subsidio para intelligencia dos cinco primeiros livros da Historia Romana de Tito-Livio para uso dos estudantes de latim*, por Manuel Bernardes Branco, Porto, 1858, 8.°; *Historia romana com os supplementos de Freinshemio em portuguêś*, por José Victorino Barreto Feyo, Hamburgo, 1829, 1 vol., 8.°.

(1) Bibliographia: Meyer, *Or. rom. fragm.*

IV

PERIODO DE DECADENCIA

[14 — 476 depois de Chr.]

43. — **Caracter politico deste periodo.** Pela historia sabemos qual foi o estado social e politico do imperio romano depois da morte de Augusto. Este periodo comprehende as tiranias ferozes dos imperadores da familia Claudia (14-68), as turbulentas vicissitudes das luctas pelo principado entre Galba, Ottão e Vitelio (68-69); o governo dos Flavios, tranquillo com Vespasiano e Tito, cruel com Domiciano (69-96), o *beatissimum saeculum,* como lhe chama Tacito, a edade feliz de Nerva a Trajano (96-118), durante a qual o imperio consegue, no meio da sua maior extensão, uma tranquillidade innegavel. Se a agonia do imperio foi lenta deve-se isso ás grandes qualidades de resistencia que trouxera do tempo de Octaviano. Mas essa vida que termina em 476 mercê das guerras civis dos pretendentes ao throno, da transferencia da capital de Roma para Bisancio, da divisão do imperio em Oriental e Occidental, das invasões dos barbaros e, enfim, do triumpho do Christianismo, não é senão uma longa e tormentosa agonia. Os germens de dissolução do periodo anterior alastram-se de maneira rapidissima, contaminando tudo e todos. Do alto do throno o exemplo baixa incessantemente. A classe patricia e a plebea, o exercito, os sacerdotes, a sociedade familiar estão contaminados da mesma lepra moral. Tiberio (14-37), Caligula (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68) são successivamente mais ferozes uns que os outros. A concussão e o roubo nos negocios publicos, o divórcio, o adulterio e a prosti-

tuição nas familias, a indisciplina e suborno no exército, são males geraes.

44. — Caracter literario. Como podia numa sociedade assim desenvolver-se o gosto e o amor das letras? A decadencia tinha de ser inevitavel, e foi-o. O imperio entrava na agonia, a literatura seguia-o. A multidão já não se interessa senão pela distribuição de viveres e pelos jogos — *panem et circenses.* Os auctores tambem se não preoccupam com ella; refugiam-se na erudição, na habilidade de compôr, de inventar formas novas e extravagantes — versos *acrosticos* e *telesticos,* isto é, em combinar versos de forma que as letras *iniciaes* ou as *finaes* formassem, lidas d'alto a baixo, o titulo da composição, *serpentinos,* que acabavam com o mesmo hemistichio com que começavam, etc. Para essa decadencia contribuem o gosto e habito das leituras publicás: o escriptor, poeta ou declamador alugava uma sala e convidava os amigos a ir ouvi-lo — composições que na forma como no fundo nada tinham de apreciavel, extravagancias, paradoxos, com pretensões a originalidades. Mas os applausos não faltavam; ouvintes, hoje, seriam amanhã leitores e sollicitariam os mesmos applausos. A vaidade estava satisfeita e tanto bastava. Demais a literatura diffunde-se e o que ganha em extensão perde em intensidade. Muitos auctores já não são nem romanos, nem sequer italianos: ha-os de Espanha, das Gallias, da Africa, do Oriente. Adeus perfeição, cultura, gosto artistico e apurado! Tudo se dissolve num cosmopolitismo sem norte e sem programma. Tal a impressão que se colhe deste periodo, quando não fixamos nomes como os de Tacito e poucos mais.

A POESIA

45. — Fabula Esopica. Phaedrus. A fabula esopica está entre a satira e o jambo; com este tem affinidade

pelo metro, com aquella tem-no pelo escopo, que pretende moralizar deleitando á maneira de Esopo (550 A. C.). Já Ennio, Plauto e Lucilio se serviram de fabulas, bem como Horacio nas satyras e nas Epistolas, mas o genero foi tratrado de proposito neste periodo e é seu representante Phedro, que grangeou a immortalidade inaugurando entre os romanos esta nova forma literaria. As suas composições (80) permanecêram ignoradas durante quinze séculos. Foi em 1562 que o manuscripto, que as continha, se descobriu na abbadia de *Saint-Benoit-sur-Loire,* sendo publicado em 1596 por Pedro Pithon. Phedro não é impeccavel; longe disso. Se se elogia o seu estylo breve e incisivo e uma certa elegancia, não se póde esquecer a sua falta de inspiração. Phedro não conseguiu libertar-se de Esopo, seu mestre e seu modêlo. Na linguagem o uso dos termos abstractos em vez dos concretos prejudica a correcção e a limpidez (1). Entretanto os seus cinco livros de fabulas formam um trabalho de interessantes leituras moraes, das quaes se colhe o duplo escopo indicado no prologo pelo auctor:

> *Duplex libelli dos: quod risum movet et*
> *Quod prudenti vitam consilio monet.*

46. — **L. Annaeus Seneca** (4-65 dep. Chr.) espanhol, natural de Córdova, seguiu em Roma a sua educação literaria e scientifica, em parte numa escola de rhetorica, que seu pae dirigia naquella cidade. O seu talento excitou o furor de Calígula, escapando elle á morte mas não ao desterro para a Córsega, para onde depois o enviou Cláudio, a pretexto de manter relações illicitas com Julia

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 2 voll., Hachette; ed. clássica de Talbert, Hachette; ed. de Berger de Xivrey, 1830. Trad. italiana, muito apreciada, de G. Rigutini Firenze, 1883. Sobre o conhecimento e a diffusão das fabulas Esopicas deve ler-se Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos — *O livro de Esopo,* Lisboa, 1906.

Livia, irmã de Caligula. Oito annos mais tarde Agrippina chamou-o a Roma, e nomeou-o preceptor de seu filho Nero, de quem por muitos annos foi amigo e conselheiro, mas a crueldade deste imperador não o poupou: envolvido na conjuração de Pisão recebeu do proprio Nero a ordem de morrer, e tranquillamente morreu abrindo as veias, como um estoico.

Além dos seus trabalhos philosophicos deixou Séneca oito tragedias completas e uma incompleta que são: *Hercules furens, Troades* ou *Hecuba, Phoenissae* ou *Thebais* (incompleta) *Medea, Phaedra* ou *Hippolytus, Oedipus, Agamemnon, Thyestes* e *Hercules Oetaeus.*

Imitadas de Sophocles e Euripedes estas obras ficam muito àquem das dos seus modêlos. A narração é diffusa e rhetorica, as personagens indecisas. Em compensação o diálogo abunda em conceitos moraes purissimos, e a variedade dos metros dá ao verso vivacidade e harmonia.

Tem mais um trabalho scientifico — *Naturalium quaestionum lib. VII* — versando sobre physica segundo o systema estoico e que foi usado durante a edade-media como texto escolar, e deixou ainda varios trabalhos de philosophia sobre a *tranquillidade da alma,* a *colera,* a *brevidade da vida,* a *clemencia,* os *beneficios,* a *constancia do sabio* e, enfim, a sua melhor obra, as 124 *Cartas a Lucilio,* escriptas a este seu discipulo sobre diversos assumptos de moral, emprego do tempo, utilidade das viajens e dos livros, escolha de amigos, frivolidade cruel dos espectaculos, vantagens e inconvenientes da solidão, corajem na morte, immortalidade da alma, etc.

Quem diria que um tam bello moralista havia de descer á baixeza de escrever a memoria que Nero dirijiu ao senado para se justificar do assassinio de Agrippina, sua mãi; que havia de ser um adulador de Claudio quando imperador para o cobrir de injurias e de improperios depois d'elle morto, e que, enfim, havia de passar uma

vida de luxo, de dissipação e de prazeres elle que contra essas fraquezas sempre tinha o latego erguido! (1).

47. — M. Annaeus Lucanus (39-65), sobrinho do precedente e como elle cordovês, foi aos oito annos para Roma, onde seu tio lhe dirigiu a educação. D'ahi data tambem a amizade com o então principe e mais tarde imperador Nero. Gozando a principio das bôas graças deste monstro coroado, obteve mercês em barda, sendo um dos favoritos da côrte. Pouco depois esta amizade custou a vida ao poeta. Nero quís rivalizar com Lucano, e annunciou que faria representar a sua tragédia *Niobe* no grande theatro de Pompeia. Lucano improvisou um poema para o concurso, que os juizes collocaram acima da obra imperial. Nem tanto era preciso, para motivar um ódio inextinguivel. Mas veiu a conjuração de Pisão descoberta pela traição de Scaevinus. Lucano, implicado nella, ainda pretendeu evitar a condemnação á morte denunciando entre outras pessoas sua propria mãi *Acilia*, tendo por fim de abrir as veias recitando na agonia os versos do seu poema, em que descrevia a morte dum soldado pelo esgotamento de sangue (2). Das muitas obras que escreveu só chegou até nós a sua *Pharsalia*, poema épico em 10 cantos, sobre a *guerra civil* entre Cesar e Pompeu, que começou na célebre passagem do Rubicão e durou até á batalha da *Pharsalia* no anno 48 antes de Chr., mas Lucano conduziu a acção até ao cerco de Alexandria por Cesar. Fôram muito injustos os que collocaram a *Phar-*

---

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 10 voll., Hachette; ed. Fickert, 3 voll., Leipzig, Weidmann; ed. Haase, 3 voll., Leipzig, Teubner; ed. crítica de F. Leo, Berlim, 1879; Thamin e Levrault, 1896; P. Thomas, 1896 (Hachette). Trad. fr. — Du Rozoir 1832 (Panckoucke); Elias Regnault, 1838 (Nisard). As tragedias foram trad. por Giov. Chiarini, 1849, Firenze. Para consultar: Boissier, *La religion romaine*; Martha, *Les moralistes sous l'empire romain*; etc.

(2) Tácito, *Annales*, l. xv, cap. lxx.

sália acima da *Eneida*. Um sentimentalismo exagerado, traduzido em não menos exageradas declamações rhetoricas, prejudica a narração apertada no círculo estreito da chronologia. *Parece uma história e não um poema,* dizia já Servio no sec. 4.º no seu commentario á Eneida. Não se descobre bem nem o intuito do auctor, nem a unidade da obra. Quem é o heroe do poema? Pompeu? Cesar? Lucano quís tentar a narração épica duma história civil? ou rehabilitar a memória de Catão e seus sectarios, como grandes exemplos de patriotismo e independencia? O poeta morreu aos 26 annos: a sua obra ficou incompleta. Tal a desculpa dos defeitos da *Pharsalia* que é, apesar de tudo, um bello monumento da lingua latina (1).

48. — **Outros escriptores epicos**: *C. Valérius Flaccus,* (m. cerca de 90) *Sílius Itálicus* (25-101) e *P. Papínius Stáccius,* (45-96) que se entregaram tambem ao genero épico, sam escriptores de segunda ordem. Temos do primeiro a *Argonautica* em 8 liv. sobre a lenda tam conhecida de Jason, já tratada pelo grego Apollónio de Rhodes (2), revelando o exforço do poeta por se approximar de Vergilio tanto no fundo, como na forma; do segundo a *Púnica,* em 17 liv., calcada sobre a história de Tito-Livio e os poemas de Homero e Vergilio, sobre a grande guerra de Annibal; (3) e do terceiro a *Thebaida* em 12 liv., sobre a lucta entre Etéoclo e Polynice e a guerra dos herois gregos contra Thebas, e a *Achilleida* ou lenda de Achilles, de que só compôs livro e meio (4). De Estacio,

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. Naudet, Hachette; ed. de Hosius, Leipzig, 1893. Trad. francesas: de Marmontel rev. por H. Durand, Paris (Garnier) e em verso por Demogeot, 1866 (Hachette).

(2) Ed. de Baehrens, Leipzig, 1875.

(3) Ed. e tr. ital. de Onorato Occioni, Turim 1889.

(4) Ed. da *Thebaida,* Müller, Leipzig, 1870; ed. da *Achilleida,* Kohlmann, Leipzig, 1879.

porem, a melhor obra são as *Silvae,* collecção de 52 poesias dispostas em 5 livros escriptas com grande facilidade sobre varios argumentos, já frivolo como quando canta o papagaio de Atedio Meliore, já affectuoso e nobre como na ecloga a sua mulher Claudia e nos epicedios do pae e do filho, já artisticamente descriptivo como na Silva (5,5) dos Saturnaes.

49. — M. Valerius Martialis (42-102), espanhol, natural de Bilbilis (1), adquiriu a sua celebridade em Roma, onde viveu durante os reinados de Vespasiano, Tito e Domiciano. Escreveu mil e quinhentos epigrammas destribuidos em quatorze livros. Com multiplas referencias a personalidades e successos da sua epoca, escriptos com grandes variedades de rimas, curtos, vivos, espirituosos, cheios de malicia, alguns obscenos e immoraes, os epigrammas de Marcial sam um documento curioso para o conhecimento da sociedade do seu tempo (2). Julgando a propria obra escreveu elle:

> *Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura,*
> *Quae legis hic* (I, 16).

50. — A. Pérsius Flaccus, (34-62) é tambem um poeta satyrico. A sua educação de perfeito estoico traduziu-se nos pequenos trechos que escreveu, notaveis sobretudo pela elevação moral. Os vicios e desregramentos da sua época, partam até do proprio throno, encontraram nelle um nobre censor. As suas satyras — *Os homens de letras; Contra a hypocresia;* a *Preguiça;* a *Presumpção dos grandes*; a *Verdadeira liberdade* e os *Avaros* — contendo numerosas allusões a coisas contemporaneas, e escriptas

(1) *Bilbilis,* na Espanha Tarraconense.

(2) Bibliographia: Ed. de Friedländer, Leipzig, 1886. Trad. ital. de P. Mangenta, 1842, Veneza.

em estylo excessivamente figurado e abstracto sam de difficil comprehensão e obscuras de mais para poderem ser lidas e estimadas (1).

51. — T. Petrónius Arbiter (m. em 66) é o auctor duma especie de romance, parte em prosa, parte em verso, devidido em 16 livros, conhecido pelo nome de *Satyricon*, de que restam fragmentos importantes. Tres episodios, os mais notaveis de todo o livro, podem dar uma idea do processo do auctor: o do *banquete de Trimalcião*, em que retrata a côres vivissimas um homem vil e grosseiro que num banquete, a proposito das iguarias e dos vinhos servidos aos convivas faz a apologia desvergonhada das proprias riquezas, discursando ridiculamente a todo o pretexto; o da *Matrona de Epheso*, satyra contra a mulher inconstante que chorando sobre o tumulo do marido, bem depressa se deixa consolar pelo primeiro soldado aventureiro que se lhe deparou; e o da *guerra civil* entre Cesar e Pompeu, onde ha descripções cheias de finura e de observação. Em linguagem popular, licenciosa, obscena mesmo, no *Satyricon* avultam scenas pintorescas em que ha clarissimas allusões a Nero, Caligula e outras individualidades do seu tempo (2). O auctor será o *arbitro das elegancias* de Nero e morto por ordem do mesmo Nero no anno 66 de quem falla Tacito? (*Ann.* XVI, 18-19).

---

(1) Bibliographia: Ed. critica de Otto Jahn, Leipzig 1843; ed., só o texto, Berlim, Weidmann, 1886; ed. Macleane, Londres, Wittaker. Trad italiana de Monti, Milão, 1888; Trad. de Persio e Juvenal por Dussaulx revista por Pierrot et J. Lemaistre, Paris (Garnier); Despois, Paris (Hachette); em verso, Lagoguey, 1874 e J. Lacroix, Paris (Hachette). Trad. portug.: *As satyras de Auro Persio Flacco, principe dos satyricos romanos*, trad. e annotadas por Francisco Antonio Martins Bastos, Lisboa, 1837, 1 vol.

(2) Bibliographia: Ed. de Bücheler, Berlim, 1882. Ha uma boa trad. italiana de G. A. Cesares, 1887, Firenze; francesa de Heguin de Guerte, Paris, (Garnier).

57. — D. Iunius Juvenalis (55-130 ou 140) é o primeiro poeta satyrico da literatura romana.

Testemunha durante mais de sessenta annos da devassidão da grande capital, soube retratá-la nos seus epigrammas sem hypocrisia, duma maneira cruel e vigorosa. As dezaseis satyras, que possuimos, são como um ferro em brasa applicado ás podridões sociaes dos seus contemporaneos. Os corruptos e hypocritas, os parasitas, os nobres devassos e prepotentes sentem-lhe o látego implacavel. Debaixo da crueza da sua linguagem lateja uma viril indignação. Por isso as suas satyras são, como escreveu Nisard, para a história particular de Roma, o que os *Annaes* de Tácito são para a história pública. Apesar dos seus defeitos, Juvenal é ainda assim um dos maiores poetas de Roma (2). Notemos, especialmente, a 1.ª que é como que o programma do poeta; a 2.ª contra os hypocritas; a 3.ª que trata das más artes e costumes corruptos da capital; a 5.ª contra os parasitas e a miseria dos clientes; a 6.ª contra as molheres; a 7.ª que se occupa das condições dos literatos; a 8.ª dos nobres.

A PROSA

58. — **Alguns representantes secundarios da historia.** O maior prosador da época da decadencia é sem contestação o historiador Tácito. Mas deixaram tambem trabalhos historicos alguns escriptores, que merecem ser lembrados:

---

(1) Bibliographia: Ed. de Lamaire, 3 vol., Hachette; ed. Hermann, Leipzig, Teubner; ed. Mayer, London, Marmillan; ed. de J. Bücheler, Berlim, 1886; ed. com notas de Weidner, Leipzig, 1889. Trad. francesa, vid. n. 1.ª de pag. 192; italiana, Raffaele Vescovi, 1875, Firenze. Trad. portug.: *As satyras de Decio Junio Juvenal, principe dos poetas satyricos,* trad. por Francisco Antonio Martins Bastos, Lisboa, 1839, 2 voll.; *Satyras de Juvenal,* trasladadas em verso portugues, e com introducções e notas, por A. S. S. Costa Lobo, Lisboa, 1878, 2 voll.

Valleius Patérculus, do tempo de Tibério, escreveu um resumo da história romana desde a fundação da cidade até ao anno 30 depois de J. C., em dois livros, o primeiro dos quaes nos chegou mutilado. Deslustra muito o seu caracter o ter prodigalizado grandes elogios a Tibério. O seu estylo é declamatorio, mas a linguagem é bastante vernacula (1); *Valérius Máximus,* contemporaneo do precedente, e auctor dos *Factorum memorabilium libri novem,* em que se encontram vis adulações a Tibério, e que é uma collecção de dictos sobre religião, disciplina militar, instituições antigas, etc., em estylo empolado e falto de critica (2); *Quintus Cúrius Rufus,* auctor dos 10 livros *Historiarum Alexandri Magni,* de que faltam os dois primeiros, obras de pouco discernimento, pois os factos são referidos *utcumque sunt tradita* (3) e *C. Suetonius, Tranquillus* (75 ?-160 ?), grammatico e advogado do tempo de Trajano que escreveu *De Vita Caesarum,* série de biographias de 12 Cesares, desde J. Cesar até Domiciano, sem criterio scientifico, embora com verdade (4).

59. — **C. Cornelius Tacitus** (54 ou 55-117 ou 120) suppõe-se que nasceu em Interamna (Terni), cidade da Umbria, mas não ha provas disso. Encontramo-lo vivendo em Roma e gozando das mais distinctas prerogativas. Foi questor, edil, pretor e membro do collegio dos quindecemviros; a sua reputação devia ser grande para que

---

(1) Tem o titulo : *Historiae romanae ad M. Vinicium consulem libri du II.* Ed. de C. Halm., Leipzig, 1876.

(2) Titulo : *Factorum et dictorum memorabilium lib. IX;* Ed. de Kempf, Leipzig, 1888.

(3) Bibliographia : Ed. crítica de Vogel, Leipzig, 1881; ed. com notas ital. de E. Cocchia, Turim, 1884-85.

(4) Ed. de C. Rotn., Leipzig, 1886. Trad. francesas : Pessonueaux, 1656; La Harpe, refundida por Cabaret-Dupaty, Paris (Garnier); italiana Gius. Rigutini, 1882, Firenze. A consultar : A. Macé, *Suétone sa vie et sont oeuvre ;* Ch. Simond, *Suétone* na coll. Louis-Michaud.

esposasse a filha do consul Agrícola, o célebre governador da Bretanha. Eis as suas obras:

1.ª — *Dialogus de oratoribus* que parece ser da sua mocidade. Já neste livro transparece o critico dos *Annaes*, explicando as vicissitudes da eloquencia pelas das instituições e costumes. E' um elogio apaixonado da eloquencia antiga, mostrando tambem como e porque degenera a eloquencia contemporanea.

2.ª — *Germanica* é uma monographia descriptiva dos povos da Germánia. Os primeiros 6 cap. versam sobre a situação geographica, a natureza do país e a orijem dos germanos; os cap. 7-27 sobre as instituições, leis e religião, e os cap. 28-46 trata das tribus em particular. Ao mesmo tempo geográphica, historica e philosophica, esta obra, escripta com muita exactidão, é como que um aviso indicando aos romanos o logar do perigo, que começa de surgir e de ameaçar a grande republica. E' para notar o criterio moral de Tácito, que o leva a oppôr a severa e primitiva simplicidade dum povo bárbaro, á corrupção e baixeza da nação civilizada por excellencia.

3.ª — *De vita et moribus Iulii Agricolae liber*, é a biographia de seu sogro, cujo campo principal de acção militar foi a Bretanha. Ao mesmo tempo que esboça o retrato dum homem, que foi um grande cidadão, Tácito descreve muitos factos interessantes e uteis — a descripção da Gran-Bretanha, os esforços feitos pelos romanos para sojeitar os povos que a habitavam, os successos do reinado de Domiciano, etc.

4.ª — *Historiae*. Estas comprehendiam 14 livros contando os factos desde a morte de Nero (68) até á de Domiciano (96), mas só chegaram até nós os primeiros quatro e os cap. 1-26 do quinto, relativos aos annos de 69-70.

5.ª — *Annales* ou *Ab excessu divi Augusti*, em 16 livros dos quaes temos oito completos (II-V e XII-XV) e quatro mutilados (V, VI, XI, XVI); os restantes quatro (VII-X) perderam-se totalmente.

Tácito é o grande historiador da antiguidade. Bossuet chamava-lhe o *mais grave* dos historiadores e Racine o *maior pintor*. Recolhidos em documentos authenticos, julgados á luz dum espirito verdadeiramente superior, os factos não são para elle uma emanação da divindade. Analysta das consciencias e dos caracteres, a indole geral da humanidade explica-lhe bem a causa delles. O seu estylo vigoroso e másculo, apesar da concisão e de não ter já a pureza do da edade aurea da lingoa, é variado e riquissimo accommodando-se admiravelmente a todas as observações do grande historiador (1). « Apprehender a verdade, diz Pichon, por uma investigação ardente, nervosa,

---

(1) BIBLIOGRAPHIA : Ed. Lemaire, 6 vol., Hachette ; ed. Burnouf, Hachette ; ed. critica dos *Annaes* por E. Jacob, 2 voll., Hachette ; *De orat*, Goelzer, Paris, 1887 ; *Germ.*, Müller, Praga, 1889 ; *Hist.*, Goelzer, Paris, 1886 ; *Ann.*, Prammer, Vienna, 1888 ; ed. Halm., 2 voll., Leipzig, Teubner ; ed. Nipperdey, 4 voll., Berlim, Weidmann Trad. francesas : Dureau de la Malle, Paris (Garnier) ; Burnouf, Paris, 1827 (Hachette) ; Louandre, Paris, 1859 (Charpentier). Para consultar : Nisard, *Les grands historiens latins ;* Boissier, *L'opposition sous les Césars ;* Droeger, *Syntaxe et style de Tacite.* Trad. portug. : *Os Annaes,* trad. em linguagem portuguesa por José Liberato Freire de Carvalho, Paris, 1830, 2 voll. ; *Vida de Cneo Julio Agricola,* escripta por Caio Cornelio Tacito, trad. e annotada com o texto ao lado por D. José Maria Corrêa de Lacerda, Lisboa, 1842, 2.º ; *Dialago dos Oradores, ou ácerca das causas de corrupção da eloquencia, attribuido a C. C. Tacito,* trad. e annotado (com o texto) por D. José M. d'Almeida e A. Correia de Lacerda, Lisboa, 1852, 1 vol., 8.º ; *Tacito portugues, ou trad. politica dos tres primeiros livros dos Annaes, illustrados com varias ponderações que servem á comprehensão assim da historia como da politica,* por Luiz do Couto Felix, Lisboa, 1715, 1 vol., 4.º ; *Tratado da situação, costumes e povos da Germania,* trad. e annotado com o texto ao lado por D. José Maria Correia de Lacerda, Lisboa, 1846, 1 vol., 4.º ; *Todas as obras com o texto latino em frente,* por José Theotonio Canuto de Forjó, Lisboa, 1821, 1 vol. 8.º.

febril, d'alguma sorte, e reduzi-la tal qual ella é em todo o seu brilho e toda a sua brutalidade, por vil e odiosa que possa ser, eis o que Tacito pretende attingir. E' o mais triste dos escriptores latinos, porque é o mais profundo psychologo e o pintor mais verdadeiro ».

ELOQUENCIA

60. — **A rhetorica substitue-se á eloquencia: Quintiliano.** A eloquencia, que já decaira no tempo de Augusto, desappareceu para ser substituida pela declamação. Não ha já oradores, ha rhetoricos. O maior de todos elles é *Fabius Quintilianus* (35-95) nascido em Calagurris (Calahorra), na Espanha Tarraconesa, mas educado em Roma, onde conquistou as bôas graças do imperador Vespasiano e de Domiciano, que o encarregou de dirigir a educação dos seus dous sobrinhos, filhos de Flavia Domitilla. Professor de eloquencia durante vinte annos reuniu o fructo dos seus trabalhos nos 12 livros *Institutiones oratoriae,* que são um curso completo de rhetórica desde os rudimentos da grammatica até ás fórmas mais perfeitas da arte de dizer. Occupa-se dos estudos grammaticaes no liv. 1.º; dos elementos de rhetorica no liv. 2.º; da invenção e disposição nos livs. 3.º-7.º; da elocução, memoria e declamação, nos livs. 8.º-11.º; enfim do orador perfeito no liv. 12.º São especialmente dignos de menção os livros X e XII, aquelle sobre os escriptores gregos e latinos propostos como modêlos aos oradores, e este sobre os costumes do orador, que seguindo a Catão, elle definiu: « um homem de bem que sabe fallar ». Quintiliano teve o merito de procurar oppôr-se com todas as forças á decadencia literaria do seu tempo, embora fosse impotente para a suster (1).

---

(1) BIBLIOGRAPHIA: Ed. Bonnell, 2 voll., Leipzig, Teubner; ed. para as escólas do l. X de D. Bassi, Turim, 1884; Meister, 1885-87;

61. — C. Plinius Secundus Junior (63-113), cognominado o *Moço* para o distinguir de seu tio *Plinio o Velho,* de quem fallamos a seguir. Além das suas *Cartas,* curiosissimas porque nos ajudam a conhecer o estado da época em que o auctor as escreveu (97-109), e nos fornecem outras indicações de valor, deixou Plinio um *Panegyrico a Trajano* onde se mostra o bom discipulo, que foi, de Quintiliano. Este imperador tinha-o agraciado com muitas honras, nomeando-o successivamente consul, sacerdote magno, augur e governador da Bithynia (1). Plinio mostra o seu reconhecimento neste *Panegyrico* composto para ser recitado perante o Senado, e no qual exalçava em periodos repletos de adulação os merecimentos do imperador. As suas *Cartas* são, porem, mais apreciaveis que o *Panegyrico,* porque são variadas e interessantes nos assumptos que tratam como, por ex., a 16.ª e 20.ª do liv. 6.º, que descrevem a famosa erupção do Vesusio e as circunstancias que a acompanharam (2).

Hild, 1885; Trad. francesa: Ouizille, rev. por Pessoneaux, Paris (Charpentier); Trad. port.: *Instituições oratorias escolhidas dos seus 12 livros, trad. illustradas com notas criticas, hist. e rhetoricas, para uso dos que aprendem,* por Jeronymo Soares Barboza, Coimbra, 1778, 2 voll., 4.º; *Os tres livros das instituições rhetoricos,* trad. do latim por João Rosado Villalobos, Coimbra, 1794, 2 voll., 8.º

(1) Cêrca de 103. E' notavel o inquerito que Plinio fez a respeito dos christãos da Bithynia e o testemunho que delles dá ao imperador (10.º livro).

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, 2. voll., Hachete; ed. Keil, Leipzig, 1870, Teubner; Trad. francesas: S. de Sacy, 1700; J. Pierrot na collecção Panckoucke; ed. do *Panegyrico,* Burnouf, Paris (Delalain); ed. das *Cartas,* Cabaret-Dupaty, Paris, (Garnier). Para consultar: Mommsen, *Etude sur Pline le Jeune;* Demogeot, *Etude sur Pline le Jeune;* Pelisson, *Les Romains au temps de Pline le Jeune.*

OUTROS GENEROS

62. — C. Plinius Secundus Senior (23-78), o *Velho*, é principalmente conhecido pelos trinta e sete livros *Naturalis historiae*, que são como que o inventario de tudo quanto os antigos haviam escripto sobre sciencias physicas. No 1.º livro encerra o catálogo das materias a tratar e o dos auctores consultados: seguem-se os livros de cosmographia (II), geographia historica e politica (III-VI), o de anthropologia (VII), zoologia (VIII-XI), botanica (XII-XIX), botanica medica (XX-XXXII), e os de mineralogia (XXXIII-XXXVII). Esta obra é sobretudo notavel como compilação, e embora falha de critica, é muito rica de materiaes, na acquisição de cujo conhecimento Plinio foi incansavel, devendo até a morte, sob as cinzas dúma erupção do Vesuvio (1), a essa sêde insaciavel de conhecimentos (2).

63. — L. Apuleius (138-180 depois de C.) africano, natural de Madaura, deixou-nos, além de várias obras de philosophia, um romance com o titulo *Metamorphoseon libri XI*, tambem conhecido pelo nome de *Burro de Ouro*, extraordinaria phantasia, onde o auctor descreve as differentes peripecias succedidas a um tal Lucio transformado pela fôrça da magia em burro, e regressando a homem por virtude de Isis, assumpto já tratado por Luciano, mas variado por Apuleio com elementos diversos e episodios numerosos, alguns dos quaes, como por exemplo, o

---

(1) Cfr. a carta 6.ª do l. XVI de Plínio o Moço a Tácito.

(2) BIBLIOGRAPHIA: Ed. Lemaire, 13 voll., Hachette; ed. Ajanson e Grandsagne, 20 voll., Panckoucke; ed. Jan e Mayhoff, 6 voll., Leipzig, Teubner; ed. de Detlefsen, Berlim, 1866-73. Trad. francesas: ed. Littré, Paris, (Didot). Para consultar: Littré, á frente da traducção cit.; — Sainte-Beuve, *Causeries du Lundi*, I-II.

mytho do Amor e Psyche (4, 28-6, 24) são graciosissimos (1).

64. — Aulus Gélius (125-175 dep. de C.) é digno de menção pela sua obra *Noites Átticas* em 20 liv., curiosa collecção de extractos das leituras do auctor e resumos das suas discussões, conversações com os sabios, etc. Assumptos de grammatica, de rhetorica, de direito, de historia, de archeologia, analyses de obras philosophicas gregas ou latinas, thesouro inesgotavel de anedoctas, de informações curiosas sobre a vida literaria dos romanos e, em geral, sobre os costumes romanos tal a materia das *Noites Átticas*. « Foi num campo de Attica, diz elle no prefácio do seu livro, e para passar as longas noites de inverno, que me entretive a escrever esta collecção. Eis porque a intitulei *Noites Átticas* ». O estylo de Aulo Gélio é obscuro e repleto de locuções archaicas, mas ainda assim precioso para comprehender muitas passagens dos escriptores antigos (2).

COMPLETA DECADENCIA

65. — A decadencia da literatura romana acompanha a decadencia do imperio, que nenhuma fôrça já póde salvar. A desorientação politica e social era sem limites. Quando os bárbaros batiam ás portas de Roma, o imperio agonizava. As fronteiras estavam abandonadas. Nem fôrça physica nem moral. O aviltamento tinha corrompido

(1) Bibliographia: Ed. Eyosenhardt, Berlim, 1869; Weimann, 1893. Trad. francesas: Bétolaud, 1835; Surlette e Andrieux, 1872 (Didot). Para consultar: Monceaux, *Apulée,* 1886. Trad. portug.: *Burro de ouro,* por Francisco Antonio de Campos, Lisboa, 1847, 1 vol., 8.º.

(2) Bibliographia: Ed. de Lion, 1824, e de Hertz, 1853. Trad. francesas: Chamont, Flambart, et Buisson, na collecção Panckoucke; Jacquinet (Nisard). Para consultar: Fabre, These latina, 1848; F. Les, *Die roemische Literatur,* 1907.

o patriotismo. Os generaes e os ministros do imperador consumiam o tempo em intrigas palacianas; o interesse da patria ia de frente a outro maior — o particular, e a este era sacrificado. Como poderia progredir em taes condições o amor das letras? Havia sem dúvida quem escrevesse, mas vê-se em todas as obras o exotismo, a profusão de metaphoras, uma raiva de descripção illimitada, uma plethora de epithetos ociosos e amaneirados revelando na oratoria, por exemplo, a imbecilidade dos imitadores servis daquelles que outr'ora haviam imitado Cícero.

Os poetas versificam largamente sobre nadas, um banho, uma casa de campo, um jantar, etc. A tanto havia descido a divina poesia do cysne de Mántua! (1).

FIM DA LITERATURA LATINA

66. — Ao passo que o imperio succumbia, de sobre os escombros erguia-se como árvore frondosa o christianismo. Nomes impereciveis surgem nessa nova phalange victoriosa. Os apóstolos de hontem são os escriptores de hoje. Poetas, oradores, philosophos, cantam em triumpho as victórias da sua crença. O quarto século da era christã é a edade aurea dessa nova literatura. Mas por mais interessante e instructiva que seja, não é aqui o logar de a estudar.

---

(1) Cfr. *Rev. des Deux-Mondes*, março, 1890.

INDICE DAS MATERIAS

I

Philologia Portuguesa

II

Literatura Grega

A)

Poesia Grega

B)

Prosa Grega

III

Literatura Latina

INDICE ONOMASTICO [A]

I

Literatura Grega

(A) Por salto do respectivo verbete bibliographico ou porque esse conhecimento foi posteriormente adquirido indicam-se neste logar as traducções portuguesas não mencionadas no texto.

(1) *As odes de Anacreonte de Teos paraphraseadas por Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão*, Lisboa, 1804, 1 vol. A. Feliciano de Castilho, *A lyra de Anacreonte, vertida por...*, Paris, 1866, 8.º, gr. *A lyra anacreontica por José Agostinho de Macedo*, Lisboa, 1819, 1 vol., 8.º.

(2) Temos em português: *Argonautas*, poema por Apollonio Rhodio, trad. por José Maria da Costa e Silva, Lisboa, 1852, 1 vol.

(3) *Fabulas trad. do grego com applicações moraes a cada fabula*, por Manoel Mendes da Vidigueira, Lisboa, 1778, 1 vol., 8.º.

(4) *Historia dos Judeus escripta por Flavio José com o titulo de Antiguidades Judaicas*, trad. do original grego por José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Sousa. A esta se ajunta a historia da guerra dos judeus. Lisboa, 1793, 10 vol., 8.º.

(5) *Sobre o modo de escrever a historia*, trad. por Custodio José de Oliveira, Lisboa, 1771, 1 vol., 8.º.

(6) *Pirnes ou dialogo moral sobre a philosophia*, trad. do grego por Luis Antonio de Azevedo Lisbonense. Lisboa, 1790, 1 vol., 8.º.

(7) *Biographia de Quinto Sertorio precedida d'algumas observações sobre a romanização da peninsula*, por Gabriel Pereira; Evora, 1879, 8.º

II

Literatura Latina

ERRATAS

Pg. 3, n.º 3 — *phenomenos* por *phonemas*.
Pg. 29, n.º 26 — *presistencia* por *persistencia*.
Pg. 105, n.º 48 — *Ephicarmo* por *Epicarmo*.
Pg. 169, n.º 33 — *C. Tullius Caesar* por *C. Iulius Caesar*.

Estão tambem errados os n.ºs dos §§ desde pg. 161 — em que deve ler-se **32** em vez de **27**, até pg. 192 em que se lê **51** em vez de **56**. A ordem estabeleceu-se a pg. 193 com o n.º **57**.

MENDES DOS REMEDIOS

Historia da Literatura Portuguesa desde as origens até á [...]*lidade*, 3.ª ed. refundida. 1 vol. cart. ....
Introducção á Historia da Literatura Portuguesa, 3.ª e[...] muito melhorada..........................

Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portugu[...]

I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Mell[...]
II. — Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha, [...] satyrico do seculo xvii 300
III. — Lusiadas (2.ª ed. annotada, para as escolas) 400
IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal 300
V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva 300
VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva........................ 200
VII. — Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, seguida das suas poesias, publicadas no « Cancioneiro de Garcia de Rezende » 300
VIII. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (I) 300
IX. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (II) 200
X. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque (III) 300
XI. — Obras de Gil Vicente (Tomo primeiro) 500
XII. — Memorias de José da Cunha Brochado........... 250
XIII. — Chronica do Infante Santo D. Fernando 400

Philosophia elementar, 1 vol. cart...................... 1$200
Os Judeus em Portugal, 1 vol. broch. .... 1$000
Os Judeus Portugueses em Amsterdam, 1 vol. broch. 700
Sousa Martins e a Serra da Estrella, (Exgotado).
Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, (Exgotado).
Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, folh. (Exgotado).
Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (ensaio de catalogo) 200
As Horas de Nossa Senhora da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 1 folh. 200
Philomena de S. Boaventura 200
Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus 200

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 15 15 01 015 9